

Volume 11
2023

Coletânea

SABERES

e Interligações

uniatual
EDITORA

Volume 11
2023

Coletânea

SABERES

e Interligações

uniatual
EDITORA

© 2023 – Uniatual Editora

www.uniatual.com.br

universidadeatual@gmail.com

Organizador

Jader Luís da Silveira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Uniatual

Revisão: Respectiveos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C694s Coletânea Saberes e Interligações - Volume 11
/ Jader Luís da Silveira (Organizador). – Formiga (MG): Uniatual Editora, 2023. 187 p.: il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-86013-59-7
DOI: 10.5281/zenodo.10357262

1. Coletânea. 2. Multidisciplinar. 3. Saberes. 4. Interligações. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 001.4
CDU: 001

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Uniatual Editora
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.uniatual.com.br
universidadeatual@gmail.com
Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.uniatual.com.br/2023/12/coletanea-saberes-e-interligacoes.html>



AUTORES

ANA LÍDIA BENTES AMAZONAS
ANA PAULA ALVES DA SILVA
ANDRÉIA CRISTINA SCHUTZ
ANTONIA DYEYLLY RAMOS TÔRRES RIOS
CARLA ROTTER MAURIN
CAROLINA PEREIRA MORENO
CLARISSA BEZERRA DE SANTANA
CLÁUDIA MARA WITT RATOCHINSKI
ERICA FERNANDA BASTOS AVELINO
ERICO TADEU XAVIER
ERIK DAVID ALVES TOMAZ
FABIANA PÍA MARINA CARLETTO-KÖRBER
FABIANA RODRIGUES DE OLIVEIRA MELO
FERNANDO RAFAEL VÁZQUEZ
GISELLE CAROLINE FUCHS
HERCULES GUIMARÃES HONORATO
INMACULADA CASADO GÓMEZ
JANAINA DIAS CASSEB
JARDILENE VELOSO SOUSA
JOICE SIMIONATO VETTORELLO
JOSÉ FRANCISCO MARTÍN MORALES
KÁTIA SILENE DE ÁVILA LEIVAS
KATIA VERONICA ROCHA DA SILVA
LAÍS FUERST PACHECO
LINDOMI OLIVEIRA DE SOUZA JUNIOR
LUCIANA COSTA SERRA BRAGA
MARIA ELIDIANE LOPES FERREIRA LIMA
MARIA ELISA SOARES DOS ANJOS
MARÍA ROSA MOURELLE MARTÍNEZ
MARÍA SOL ARMANDO
NURIA E. GALLARDO LÓPEZ
OZINEIDE NASCIMENTO SANTOS
PABLO ALEJANDRO FONTANETTI
PAULA TANONAKA TAIRA
RANILSON EDILSON DA SILVA
REBECA BARREIRA VELEDA
RUTE SOARES SOUSA
SULEMA DE BRITO MOURA
TAIANE SOARES VIEIRA
TELMA LUSTOSA SILVA SANTANA
THELMA PINTO ALVES

APRESENTAÇÃO

A obra “Coletânea Saberes e Interligações - Volume 11” foi concebida diante artigos científicos especialmente selecionados por pesquisadores da área.

Os conteúdos apresentam considerações pertinentes sobre os temas abordados diante o meio de pesquisa e/ou objeto de estudo. Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Este e-book conta com trabalhos científicos interdisciplinares, aliados às temáticas das práticas ligadas a inovação, bem como os aspectos que buscam contabilizar com as contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização das metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

SUMÁRIO

Capítulo 1 A PERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA DE UMA UNIVERSIDADE CATARINENSE SOBRE A PRÁTICA DA ADOÇÃO <i>Andréia Cristina Schutz; Laís Fuerst Pacheco; Cláudia Mara Witt Ratochinski</i>	9
Capítulo 2 ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS DE CRESCIMENTO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM JOINVILLE (SC) E SÃO PAULO (SP) <i>Erico Tadeu Xavier</i>	24
Capítulo 3 ATIVIDADES COLETIVAS PARA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO <i>Erica Fernanda Bastos Avelino; Jardilene Veloso Sousa; Ozineide Nascimento Santos; Ranilson Edilson da Silva; Rute Soares Sousa; Thelma Pinto Alves</i>	44
Capítulo 4 REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE DEPRESSÃO EM ESTUDANTES DE MEDICINA <i>Ana Paula Alves da Silva; Erik David Alves Tomaz; Ana Lídia Bentes Amazonas; Carolina Pereira Moreno</i>	57
Capítulo 5 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS NA ESCOLA NAVAL BRASILEIRA: A COMPETÊNCIA INTERCULTURAL <i>Hercules Guimarães Honorato</i>	66
Capítulo 6 A ESCOLA E O DESVELAR DA PANDEMIA: AS CONTRADIÇÕES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO <i>Kátia Silene de Ávila Leivas</i>	84
Capítulo 7 O USO DE PROTOCOLOS NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM: UMA REVISÃO DE ESCOPO <i>Joice Simionato Vettorello; Antonia Dyeylly Ramos Tôrres Rios; Taiane Soares Vieira; Katia Veronica Rocha da Silva; Sulema de Brito Moura; Maria Elidiane Lopes Ferreira Lima</i>	91
Capítulo 8 A EXPERIÊNCIA DO PARTO: INFLUÊNCIAS NA VIDA DA MULHER <i>Laís Fuerst Pacheco; Giselle Caroline Fuchs</i>	113

Capítulo 9 INFLUÊNCIA DOS BICOS ARTIFICIAIS NO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO <i>Ana Paula Alves da Silva; Erik David Alves Tomaz; Fabiana Rodrigues de Oliveira Melo; Clarissa Bezerra de Santana; Paula Tanonaka Taira; Janaina Dias Casseb; Lindomi Oliveira de Souza Junior; Rebeca Barreira Veleda; Maria Elisa Soares dos Anjos; Luciana Costa Serra Braga</i>	131
Capítulo 10 O LÚDICO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Telma Lustosa Silva Santana</i>	151
Capítulo 11 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO CONTINUADA SOBRE ACIDENTES DE TRABALHO NO CONTEXTO HOSPITALAR: REVISÃO DE LITERATURA <i>Ana Paula Alves da Silva</i>	165
Capítulo 12 APRENDIZAGEM COLABORATIVA INTERNACIONAL NA CARREIRA ODONTOLÓGICA DA UNIVERSIDADE NACIONAL DE CÓRDOBA-ARGENTINA E UNIVERSIDADE COMPLUTENSE DE MADRID-ESPANHA <i>Fabiana Pía Marina Carletto-Körber; Inmaculada Casado Gómez; Pablo Alejandro Fontanetti; María Rosa Mourelle Martínez; Carla Rotter Maurin; Nuria E. Gallardo López; Fernando Rafael Vázquez; María Sol Armando; José Francisco Martín Morales</i>	173
AUTORES	181

Capítulo 1
A PERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA DE
UMA UNIVERSIDADE CATARINENSE SOBRE A PRÁTICA
DA ADOÇÃO

Andréia Cristina Schutz
Laís Fuerst Pacheco
Cláudia Mara Witt Ratochinski

A PERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA DE UMA UNIVERSIDADE CATARINENSE SOBRE A PRÁTICA DA ADOÇÃO

Andréia Cristina Schutz

Graduada em Psicologia; Universidade de Contestado (UNC); Mafra-SC

andreia_schutz@hotmail.com

Laís Fuerst Pacheco

Graduada em Psicologia; Universidade de Contestado (UNC); Mafra-SC

lais.fuerst.pacheco.23@gmail.com

Cláudia Mara Witt Ratochinski

Docente na Universidade do Contestado – Campus Mafra, Mestre do Programa de

Desenvolvimento Regional (PMDR)

claudiawitt.psicologia@yahoo.com.br

RESUMO

Nos dias atuais, temos o processo de adoção já bastante equiparado quanto a nova composição familiar, que hoje se apresentam em seus mais variados formatos. O presente estudo teve como objetivo estudar a percepção de acadêmicos de Psicologia de uma universidade catarinense sobre a prática da adoção. Tratou-se de uma pesquisa de natureza básica, qualitativa, exploratória e de levantamento. Para a coleta de dados foi desenvolvido uma entrevista semiestruturada composta por 4 questões, que foi aplicada após aprovação do CEP/UnC. Foram entrevistados 41 participantes, todos acadêmicos de Psicologia entre o 2º e 5º ano. Os dados encontrados foram analisados através da Análise Cateórica Temática de Conteúdo de Bardin (2011). Na pesquisa foi possível detectar na subcategoria percepção frente ao procedimento legal, os elementos de análise responsabilidade e ato de amor; já para a subcategoria motivos que levam a adoção, foram encontrados os elementos infertilidade e casais homoafetivos; na subcategoria seguinte, motivos que levam a não adoção, os elementos instabilidade financeira, medos diversos e preconceito da sociedade, sendo que na última subcategoria, dificuldades encontradas no processo de adoção, os elementos processo burocrático e características da crianças foram os mais citados. Dentre os principais resultados encontrados, ficou evidente, que embora exista muitos pretendentes a fim de fornecer um lar, em contrapartida também existem muitos entraves e desafios, como o preconceito e o perfil das crianças desejadas, a serem transpostos.

Palavras-chave: Psicologia. Adoção. Família.

ABSTRACT

Nowadays, we have the adoption process already quite similar in terms of the new family composition, which today is presented in its most varied formats. The present study aimed to study the perception of Psychology students from a university in Santa Catarina about the practice of adoption. It was a basic, qualitative, exploratory, and survey research. For data collection, a semi-structured interview consisting of 4 questions was developed, which was applied after approval by the CEP/UnC. 41 participants were interviewed, all Psychology students between the 2nd and 5th year. The data were analyzed using Bardin's Thematic Categorical Content Analysis (2011). In the research, it was possible to detect in the subcategory perception towards the legal procedure, the elements of analysis responsibility and an act of love; for the subcategory reasons that lead to adoption, the elements infertility and same-sex couples were found; in the following subcategory, reasons that lead to non-adoption, the elements financial instability, diverse fears and prejudice of society, and in the last subcategory, difficulties encountered in the adoption process, the features bureaucratic process and characteristics of the children were the most cited. Among the main results found, it was evident that although there are many suitors to provide a home, on the other hand, there are also many obstacles and challenges, such as prejudice and the profile of the desired children, to be overcome.

Keywords: Psychology. Adoption. Family.

INTRODUÇÃO

O processo de adoção é uma prática que vem ocorrendo desde os períodos mais antigos, trazendo em sua história, que o intuito de adotar uma criança antigamente, difere completamente da atualidade. A finalidade de adotar, envolvia questões ora políticas, ora religiosa ou ainda com interesse econômico, deixando então de ser um ato de caridade e apenas visando a perpetuação do nome e o poder que a família em questão queria manter. Contudo, ao passar do tempo o ato de adotar, passou a ter um novo significado, onde então a chegada de um novo membro junto ao seio familiar, trazia a amplificação do afeto e respeito (BORGES, 2021).

Todos os indivíduos, desde o início de sua vida, até sua vida adulta, necessitam de cuidados de outrem. Durante esse período, tem necessidades básicas para sua sobrevivência, sejam elas de ordem física ou emocional, das quais são elementos essenciais para que o indivíduo possa se desenvolver dentro de uma sociedade. Sabe-se que o indivíduo quando criado dentro de uma família estruturada, terá mais chances de ter uma vida mais estável, diferentemente do indivíduo que se desenvolve em ambiente onde não se possui qualquer estrutura familiar. Dentro dessa perspectiva, na busca de uma família estruturada, se tem o processo de adoção, do

qual visa a conexão com a nova família e o desenvolvimento do indivíduo sob o prisma biopsicossocial dos mesmos (BECKER, et.al, 2018)

Nas últimas décadas, o processo de adoção vem sofrendo mudanças e transformações, oriundas dos novos formatos de família e que de forma concomitante surgem também novas formas dos indivíduos se relacionarem, tendo como apoio, as mudanças na legislação, que visam acompanhar todas essas transformações, amparando assim, todas as formas de constituição familiar (MORAIS, NASCIMENTO e SANTOS, 2020).

Morais, Nascimento e Santos (2020), ressaltam que a burocratização do processo de adoção, faz com que se torne algo moroso, trazendo prejuízos e/ou consequências para todos os envolvidos no processo, embora ainda estes procedimentos visem a proteção do menor, que fora retirado de sua família biológica ou que ainda este tenha sido abandonado pela mesma, bem como que estes não sejam devolvidos a casa de abrigo novamente, afim de evitar maiores danos afetivos.

Dentro deste contexto, se faz necessário ampliar os estudos e reflexões, acerca do tema abordado, buscando quebrar os mitos existentes na sociedade, fazendo com que o ato de adotar, se torne importante para a sociedade em geral e não apenas para os interessados em ingressar neste processo (CORREIA, GLIDEN e SILVA, 2018).

Para tanto, o objetivo geral do estudo foi estudar a percepção de acadêmicos de Psicologia de uma universidade catarinense sobre a prática da adoção. E justificou-se por contribuir cientificamente, de forma a ampliar a compreensão dos profissionais de psicologia frente ao tema adoção, expandindo a biblioteca de dados a esse respeito e permitindo uma visão mais extensa e consistente da temática proposta.

Desta forma, apresentou-se a pergunta que norteou a pesquisa: Qual a percepção de acadêmicos de Psicologia de uma Universidade catarinense sobre a prática da adoção?

MATERIAL E MÉTODOS

Tratou-se de uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa. Em relação aos seus objetivos foi uma pesquisa exploratória e em relação aos seus procedimentos de levantamento.

Participaram da pesquisa acadêmicos do curso de Psicologia. Tratou-se de uma amostragem não probabilística tipo bola de neve (*SnowBall*). A classificação da amostra se deu seguindo os critérios de inclusão.

Como instrumento para coleta de dados foi elaborada, pela pesquisadora uma entrevista semiestruturada. Para a análise dos dados foi utilizada a análise categorial temática de conteúdo através da análise de Bardin (2011).

A pesquisa seguiu as Normas da Resolução nº 466/2012 e nº 510/2016 sobre pesquisa com seres humanos, e o projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade do Contestado aprovado mediante o Protocolo nº 5.566.638

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo foi desenvolvido com 41 participantes e ao que se refere as características sociodemográficas da amostra, estas estão apresentadas na tabela abaixo:

Tabela 1: Caracterização Sociodemográficas dos Entrevistados

Participante	Idade	Gênero	Estado Civil	Ocupação atual
P1	20	M	solteiro	estudante
P2	19	M	solteiro	não declarou
P3	20	M	solteiro	auxiliar de produção
P4	23	M	solteiro	não declarou
P5	25	M	solteiro	estagiário
P6	20	M	solteiro	não declarou
P7	19	M	solteiro	estudante
P8	21	M	solteiro	agricultor
P9	20	M	solteiro	estudante
P10	27	M	solteiro	professor
P11	22	M	solteiro	estudante
P12	19	F	solteira	estudante
P13	18	F	solteira	estudante
P14	32	F	divorciada	microempresária
P15	20	F	solteira	estudante
P16	21	F	solteira	estudante
P17	20	F	solteira	estudante
P18	19	F	solteira	assistente administrativo
P19	18	F	solteira	estudante

P20	23	F	solteira	estudante
P21	23	F	solteira	estagiária
P22	22	F	solteira	autônoma/vendas
P23	21	F	solteira	assistente administrativo
P24	19	F	solteira	não declarou
P25	20	F	solteira	não declarou
P26	20	F	solteira	estudante
P27	21	F	solteira	assistente comercial
P28	21	F	solteira	estagiária
P29	21	F	solteira	auxiliar administrativo
P30	20	F	solteira	estudante
P31	20	F	solteira	estudante
P32	31	F	casada	estudante
P33	23	F	solteira	auxiliar administrativo
P34	47	F	casada	estudante
P35	22	F	solteira	estudante
P36	28	F	divorciada	estudante
P37	22	F	solteira	assistente administrativo
P38	23	F	solteira	auxiliar administrativo
P39	21	F	solteira	estagiária
P40	22	F	solteira	estudante
P41	24	F	Solteira	assistente administrativo

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

O método escolhido para análise dos resultados foi a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). Foi elaborado um quadro contendo os resultados subdivididos em categoria, subcategorias e elementos de análise. Para elaborá-lo, foram categorizados os dados presentes nas respostas das entrevistas. Em seguida, foram aproximados os dados semelhantes e então criadas as categorias, as subcategorias e seus elementos de análise.

Em seguida, apresentar-se-á o quadro com a Análise de Conteúdo proposta por Bardin com a discussão dos resultados.

Quadro 1: Análise Categorial Temática de Conteúdo de Bardin.

Categoria 1	Subcategoria	Elementos de análise
Percepção de acadêmicos	Percepção frente ao procedimento legal	Responsabilidade
		Ato de amor
	Motivos que levam a adoção	Infertilidade
		Casais homoafetivos

de Psicologia sobre a prática da adoção	Motivos que levam a não adoção	Instabilidade financeira
		Medos diversos
		Preconceito da sociedade
	Dificuldades encontradas no processo de adoção	Processo Burocrático
Características da criança		

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Com a realização da coleta e análise do dados, foi verificada uma categoria que diz respeito sobre “percepção de acadêmicos de Psicologia sobre a prática da adoção”. Assim foi desenvolvida primeira subcategoria, “percepção frente ao procedimento legal”, verificando-se três elementos de análise. O primeiro deles se refere a responsabilidade, como pode ser observado nas falas dos entrevistados que seguem:

P9 – “Adoção significa assumir uma responsabilidade com um ser [...]” (SIC).

P11 – “Ter a responsabilidade legal de uma criança ou adolescente sem ser o genitor” (SIC).

P22 – “Adoção, exercer guarda, assumir responsabilidade perante o adotado, escolha frente ao materno/paterno [...]” (SIC).

P31 – “A adoção significa aceitar alguém que não nasceu de si próprio, contudo assumindo para si a responsabilidade” (SIC).

Para Jesus, Melo e Neto (2018), a responsabilidade civil é decorrente de uma circunstância, que visa amparar e/ou reparar o dano causado a outrem, formando então vínculos de responsabilidade e afetividade.

Nesse sentido, Barreto e Gagliano (2020), reforçam o descrito acima, descrevendo que a criança ou o adolescente que se encontram em processo de adoção, vias de regra, já tiveram seus direitos violados, e que a nova família terá a seu cargo, todas as responsabilidades junto a este indivíduo, visando restaurar o equilíbrio patrimonial, moral, bem como o afetivo, ao qual o adotado se encontra em prejuízo.

O segundo elemento de análise encontrado nessa subcategoria foi “ato de amor”, como pode ser observado nas falas que seguem:

P18 – “Um ato de amor para com outro indivíduo, ser capaz de se doar [...]” (SIC).

P23 – “Adoção é um ato de amor, alguém que até então não tinha vínculo nenhum [...] (SIC).

P33 – “Um ato de amor, fazer ao bem a outra pessoa e contribuir para um mundo melhor” (SIC).

P34 – “É um ato de amor. Adotar é saber respeitar e aceitar as condições do outro” (SIC).

O ato de amor ao próximo pode ser compreendido como o fato de ajudar o outro, ou ainda como um ato de compaixão e empatia, bem como ter por significado um ato de amor, de puro amor. O ato de acolher alguém em seu seio familiar traz por entendimento, a criação de laços de afeto e carinho (NUCCI, 2018).

Assis (2014), também corrobora que a adoção é um ato de amor, que acontece no coração de forma recíproca, ou seja, esse sentimento é desperto tanto para o adotante como para o adotado e que este ocorre antes mesmo aos atos legais propriamente dito, fazendo com que a criança ou adolescente se torne um membro da família, oriundos dos laços afetivos, ficando a parte jurídica, apenas como um finalizador do processo burocrático.

A partir da elaboração da segunda subcategoria, “motivos que levam a adoção”, verificou-se dois elementos de análise, o primeiro deles é a infertilidade, como pode ser observado nas falas que seguem:

P7 – “Infertilidade ou até mesmo porque possuem uma vontade de adotar” (SIC).

P10 – “Imagino que um grande fator seria pessoas estéreis. Como não podem ter filhos naturalmente, partem para a adoção [...]” (SIC).

P12 – “Algumas pessoas não podem ter filhos através de uma gestação, outras não gostam da ideia de ser por essa forma [...]” (SIC).

P15 – “Algumas pessoas adotam porque sonham em ter filhos e não podem [...] (SIC).

As pessoas ingressam no processo de adoção, pelos mais variados motivos. Muitos trazem o relato, tais como a dificuldade de engravidar, a imensa vontade de se tornarem pais/mães, o sentimento desperto em dar uma família e um lar, entre outros. Contudo, o motivo infertilidade é um dos maiores fatores que fazem com que casais busquem a alternativa da adoção para constituírem suas famílias (ARAUJO e FARO, 2017).

Dentro deste contexto, o assunto infertilidade causa assombro junto aos casais que sonham com a maternidade. O ato de constituir uma família, para muitas pessoas, é de suma importância. Porém muitos casais apresentam problemas de infertilidade, onde cerca de 15% da população mundial é afetada por este problema (ALEIXO e ALMEIDA, 2021).

Na mesma linha de pensamento Freitas (2016), descreve que o planejamento em ter filhos, causa grande frustração nos casais, quando se deparam com o fator infertilidade. Frente a este fato, o casal recorre as alternativas, tais como tratamentos ou ainda ao processo de adoção.

O segundo elemento de análise encontrado nessa subcategoria foi “casais homoafetivos”, como pode ser observado nas falas que seguem:

P6 – “Casais homoafetivos, casais que por algum problema médico, não pode ter, ou qualquer pessoa que queira adotar” (SIC).

P16 – “Casais que não podem/não conseguem de forma natural, casais homoafetivos, pessoas que possuem uma visão crítica em ter filhos e preferem adotar” (SIC).

P17 – “Muitas vezes por não poderem ou não quererem gestar uma criança, como casais LGBTQIAP+ por exemplo, ou mesmo pela vontade de adotar” (SIC).

P28 – “Adotam para realizar desejo de ser pai ou mãe. Podem ser por motivos de saúde ou questões LGBTQIA+” (SIC).

Até o século XX, a família até então dita padrão, onde sua constituição era formada por um pai, uma mãe e filho ou filhos, tem na atualidade uma transformação social, da qual essa constituição familiar, vem sendo composta por novas organizações, tendo como exemplo, a família monoparental, homoparental ou ainda a família trisal (ARAÚJO et.al, 2018).

A crescente procura frente ao processo de adoção por estes novos indivíduos, ou novos núcleos familiares, faz com que toda uma nova reorganização seja feita, tanto nas leis, como a própria sociedade, se fazendo entender, que a adoção na atualidade é regida pelo princípio em atender os interesses da criança, indiferente da forma como a família está composta (PERPÉTUO e SILVA, 2018).

A partir da terceira subcategoria “motivos que levam a não adoção”, foi verificado três elementos de análise. O primeiro se refere a instabilidade financeira, como pode ser observado nas falas que seguem:

P3 – “Questões socioeconômicas, falta de preparo psicológico, estar em um estado de adoecimento e o casal não ter interesse mútuo na adoção” (SIC).

P14 – “Idade, cor, ou, muita burocracia, ou fatores financeiros” (SIC).

P26 – “Condições financeiras ou não gostarem de crianças” (SIC).

P33 – “Condições financeiras, falta de consentimento entre o casal, medo [...]” (SIC).

Ter um filho não é apenas um ato de amor, como também exige do indivíduo muita responsabilidade, seja este adotivo ou de ordem biológica. Diante disto, o ato de adotar uma criança ou adolescente, faz com que o planejamento financeiro seja tão exigente quanto ao de uma gravidez convencional (FRIZZO, et al., 2017).

Frizzo et al. (2017), ainda discorrem que a base estrutural da nova família, está ligada de modo direto as questões ambientais, sociais, religiosas, tendo em constante a preocupação na aquisição de estabilidade emocional, bem como financeira, sendo este último um fator que faz com que muitas famílias desistam ou ainda nem participem de um processo de adoção.

O segundo elemento de análise desta subcategoria se refere a “medos diversos”, como pode ser observado nas falas que seguem:

P5 – “Não sei...talvez por não saber de onde a criança veio [...]” (SIC).

P6 – “[...] não saber sobre o quadro médico dos pais que deixaram o filho no orfanato.” (SIC).

P12 – “A grande admite que preferem “sangue do seu sangue”, e por isso, muitas vezes, não veem como uma opção” (SIC).

P16 – “[...] medo de não conseguir criar um vínculo com a criança” (SIC).

P19 – “Por questões morais ou preconceituosas” (SIC).

P22 – “Mapeamento genético, desconhecimento do padrão do infante/adolescente, medo frente ao desconhecido, medo da responsabilidade, incompatibilidade maternal/paternal” (SIC).

Entretanto, os estudos demonstram, que embora se tenha condições muito favoráveis para que o processo de adoção flua e que ainda se tenha em média cinco casais para cada criança no aguardo de um lar, essa conta não fecha, pelo motivo de que o perfil apresentado pelas crianças em questão, não correspondem ao perfil idealizado pelos futuros pais (ARAÚJO e FARO, 2017).

As crianças com mais idade que participam do quadro da dita adoção tardia, ou seja, a partir de 2 anos de idade, além de já possuírem noção da situação em que

se encontram, bem como conhecerem suas origens, também conhecem o motivo que as levou até um orfanato. Estes indivíduos podem ter passado pelas mais variadas formas de agressão, negligência, abuso sexual, entre outras, do qual desencadeou nestas, um enorme prejuízo emocional, onde estes fatos afastam possíveis indivíduos em potencial de adotantes (BALDESSAR e CASTRO, 2020).

Esta decisão em não adotar por medo, também está ligada ao fato do desconhecimento do passado genético da criança; a ausência de vínculo hereditário, por não terem assistido a criança desde a sua gestação, as desigualdades étnicas, entre outros, sendo que estes temores são frutos do desconhecido e preconceito, gerando uma visão errônea do ato de adotar (BECKER, et al., 2018).

Ainda nesta mesma subcategoria, o terceiro elemento de análise encontrado foi o “preconceito da sociedade”, como pode ser observado nas falas que seguem:

P4 – “Acredito que ainda existam preconceitos por parte da sociedade, principalmente em relação aos casais homoafetivos” (SIC).

P8 – “Motivos por questões de preconceito que ainda existe bastante [...]” (SIC).

P17 – “Comumente por pré-conceitos que lhes foram inseridos pela sociedade [...]” (SIC).

Embora as pessoas neguem que são preconceituosas, não raro momentos, sempre estão a apontar o outro como preconceituoso. Temos no Brasil, embora sejamos um país de diversidade étnica, onde a maioria da população já sofreu algum tipo de discriminação, em especial os negros e homossexuais (CAVALCANTI, et al.,2020).

Inegavelmente o estigma e o preconceito frente ao assunto adoção, visto os inúmeros preconceitos que permeiam o imaginário das pessoas, tais como que filhos adotivos são mais propensos a apresentarem problemas de ordem emocional, ou ainda de comportamento e aprendizagem e que estes ainda serão mais suscetíveis a sofrerem *bulliyng* em ambiente escolar, bem como, que as crianças e/ou adolescentes sejam indivíduos homoafetivos (FILHO, et al.,2018).

A partir da quarta subcategoria “dificuldades encontradas no processo de adoção”, apresentou-se dois elementos de análise. O primeiro é referente ao “processo burocrático”, como pode ser observado nas falas que seguem:

P4 – “Toda a burocracia presente no processo de adoção” (SIC).

P20 – “A demora do processo” (SIC).

P24 – “As dificuldades são: tempo do processo (SIC).

P27 – “Burocracia, processos lentos, diversas escolhas desnecessárias [...]” (SIC).

O processo de adoção, se constitui a partir do momento em que a criança adotada passa a ter registro, ou seja, quanto é efetivado o reconhecimento da maternidade/paternidade do adotante. Contudo, frente a demora e burocratização do processo, os interessados na ânsia de realizar seu sonho, acabam por recorrer a outros meios de adoção, mesmo que ilegais, ou ainda desistindo da adoção (FRANCO, 2020).

Outro fato, se refere as questões burocráticas, envolvendo a morosidade em destituir do poder familiar, onde este procedimento poderá levar até 120 dias, período este em que se faz tentativas de reintegrar a criança junto a família natural ou ainda na localização da mesma e desta forma, tornando tudo muito demorado, onde um processo de adoção se arraste por anos (MOREIRA e PEREIRA, 2019).

O segundo elemento de análise desta subcategoria se refere a “característica da criança”, como pode ser observado nas falas que seguem:

P12 – “[...] os dados preferencias, algumas pessoas desistem por estes motivos” (SIC).

P13 – “Quando é para escolher as características da criança e até o estágio de convívio” (SIC).

P14 – “[...] idade da criança, a maioria prefere criança menores de 5 anos” (SIC).

P34 – “[...] acredito que também é pela seletividade tipo: branco e preto, sem doença” (SIC).

Outra dificuldade no processo de adoção é o perfil selecionado pelos adotantes. Os adotantes, em sua grande maioria, buscam por crianças que sejam recém nascidos ao máximo de 2 ou 3 anos de idade, de cor de pele branca e sem deficiências, fazendo desta forma que o processo se torne demorado podendo se estender por até longos 12 (doze) anos de espera da criança ideal (FRANCO, 2020).

Entretanto mesmo que o número de candidatos que detém o desejo de adotar seja muito mais elevado que as crianças e adolescentes disponíveis para tal, estas ficam a cargo das instituições por muito tempo, visto pelos motivos das características exigidas dos adotantes, entre elas questões como a idade, etnia, questões relacionadas as doenças e deficiências, bem como grupo de irmãos (BOSSA e NEVES, 2018).

CONCLUSÃO

O ato de adotar tem por característica a criação de vínculos, sejam eles afetivos ou ainda jurídicos, com os indivíduos que, pelos mais variados motivos, não tiveram a oportunidade de permanecerem em suas famílias biológicas. Desta forma, oportuniza a eles o direito de pertencerem a um núcleo familiar e social, proporcionando o desenvolvimento saudável em questões relacionadas à moral, ao material, bem como seu emocional e psicológico.

A partir da pesquisa realizada, foi possível constatar que a atual sociedade ainda tem muitos pré-conceitos a serem transpostos a respeito não apenas do processo de adoção, mas também o ato de adotar. Percebe-se que, os acadêmicos de Psicologia possuem um amplo conhecimento sobre as questões que envolvem o processo de adoção, porém cientes de que ainda se tem um longo caminho a ser percorrido, para que este seja mais efetivo.

É de suma importância que o tema em questão seja abordado de forma mais constante, visto tanto pelo fator complexidade do assunto, bem como pelas novas constituições familiares que se apresentam, trazendo questões como viabilizar e agilizar este processo, bem como os comportamentos e emoções desencadeadas neste, para estudos mais aprofundados.

Sugere-se o desenvolvimento de mais pesquisas, pois ainda o tema em questão é relativamente novo e que seu objeto de estudo sendo o indivíduo, podemos compreender que é um assunto bastante complexo e que as relações humanas requerem e exigem de todos uma adoção aquém do que já ofertado.

Porém quanto mais tivermos informações a respeito do tema, é provável que os preconceitos a respeito dessa população diminuam, trazendo a luz do entendimento de todos, que o vínculo afetivo, transcende a qualquer vínculo biológico – sanguíneo, proporcionado desta forma, aos adotados e adotantes, indiferente da constituição familiar, uma base sólida, de apoio e amor mútuos.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, A.M; ALMEIDA, V. Infertilidade. **Revista de Ciência Elementar**. Portugal. v.9, nº0, p.01-04, dez. 2021. Disponível em <<https://rce.casadasciencias.org/rceapp/pdf/2021/066/>> Acesso em: 26 set.2022.

ARAÚJO, L.F; et.al. **Adoção de crianças por casais homossexuais: as representações sociais.** Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v26n1/v26n1a06.pdf>> Acesso em: 28 set. 2022.

ARAÚJO, A.I.S.F FARO, A. Motivações, dificuldades e expectativas acerca da adoção: perspectivas de futuros pais adotivos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v23, n.3. 2017. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/7926/13689>> Acesso em: 09 out. 2022.

ASSIS, I.F. **Adoção a brasileira: crime ou um ato de amor?**. Disponível em < <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/6099/1/21031276.pdf>> Acesso em: 25 set. 2022.

BALDESSAR, J.C; CASTRO, A. **Representações sociais da adoção tardia: o amor vinculado ao medo.** O Social em Questão, núm. 47, 2020, Maio-, pp. 271-296 Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro Brasil. Disponível em < <https://www.redalyc.org/journal/5522/552263106016/552263106016.pdf>> Acesso em: 29 set.2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo; Edições 70, 2011.

BARRETTO, F.C.L; GAGLIANO, P.S. **Responsabilidade civil pela desistência na adoção.** Disponível em < <https://www.ibdfam.org.br/artigos/1513/Responsabilidade+civil+pela+desist%C3%A0ncia+na+ado%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em: 25 set. 2022.

BORGES, K.C.S. **O cenário atual da adoção no Brasil.** Monografia apresentada curso de Direito. UNISUL, 2021. Tubarão – SC. Disponível em:< <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/20225>> Acesso em: 11 maio 2022.

BOSSA, D.F; NEVES, A.S. **O Unheimlich na adoção da criança com deficiência.** Cadernos de Psicanálise. Rio de Janeiro, v. 40, n. 38, p. 97-109, jan./jun. 2018. Disponível em < http://cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/23> Acesso em: 01 out. 2022.

BECKER, A.P.S; BOBATO, S.T; FERREIRA, L; PAULINA, E. **Processo de vinculação afetiva de crianças adotadas na perspectiva dos pais adotantes.** Bol. - Acad. Paul. Psicol. vol.38 no.94 São Paulo jan./jun. 2018. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100008> Acesso em: 29 set.2022.

CAVALCANTI, J.G; CAMILO, D.M; MOURA, G.B; NORIEGA, J.A.V; PIMENTEL, C.E. **Preconceito racial entre crianças da educação infantil: Revisitando Clark & Clark (1947).** Disponível em < http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-30802020000200032> Acesso em: 01 out. 2022.

CORREIA, P.M.C; GLIDEN, R.F; SILVA, V. **Aspectos relacionados à adoção na percepção de acadêmicos de psicologia.** Pensando fam. vol.22 no.2 Porto Alegre jul./dez. 2018. Disponível:<
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000200010> Acesso em: 11 maio 2022.

FILHO, F.S; FONSECA, P,N; MACHADO, O.S; PALITOT, R,M; SANTOS, J,L, F. **Percepção parental acerca do filho adotado: uma análise psicoeducacional.** Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100011> Acesso em: 01 out. 2022.

FREITAS, L.M.M. **A trajetória de um sonho: ansiedade e enfrentamento da infertilidade por casais.** Disponível em <
https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_8321_Disserta%E7%E3o%20final.%20ok%20revisado%20ok%20com%20comit%EAe.pdf> Acesso em: 26 set.2022.

FRANCO, G.C. **Os entraves burocráticos encontrados no processo de adoção no Brasil.** Maringá. 2020. Disponível em <
<https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/7289/1/FRANCO%2c%20GABRIELA%20CENCI.pdf>> Acesso em: 01 out.2022.

FRIZZO, G.B; LOPES, R.C.S; SILVA, E.X.L; SILVA, P.S. **Diferentes configurações familiares de candidatos à adoção: implicações para o processo de habilitação.** Disponível em <
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/195650/001091733.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 28 set.2022.

JESUS, M.; MELO, M.I; NETO, S.A. **Manual de Direito Civil.** 7.ed. Salvador: Juspodivm, 2018.

MORAIS, L.F; NASCIMENTO, T.R.B; SANTOS, Z.C.S. **Adoção no Brasil: um processo que burocratiza o afeto.** Monografia em Bacharel de Direito. Associação Caruaruense de Ensino Superior Centro Universitário Tabosa de Almeida, 2020. Disponível em:< <http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/2856>> Acesso em: 11 maio 2022.

MOREIRA, I; PEREIRA, S.C. Morosidade no processo de adoção. **Revista Extensão em Foco**, v.5, n.1, p. 49-59. 2019 . Disponível em <
<https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/extensao/article/view/2101/1038>> Acesso em: 01 out. 2022.

NUCCI; G.S. **Adoção: amor puro.** Disponível em <
<https://guilhermedesouzanucci.jusbrasil.com.br/artigos/562706252/adocao-amor-puro>> Acesso em: 25 set. 2022.

PERPÉTUO, G.P.A; SILVA, T.M. **Adoção de crianças por casais homoafetivos.** Disponível em <
http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/ADOCADO_DE_CRIANÇAS_POR_CASAIHOMOAFETIVOS.pdf> Acesso em: 28 set.2022.

Capítulo 2
ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS DE
CRESCIMENTO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA
EM JOINVILLE (SC) E SÃO PAULO (SP)
Erico Tadeu Xavier

ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS DE CRESCIMENTO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM JOINVILLE (SC) E SÃO PAULO (SP)

Erico Tadeu Xavier

Doutor em Teologia e professor no curso de pós-graduação da Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba, PR. Email: etxacademico@gmail.com

RESUMO

A igreja adventista tem tido um crescimento acentuado no mundo. As características desse crescimento variam conforme as diferenças culturais das diversas localidades. Neste artigo, propõe-se a analisar as possíveis diferenças de crescimento da igreja adventista em municípios situados em dois estados brasileiros de diferentes regiões do Brasil. Conquanto se observem características históricas, sociais, políticas e geográficas diversas, percebem-se similaridades na compreensão da fé e da necessidade de testemunho ativo para que o Evangelho seja levado a toda a população.

Palavras-chave: Crescimento. Diferenças. Igreja Adventista.

ABSTRACT

The Adventist Church has had a strong growth in the world. The characteristics of this growth vary according to the cultural differences of the various localities. We propose to analyze possible differences in growth of the Adventist church in municipalities in two Brazilian states from different regions of Brazil. While features are observed historical, social, political and geographic variety, are perceived similarities in the understanding of faith and the need for active witness for the gospel to be taken to the entire population.

Keywords: Growth. Differences. Adventist Church.

1 INTRODUÇÃO

O crescimento da Igreja em diferentes lugares depende dos métodos específicos usados na propagação do evangelho, combinados com certas peculiaridades do povo¹. Como a igreja é planejada conforme as necessidades dos

¹ Ver WAGNER, Peter C. **Estratégia para o crescimento da Igreja**, 1995; MCGAVRAN, D. **Compreendendo o crescimento da Igreja**, 2001, p.141-211; WHITE, Ellen, **Serviço Cristão**, 1981, p.113-131.

homens, o padrão de crescimento da Igreja é profundamente dependente da estrutura da sociedade onde está inserida².

Considerando a possibilidade de existirem diferenças na mesma denominação religiosa em cidades situadas em regiões com características sociais, econômicas, culturais, entre outros aspectos, que possam afetar o crescimento da mesma, este estudo se ateve a avaliar a Igreja Adventista do Sétimo Dia³ em dois municípios brasileiros com características bastante diversas visando determinar os fatores que impulsionam seu crescimento. A primeira pesquisa foi aplicada em São Paulo (SP), por Joel Sarli, em 1982. A segunda foi aplicada na cidade de Joinville (SC), por Érico Tadeu Xavier, autor deste artigo, em 2004.

As pesquisas feitas na cidade de Joinville foram aplicadas com alguns objetivos específicos: prover um entendimento real das pessoas alcançadas pela mensagem adventista nos últimos cinco anos, e determinar quão significativo o adventismo é para elas; descobrir como os novos membros ouviram pela primeira vez a respeito da IASD; determinar os fatores mais significativos na decisão destes membros de se juntar à Igreja; identificar obstáculos que ajam como elementos negativos no processo de propagação do evangelho.

Realizar uma comparação dos resultados obtidos por meio da aplicação destas pesquisas tornou-se o objetivo principal deste artigo, com vistas a determinar se há ou não diferenças no crescimento da denominação nestes municípios, levando-se em consideração as épocas em que foram aplicadas e as diferenças relevantes entre suas características históricas, sociais, políticas e geográficas.

1.1 Contextualização

1.1.1 Joinville em 2004

Joinville é a maior cidade do estado de Santa Catarina. Em 2004 possuía 463.114 habitantes⁴. Situada na região norte catarinense, tem sua origem ligada à colonização germânica do século 19. Desde os primórdios de sua colonização o município desenvolveu uma economia agrícola, de subsistência e, dada posição

² NIDA, Eugene. **Culture and Church Growth**, Church Growth and Christian Mission (McGavran), p. 94. Tradução do pesquisador.

³ Neste artigo será denominado IASD.

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE). **Estimativa**. <http://www.joinville.sc.gov.br/> Acesso em 12 de março de 2004.

geográfica, logo gerou uma indústria incipiente. A explosão de desenvolvimento da indústria veio na segunda metade do século 20, após a Segunda Guerra Mundial. O pico aconteceu na década de 70, tendo nascido, em decorrência, o título de Manchester Catarinense.

No fim do século 20, Joinville sofreu uma transformação no modelo econômico. A inauguração da arena multiuso Centreventos Cau Hansen em junho de 1998, pode ser encarada como o marco dessa modificação, que sobrepõe os serviços e turismo de eventos como vocação econômica. O setor industrial, que nas últimas três décadas manteve a dianteira na economia joinvilense, ainda é o mais importante, embora com uma fatia menor.

Joinville possui o maior parque industrial catarinense, terceiro do sul do Brasil. São cerca de 2.546 indústrias nos setores de metal-mecânica, têxtil, confecção, plástico, borracha, alimentício, químico e madeireiro. É também o pólo de desenvolvimento tecnológico e, além do Centro de Biotecnologia, de incubadoras e centros de pesquisas tecnológicas. Possui 7 entidades de ensino superior que atendem uma população de mais de 15.000 alunos, oferecendo cerca de 50 cursos⁵.

Da colônia Dona Francisca, cuja maioria de habitantes professava a confissão luterana, Joinville hoje possui a maioria católica, porém com uma diversidade grande de religiões e filosofias. As igrejas evangélicas possuíam na região de Joinville no ano de 2004, um rebanho de 125.510 fiéis⁶. A IASD, classificada como Igreja Evangélica, apresenta um número aproximado de 3 mil fiéis⁷.

1.1.2 São Paulo em 1982

Em 1982, a Região Metropolitana de São Paulo possuía 12.589.000 habitantes e o município de São Paulo 8.493.000⁸. Sarli (1982) reporta que estatísticas do governo de São Paulo nesta mesma época apontavam que 45% da população residente não havia nascido na cidade.

⁵ PERFIL SOCIOECONÔMICO, Joinville: Prefeitura Municipal de Joinville/Univille, ed. 2002, p.50.

⁶ Fonte: dados fornecidos pela Profa. Carmen Silvia Hager, da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), responsável pela compilação dos dados que comporão o Perfil Socioeconômico de Joinville – Dados 2003 – Edição 2004.

⁷ Nota do autor.

⁸ IBGE, **Censos Demográficos**. Disponível em http://www6.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/planejamento/sp_em_numeros/0003. Acesso em 20 set 2005.

São Paulo é fruto do processo de ocupação e exploração das terras brasileiras pelos portugueses, tendo sido escolhida como base de segurança pela sua localização topográfica. Os Jesuítas fundaram o primeiro colégio, em 1554, dando início ao povoado de São Paulo de Piratininga ⁹.

A industrialização de São Paulo acelerou após 1914 durante a primeira grande guerra. Na década de 20, ganha novo impulso contando já com 580 mil habitantes. O declínio gradual da indústria paulistana insere-se num processo de “terciarização” do Município, acentuado a partir da década de 70. As principais atividades econômicas da cidade estão ligadas à prestação de serviços e aos centros empresariais de comércio (shopping centers, hipermercados, etc).

O Estado de São Paulo se transformou num dos mais importantes pólos de atração de fluxos migratórios desde 1901, em decorrência da ampla oportunidade de emprego e o sonho de uma vida melhor. Em estatística feita em 1959 constatou-se que o processo migratório para São Paulo começou em 1901. Os migrantes e imigrantes se espalharam por todo o estado, mas a Região Metropolitana de São Paulo solidificou-se como a mais importante área de atração populacional do estado, apresentando crescimento da população da região de 56,6% no período 1960-1970.

O surgimento do complexo industrial da Região da Grande São Paulo deu-se, sobretudo, a partir da Segunda Guerra Mundial e, de forma mais acentuada, durante e após a década de 1950, quando o processo de substituição de importações surgiu como um dos fatores principais do desenvolvimento industrial da região.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada é exploratória descritiva, sendo os dados coletados mediante questionário aberto e analisados qualitativamente. Foi realizado um estudo comparativo sobre o crescimento da igreja adventista do Sétimo Dia em diferentes localidades considerando as características culturais e sociais dessas localidades. A base comparativa utilizada foi o trabalho realizado por Joel Sarli, em 1982, no município de São Paulo (SP), com 693 pessoas. A pesquisa foi realizada na cidade de Joinville (SC) no ano de 2004, onde foram distribuídos 400 questionários.

⁹ Naquele primeiro ano, o registro de entrada de nacionais no estado apontou 1.434 pessoas. No mesmo período, o número de estrangeiros aportados no município de São Paulo foi de 70.348 pessoas. Disponível em <http://www.prodham.sp.gov.br/dph/historia/index.htm>. Acesso em 22 set 2005.

3 RESULTADOS

Depois de terem sido assinaladas as principais características das duas cidades-alvo de pesquisas em seus respectivos anos de aplicação passa-se a evidenciar os resultados obtidos, para posteriormente comentá-los.

Os questionários usados nas pesquisas da IASD tanto em São Paulo como em Joinville foram elaborados com vistas a identificar o espectro social da população e também para avaliar as estratégias que vêm sendo utilizadas através dos anos. A primeira parte do questionário foi elaborada para descobrir elementos que auxiliem a entender seu perfil socioeconômico. Já a segunda foi planejada para ajudar a Igreja a colher dados sobre a formação espiritual e interesses religiosos com vistas a elaborar métodos de evangelização mais produtivos em sua missão.

Em ambos os municípios foram percebidas características similares: a industrialização foi o principal motivador econômico sendo paulatinamente substituído pela prestação de serviços. Este traço atraiu imigrantes e migrantes de várias orientações religiosas.

Eugene A. Nida afirma que o padrão do crescimento da igreja é profundamente dependente da estrutura da sociedade em questão¹⁰. Os resultados deste estudo sobre o crescimento da Igreja em Joinville e em São Paulo contribuem para fortalecer a afirmação de Nida. A Igreja pode obter melhores resultados em sua evangelização se prestar atenção aos aspectos sociais reais da população.

3.1 Resultados Comparativos do Crescimento da IASD em São Paulo (1982) e em Joinville (2004)

3.1.1 Demografia e Dados Socioeconômicos

✓ Quanto ao Sexo

A IASD em São Paulo (1982) apresentou 62,77% de convertidos do sexo feminino e 36,51% do sexo masculino. Já em Joinville (2004) a pesquisa revelou que havia 54,45% do sexo feminino e 45,55% de convertidos do sexo masculino. Ambas revelaram uma proporção de mulheres significativamente maior que a de homens.

¹⁰ NIDA, op. cit., p. 94. Tradução do pesquisador.

Esta proporção representa o movimento geral das igrejas evangélicas em São Paulo e Joinville.

✓ **Quanto à Idade**

Uma das características óbvias mostrada pelo perfil etário é de uma grande concentração de jovens entre os membros da IASD tanto em São Paulo como em Joinville. Um aglomerado nas idades mais jovens é aparente. Por exemplo, em São Paulo 47,43% e em Joinville 38% dos entrevistados tinham entre 10 e 30 anos de idade, mostrando que essa faixa etária é mais receptiva à mensagem. Este resultado parece sugerir que a idade de um grupo tem uma grande importância no grau de aceitação do evangelho. Quanto mais jovens as pessoas, maiores são as possibilidades de aceitação de novas idéias e adoção de novos caminhos. Porém, o grupo de entrevistados na faixa entre 31 e 50 anos em Joinville, mostrou ser receptivo à pregação da mensagem do Advento: 40,83% dos membros. A população com mais de 50 anos também é expressiva: 21,11%. Em São Paulo a pesquisa explorou idades entre 31 e 40 anos, chegando a 22,66% dos novos membros.

✓ **Estado Civil**

Neste quesito houve uma leve divergência: em São Paulo, em 1982, 53,68% dos novos convertidos eram solteiros; 37,52% eram casados; 1,88% era separado; 1,73% viúvo e 3,90% noivos. Em Joinville, em 2004, 61,94% respondentes são casados; 21,39% pessoas relataram ser solteiras; 8,6% separadas e 4,73% viúvas.

✓ **Educação Formal**

Em São Paulo, em 1982, por meio da pesquisa aplicada, foi detectado que 47,62% dos convertidos não possuíam nível escolar fundamental completo; 17,03% completaram o nível fundamental; 15,58% não havia completado o nível secundário, contra 9,96% que apresentaram a formação completa; 6,49% possuíam curso superior. A formação educacional dos convertidos nas IASD em Joinville oscilou entre o ensino médio e o ensino superior. Na primeira e maior categoria, 49,45% relataram ter cursado o ensino médio, porém 17,79% cursaram o terceiro grau¹¹. Os demais resultados foram: primeira fase – 1ª. a 4ª. Séries: 15,62%; segunda fase – 5ª. a 8ª Séries: 11,67%; Pós-graduação: 4,73%.

¹¹ A pesquisa em Joinville preocupou-se em buscar os cursos freqüentados: Pedagogia – 7,82%; Ciência Contábeis – 4, 69%; Ciências da Computação, Química Industrial e Engenharia Elétrica – 2 pessoas em cada curso (3,13); Enfermagem, Administração de Empresas, Letras, Medicina, Estudos Sociais; Gestão; Teologia, Odontologia, História, Carreira Militar e Direito – 1 pessoa em cada curso (1,56%).

✓ **Status Ocupacional dos Convertidos**

Quanto ao ocupacional, a pesquisa aplicada em São Paulo revelou os seguintes dados: 69,70% eram assalariados (dos quais 23,67% com formação profissional; 32,61% sem formação profissional; 13,42% auxiliares ou balconistas); 19,48% eram estudantes e 8,23% trabalhadores autônomos. Em Joinville, em 2004, a situação que se apresentou é esta: 52,5% dos novos membros são assalariados; 16,94% são estudantes e 24,45% profissionais liberais. O fato de que 16,94% dos novos membros são estudantes, quando comparados a 21,66% dos entrevistados em Joinville tinham entre 10 e 20 anos de idade, reflete que uma grande parcela de jovens não está tendo a oportunidade de estudar.

✓ **Renda Pessoal**

Quanto à renda pessoal, observou-se em 1982 em São Paulo, que 44,73% dos respondentes recebiam menos que Cr\$ 15.000,00 (aproximadamente US\$ 200.00); 41,56% responderam receber entre Cr\$ 15.000,00 e 50.000,00; somente 6,20% dos novos membros responderam receber Cr\$ 50.000,00 ou mais (cerca de US\$ 700.00). Em Joinville percebeu-se uma grande representação dos níveis de renda mais baixos: 28,6% dos entrevistados responderam uma renda de dois salários mínimos por mês; somente 10,83% dos membros relataram renda de mais de dez salários mínimos mensais. Outros resultados percebidos em Joinville: 26,67% entrevistados apontaram renda de 3 a 5 salários mínimos mensais; 11,39% acusaram uma renda mensal que varia entre 6 e 8 salários mínimos, enquanto que 13,33% recebem 10 salários mínimos.

3.1.2 Fatores Religiosos

A IASD entende sua missão como uma missão peculiar na Terra¹². A IASD existe para o primeiro propósito de proclamar o evangelho eterno para todas as

¹² Os Adventistas do Sétimo Dia crêem que... A Igreja é a comunidade de crentes que confessam a Jesus como Senhor e Salvador. Em continuidade do povo de Deus nos tempos do Antigo Testamento, somos chamados para fora do mundo; e nos unimos para prestar culto, para comunhão, para instrução na Palavra, para a celebração da Ceia do Senhor, para o serviço a toda a humanidade e para a proclamação mundial do Evangelho. A Igreja recebe sua autoridade de Cristo, o qual é a Palavra encarnada. E das Escrituras, que são a palavra escrita. A Igreja é a família de Deus; adotados por Ele como filhos, seus membros vivem com base no novo concerto. A Igreja é o corpo de Cristo, uma comunidade de fé, da qual o próprio Cristo é a Cabeça. A Igreja é a Noiva pela qual Cristo morreu para que pudesse santificá-la e purificá-la. Em Sua volta triunfal, Ele a apresentará a Si mesmo Igreja gloriosa, os fiéis de todos os séculos, a aquisição de Seu sangue, sem mácula, nem ruga, porém santa e sem defeito – Crenças Fundamentais, 11. Nisto Cremos, p.188.

peças, com o objetivo de tomar decisões por meio da orientação de Jesus Cristo. Jesus pessoalmente orientou a Igreja para ensinar todas as nações e batizar todas as pessoas que aceitassem o evangelho. O passado religioso de cada um pode ajudar na forma em que um determinado grupo reage quando ouve a mensagem adventista. Portanto, foi importante determinar como as experiências religiosas anteriores dos entrevistados afetaram sua decisão de juntar-se à IASD.

Em Joinville, a pesquisa preocupou-se em buscar há quanto tempo os convertidos foram batizados na IASD: 27,78% há mais de vinte anos; 25,27% até 5 anos; 20,55% entre 6 e 10 anos; 18,06% entre 11 e 15 anos; 7,78% entre 16 e 20 anos. Ainda foi perguntada a idade que contavam os fiéis quando de seus batismos: 55,83%¹³ responderam que tinham entre 10 e 15 anos; 13,61% tinham entre 16 e 20 anos; 13,06% tinham entre 21 e 30 anos; 9,72% tinham entre 31 e 50 anos e 6,67% tinham mais de 50 anos. Estas questões não foram contempladas na pesquisa aplicada em São Paulo em 1980.

✓ **Afiliação Religiosa Anterior**

Em São Paulo, o pesquisador perguntou se a religião anterior influenciou na vida dos fiéis. 48,92% dos convertidos disseram que foi grande; 35,21% moderada; 7,07% quase nenhuma influência; 5,34% absolutamente nenhuma influência.

No que se refere à afiliação religiosa anterior, em São Paulo, os convertidos responderam que 74,60% eram católicos romanos; 5,48% protestantes; 7,22% pentecostais; 4,76% espíritas; 5,63% sem afiliação anterior. Em Joinville, 6,11% dos convertidos reportaram que não tiveram afiliação religiosa anterior. A filiação religiosa anterior mais reportada foi a católica – 32,22%. Outras filiações religiosas anteriores reportadas foram: protestante – 8,07%; pentecostais – 5%; evangélica não pentecostal – 4,72%; espíritas – 4,44%.

Outro aspecto abordado em ambas as pesquisas foi a estratégia de pregação e crescimento da Igreja, preocupando-se com a eficiência dos métodos e elementos utilizados nesta estratégia pela IASD nas cidades de São Paulo e Joinville.

✓ **Contato Inicial com Adventistas através de Influência Pessoal**

A pesquisa aplicada em São Paulo revelou que os novos convertidos ouviram falar pela primeira vez sobre a IASD por um membro da família: 44,59%; 29,73%

¹³ Fica evidente que o melhor momento para levar alguém à experiência da conversão é entre os 10 e 15 anos de idade. A igreja deveria priorizar a instrução religiosa no lar e por meio de classes bíblicas para juvenis e adolescentes.

ouviram por amigos; 7,79% por meio da rádio ou TV; 7,36% pelo pregador; 5,99% por curso por correspondência. Em Joinville, 48,06% dos membros também ouviram pela primeira vez sobre a IASD por meio de um membro da família; 25,28% por uma pessoa amiga. Estas informações indicam que 73,34% dos convertidos foram mais prontamente influenciados por parentes e amigos. O restante da amostra se dividiu entre 3,89%; rádio ou TV 6,11%; curso por correspondência 6,94% e colportores 5,83%. Diante das respostas, fica evidente que parentes e amigos são a primeira fonte de informação sobre a IASD para os convertidos em geral¹⁴.

✓ **Fator de Maior Influência na Decisão de Juntar-se à IASD**

A questão mais vital do questionário pedia ao membro para salientar o fator de maior influência que os ajudou a juntar-se à Igreja Adventista. Alguns contatos citados na questão anterior – a fonte de primeira informação sobre a Igreja – foram mencionados aqui. Novamente, os parentes e amigos foram os elementos mais importantes que os ajudaram a juntar-se à IASD. Em São Paulo verificou-se que 22,94% foram influenciados por parentes; 21,21% por amigos; 13,42% pelo pastor, 9,96% por cursos por correspondência e 6,20% por programas em rádios ou TV. Em Joinville, os fiéis responderam: 60,56% tiveram influência de parentes e 10,83% de amigos. 6,67% responderam que foram influenciadas pelo pastor; 8,61% por conferências públicas; 8,89% por programas em rádio e TV; 2,5% no estudo bíblico.

✓ **Metodologias de evangelização que influenciam nas Decisões**

Em São Paulo, Sarli buscou saber quais metodologias de evangelização influenciam nas decisões. 26,55% responderam que o estudo e a coleção denominada Tesouro da Fé; 22,51% pelo Evangelismo; 16,74% pelo programa evangelístico A Voz da Profecia. Em Joinville, por meio de uma relação com nove opções de Evangelização foi solicitado aos membros para selecionar aquela que teve maior influência em sua decisão de se tornar membro da IASD. Estudos bíblicos são relatados por 42,77% dos membros como fator de influência. Classes bíblicas na Igreja foram reportadas como tendo a segunda maior influência por 30,28% dos entrevistados. Estes foram seguidos por cultos na Igreja: 10,83%; pequenos grupos familiares: 9,17% desbravadores: 1,94% evangelismo 1,67%; acampamentos e

¹⁴ As semelhanças dos dados encontrados em São Paulo e Joinville evidenciam que a família exerce grande influência na divulgação da igreja e na conversão de novas pessoas. “Existem famílias cujos membros poderiam ser missionários, empenhando-se em trabalho pessoal, labutando pelo Mestre com mãos diligentes e cérebros ativos, imaginando novos métodos para o êxito de sua obra”. White, Ellen G. **Serviço Cristão**, p. 183.

retiros: 1,11%; escola sabatina: 0,84%. O estudo bíblico parece ser eficiente ao influenciar no crescimento da IASD em Joinville¹⁵⁻¹⁶.

DISCUSSÃO

Os leigos, em grupos ou individualmente, constituem os melhores ganhadores de pessoas para Cristo em São Paulo e Joinville, segundo as pesquisas realizadas. Sendo assim, é importante que a IASD utilize a sua força leiga para realizar sua estratégia de futuro crescimento, uma vez que, conforme verificado nas pesquisas, o crescimento da IASD é primeiramente resultado de testemunhos espontâneos de crentes no trabalho, na vizinhança, no círculo familiar e entre amigos.

Quando o Espírito Santo caiu sobre os crentes no dia de Pentecostes, eles “começaram a falar”¹⁷ e uma multidão se juntou como resultado de seus testemunhos. A Bíblia diz que Pedro e os Apóstolos testemunharam em Jerusalém e na Judéia¹⁸, Felipe em Samaria¹⁹ e Paulo e Barnabé entre os gentios e os membros “se espalharam através da Região”²⁰, pregando a Palavra em todos os lugares²¹. A Igreja

¹⁵ “O Plano de se darem estudos bíblicos foi uma idéia de origem celeste. Muitos há, tanto homens como mulheres, que se podem empenhar nesse ramo de obra missionária. Podem-se assim desenvolver obreiros que se tornem poderosos homens de Deus. Por este meio a palavra de Deus tem sido proporcionada a milhares; e os obreiros são postos em contato pessoal com o povo de todas as línguas e nações. A Bíblia é introduzida nas famílias e suas sagradas verdades encontram guarida na consciência. Os homens são solicitados a ler, examinar e julgar por si mesmo, e eles têm de arcar com a responsabilidade de receber ou rejeitar a iluminação divina. Deus não há de permitir que essa preciosa obra, em Seu favor, fique sem recompensa. Coroará de êxito todo o esforço humilde feito em Seu nome”. Ellen G. WHITE. **Obreiros Evangélicos**, p.192; “Nossa obra nos foi designada por nosso Pai Celeste. Cumpre-nos tomar a Bíblia e sair a advertir o mundo. Devemos ser as mãos auxiliaadoras de Deus em salvar almas – condutos por onde, dia a dia, o Seu amor flua para os que perecem”. Id., **Testimonies**, Vol. 9, p. 150; “Muitos serão chamados ao campo para trabalhar de casa em casa, dando estudo bíblicos, orando com aqueles que se acham interessados” Id., **Testemunhos Seletos**, vol.3, p. 370; “Muitos obreiros terão de fazer sua parte trabalhando de casa em casa, e dando estudos bíblicos a famílias”. Id., **Obreiros Evangélicos**, p. 335; “Mulheres consagradas devem-se empenhar na obra bíblica de casa em casa”. **Testimonies**, Vol. 9, p. 120 e 121; “Se seguirmos as pegadas de Cristo havemos de nos aproximar daqueles que necessitam de nossos serviços. Havemos de explicar-lhes a Bíblia, apresentar-lhes as reivindicações da lei de Deus, ler as promessas aos hesitantes, despertar os descuidados, fortalecer os fracos”. Id., **Obreiros Evangélicos**, p. 336.

¹⁶ Em Joinville, no cômputo total são 28,67% dos membros que estão envolvidos em ministrar estudos bíblicos durante a semana e em São Paulo pouco mais de 20%. É um número relativamente aceitável quando se crê que nem todos os membros possuem os mesmos dons. No entanto, há necessidade de um trabalho mais forte e consistente de conscientização quanto à importância de se dar estudos bíblicos como método de evangelização. Com estas ações, este número pode aumentar consideravelmente.

¹⁷ At. 2:4.

¹⁸ At 2:14.

¹⁹ At 8:4-8.

²⁰ At 8:1.

²¹ Mc 16:20.

apostólica corretamente entendeu sua responsabilidade de testemunhar mediante o poder do Espírito Santo, o que resultou numa grande colheita de pecadores arrependidos que aceitaram Jesus como Salvador.

Há muitas declarações que indicam a importância de se equipar, dar condições e ensinar os leigos para a missão. A esse respeito, Ellen G. White afirma:

É um erro fatal supor que a obra de salvação de almas dependa só do ministério (...) os que ocupam lugar de líderes na Igreja de Deus devem sentir que a missão do Salvador é dada a todos os que creem no nome. Deus deseja enviar para a sua vinha muitos que não foram consagrados ao ministério pela imposição das mãos.²²

Ela também instrui os ministros para treinarem cada membro “para desenvolver seus talentos ao máximo”²³. Não há dúvida de que os pastores têm um mandado claro para educar o povo de Deus num desenvolvimento salvador. Estes importantes aspectos conduzem à próxima conclusão desta pesquisa.

Foi relatado pelos novos membros, tanto em São Paulo como em Joinville que os pastores não tiveram grande influência (6,67% em Joinville e 6% em São Paulo) em suas decisões de se tornarem membros da IASD. Este fato não quer dizer que os pastores não deveriam estar presentes nos eventos da Igreja, mas que eles deveriam agir mais como facilitadores ou condutores dos membros.

Parece apropriado citar aqui que Ellen G. White enfatiza o importante papel que o pastor tem em promover o trabalho de evangelização:

Ao trabalhar onde já se encontram alguns na fé, o ministro deve não buscar tanto, a princípio, converter os incrédulos, como exercitar os membros da igreja em prestar uma cooperação proveitosa. Trabalhar com eles individualmente, tentando despertá-los para buscarem eles próprios uma experiência mais profunda e trabalharem por outros. Quando estiverem preparados para apoiar o ministro mediante orações e serviços, maior êxito há de lhe acompanhar os esforços²⁴.

Leigos estão engajados em muitas atividades de evangelização e parece que este tem sido um fator decisivo no crescimento da IASD. Aparentemente, uma tarefa muito importante para o pastor da igreja local é desenvolver um tipo de escola de treinamento para leigos, preparando-os para fazer seu trabalho mais efetivamente. O programa de tal escola deveria incluir assuntos como pregação, relações humanas,

²² WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**. P. 110.

²³ Id., **Educação**, p.226.

²⁴ Id., **Evangelismo**, p. 110-111.

princípios de liderança, ministério urbano, métodos de estudo da Bíblia, história da IASD, doutrinas da igreja e temas sobre santidade e estilo de vida cristã.

Wagner enfatiza este papel de preparador do pastor: “O primeiro fator catalisador para o crescimento em uma igreja local é o pastor”²⁵. O pastor de uma igreja tem de ser o coordenador de atividades que conduzam a um crescimento simétrico. Para desenvolver de uma maneira apropriada sua função numa congregação, o pastor deve ter certos dons assim como tempo suficiente. Estudos sobre o crescimento de igrejas sugerem que leva pelo menos 4 anos antes que um crescimento real comece. Wagner ²⁶ diz que: “os anos mais produtivos de um pastor geralmente começam apenas depois do quarto ou sexto ano de sua estada”.

Os métodos de evangelização percebidos em São Paulo e Joinville são mais eficazes quando existe uma relação pessoal entre um membro da igreja e um futuro membro. Um ingrediente essencial nos fatores evangelizadores mais eficientes é a relação direta entre linhas de envolvimento social; por exemplo, amigos e parentes.

De acordo com a Bíblia, os dons do Espírito Santo foram concedidos à igreja para edificação em sua responsabilidade para com as boas novas. Paulo dá três razões pelas quais estes dons são necessários: “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo”²⁷. Os santos precisam estar bem preparados para um serviço especial ao sair para proclamar as boas novas de Cristo, e isto implica que não apenas o clero recebe dons, mas todos os convertidos são equipados e têm de trabalhar para Deus.

Na IASD este conceito teológico de Paulo não é discutido, mas é aceito como modo de vida. Mas há um perigo a ser evitado. As atividades de evangelização não devem ser deixadas para os ministros pagos enquanto os membros são levados pela ideia de que podem substituir envolvimento pessoal por ofertas substanciais. De acordo com a Bíblia, todo membro recebe dons do Espírito e tem um papel muito importante a cumprir na construção do Corpo de Cristo aqui na terra.

Quando cada cristão descobre o seu dom e se envolve no ministério, não há frustração provocada por incompatibilidade entre dons e serviços. Em consequência, a igreja cresce materialmente [...] os membros não vão olhar depreciativamente para alguém que tem um

²⁵ WAGNER. **Your church can grow**, p. 53.

²⁶ Id., *Your spiritual gifts can help your church growth*, p. 163.

²⁷ Ef 4:12.

dom diferente dos seus. Trabalharão como uma equipe para terminar o trabalho²⁸.

A IASD deve investir em seus membros, ajudando-os a descobrir os seus dons e os capacitando para que realizem um trabalho eficiente junto aos seus amigos e parentes.

O pastor deveria dar mais atenção à pregação bíblica, principalmente colocando maior ênfase nas doutrinas adventistas concernentes a Jesus Cristo. Já que a maioria dos novos membros são atraídos à igreja pelas doutrinas, os pastores deveriam preparar bons sermões sobre verdades doutrinárias²⁹.

David Eby declarou: “Sem pregação não há igreja. Sem proclamação não há crescimento da Igreja. Pregador é o coração, o sangue, o sistema circulatório da vida e do crescimento da igreja”³⁰.

O método evangelizador de dar estudos bíblicos é relatado pelos novos membros como um elemento eficaz para influenciar pessoas a tomarem a decisão de se juntarem aos adventistas.

No plano evangelizador da igreja, a maior ênfase deve ser colocada na utilização de oportunidades de contato pessoal centralizadas no lar, encorajando reuniões em pequenos grupos, em lares de diversos níveis econômicos.

Não é necessário nenhum plano complexo ou elaborado. Deus usará meios simples para terminar seu trabalho.

Deus usará os meios e recursos pelos quais se verá que Ele está tomando as rédeas em suas próprias mãos. Os obreiros ficarão surpreendidos em ver os simples meios que Ele usará para concluir e aperfeiçoar Sua obra de justiça³¹.

Em relação a esta última declaração, é evidente que um dos problemas envolvidos em se conseguir que os membros leigos dêem estudos bíblicos é o fato de que a maioria não se sente preparada para fazê-lo³². Não resulta de simples falta de interesse ou consagração, mas de um plano de treinamento e ação elaborado de

²⁸ BURRIL, Russel. *Revolução na Igreja*, p. 30-31.

²⁹ Nas igrejas adventistas em Santa Catarina, todo o terceiro sábado de cada mês é dedicado à pregação doutrinária. Nota do Autor.

³⁰ EBY, David. **Pregação poderosa para o crescimento da igreja**, p. 22.

³¹ WHITE, Ellen G. **Evangelismo**, p. 118.

³² TIMM, Alberto R. *Estudos bíblicos com criatividade*, p. 8-10 e *Como apresentar a Cristo nos estudos bíblicos*, p. 40-42.

modo a ser facilmente compreendido e aplicado pelos membros. Há necessidade de um plano simples que todos possam usar.

Este método também precisa ser maleável em seu uso e não limitado em seu modo de operação. Nem todas as pessoas têm o tempo, a habilidade ou a inclinação para usar uma ferramenta exatamente da mesma forma que todo mundo faz. Assim, este instrumento deveria possibilitar não apenas uma variedade de métodos de uso, mas também a possibilidade de exercitar a criatividade natural de cada membro, tornando o projeto mais pessoalmente compensador para ele³³.

Em resumo, a Igreja parece reconhecer hoje que há uma necessidade definida por um método de evangelização pessoal que apresente as seguintes características: possibilite a participação de todo membro que assim o desejar; envolva contatos pessoais nas casas de pessoas interessadas até que o programa seja completado; seja simples o suficiente para não necessitar de um programa de treinamento prolongado; seja eficaz o suficiente para despertar o entusiasmo daqueles que são hesitantes em adotar tal plano; seja adaptável a uma grande variedade de usos e leve ao exercício da criatividade pessoal e também da participação daqueles que o estão usando.

Estes fatores, assim como as necessidades reveladas por estas pesquisas, apresentam um grande desafio para o desenvolvimento de um novo método de evangelização pessoal. Método esse que deve ir ao encontro dos diferentes níveis de pessoas, elaborado de forma interessante e útil aos leigos da Igreja.

A IASD deveria usar a televisão, o rádio e a literatura para alcançar as populações de média e alta classe, já que este é o melhor meio de comunicação para atingir esse segmento significativo da sociedade. Faz-se necessária uma maior divulgação e investimento quanto ao uso da televisão na pregação do evangelho.

Os pequenos grupos, a escola sabatina e o evangelismo público apresentaram uma pequena colaboração na conquista de novos membros em São Paulo e em Joinville³⁴.

Ellen G. White ao referir-se sobre a importância da Escola Sabatina, declara:

³³ Ver XAVIER, Érico T. **A soberania do Espírito Santo**, p.5.

³⁴ Conclui-se, portanto, que a nova metodologia de Pequenos Grupos, embora importante em si mesma, não tem sido um ponto forte de evangelização e sim de conservação de membros da igreja. Ver NUNES, Luiz. **Implantação e crescimento de igrejas nas Uniões Norte Brasileira e Nordeste Brasileira**, p.121-133.

A Escola Sabatina deve ser um dos maiores instrumentos, e o mais eficaz, em levar almas a Cristo (...) é um importante ramo do trabalho missionário, não só porque proporciona a jovens e velhos o conhecimento da Palavra de Deus, mas por despertar o amor por suas sagradas verdades e o desejo de estudá-las por si mesmas; ensina-os, sobretudo, a regular sua vida, por seus santos ensinamentos³⁵.

A igreja deveria estudar a possibilidade de fazer dos pequenos grupos e da escola sabatina verdadeiros centros ou pontos de evangelização, e resgatar o antigo método de evangelismo público. “As novas metodologias, ao serem implantadas, não podem deixar de enfatizar as formas antigas de se trabalhar, sem que isso traga uma diminuição considerável no número de batismos”³⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As respostas obtidas por meio da aplicação das pesquisas em dois municípios brasileiros, com características geográficas e populacionais diversas, bem como em épocas diferentes, apresentaram similaridades.

É verdade que a maioria dos adventistas em São Paulo e Joinville não é capaz de apresentar razões teológicas³⁷ para o tipo de conceito que eles têm da Igreja. Eles não conhecem teologia com profundidade, mas acreditam na Bíblia e no grande chamado de Jesus. Para eles, a Igreja existe em sua comunidade como uma agência para ganhar almas para Cristo. Essa percepção é benéfica já que o conceito que os membros têm sobre os outros membros, sobre a igreja e seus propósitos determinará o tipo de atividades que a congregação terá na área abrangida.

Jesus disse aos seus discípulos: “Vós sois o sal”³⁸ e “Vós sois a luz do mundo”. Ambas as expressões estão relacionadas com a responsabilidade do cristão em relação ao mundo que pode ser salvo do pecado e seus resultados.

³⁵ WHITE, Ellen G. Conselhos sobre a Escola Sabatina, p.10-11.

³⁶ Ibid., p.132.

³⁷ Nos Estados de São Paulo e Santa Catarina vem sendo realizados cursos na área teológica (Estudos em Religião) O objetivo é preparar teologicamente os membros da IASD para melhor servir e propagar a fé. Os cursos são ministrados por pastores com mestrado ou doutorado e tem o reconhecimento do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia (SALT). As aulas são ministradas muitas vezes aos domingos e os cursos tem a duração de 1 ano e meio, totalizando 12 matérias.

³⁸ Mt 5:13-16.

A meta de Cristo para a igreja é estabelecer uma comunidade de discípulos que leve as boas novas do reino “para cada nação e tribo e língua e povo”³⁹. Essa meta se cumpre no ministério de amor e dedicação para com o mundo a perecer.

White apóia a idéia da evangelização como o trabalho principal da igreja. Diz ela: “A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o Evangelho ao mundo”⁴⁰. E acrescenta: “A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo; e pela igreja será a seu tempo manifesta, mesmo aos “principados e potestades nos céus (Efésios 3:10), a final e ampla demonstração do amor de Deus”⁴¹.

Os adventistas em São Paulo e Joinville, mesmo em épocas distintas, dividem a ideia comum de que o único modo de manter a fé crescendo é através do testemunho ativo. Esta atitude tem provado ser mais eficaz em suprir as necessidades espirituais dos membros do que sentar e discutir assuntos teológicos. Existe um claro mandamento para a igreja do mundo urbano⁴². O grande trabalho de evangelização a ser realizado pela igreja precisa avançar no cumprimento da missão. As observações e recomendações mencionadas neste estudo impulsionam a igreja para que a obra de evangelização alcance todas as camadas da população.

O assunto é instigante e de extrema importância para a IASD. Conhecer as características sociológicas e perceber os índices de receptividade e resistência da população são fatores importantíssimos para a sedimentação e crescimento da igreja, não só em São Paulo e Joinville, mas em todos os municípios onde está inserida ou pretende se estabelecer.

Frederico Alexandre Amitrano, no artigo Crescimento da Igreja: milagre, método ou trabalho?”⁴³ adverte:

[...] há ainda uma outra vertente de pensamento: aquele que acredita que não devemos nos interessar sobre o assunto crescimento de igreja uma vez que esse seria assunto que interessaria apenas a Deus [...]. Há o grupo que responde à questão crescimento com métodos, marketing, sistemas [...]. O crescimento veio de Deus; é o que diz o Apóstolo Paulo. E aí entra a questão do milagre. Crescimento é também algo sobrenatural. Nós não podemos fazer nada crescer por

³⁹ Mt 28:19-20.

⁴⁰ WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**, p.9.

⁴¹ Idem.

⁴² Sobre a missão urbana da igreja, ver LYRA, Sérgio, **Cidades para a glória de Deus**, Belo Horizonte: Visão Mundial, 2004; BARRO, Jorge H., **De cidade em cidade**, Londrina: Descoberta, 2002; BARRO, Jorge H., **Ações Pastorais da Igreja com a Cidade**, Londrina: Descoberta, 2000.

⁴³ AMITRANO, Frederico Alexandre, **Crescimento da igreja: milagre, método ou trabalho?** P.53-57.

nós mesmos. Mas podemos contribuir e cuidar. E esse é o ponto de equilíbrio entre tecnocrata e espiritualizante⁴⁴.

O fato a que Amitrano se refere é que proporcionar o crescimento constitui um trabalho para Deus e para o homem. Deus optou que trabalhássemos em parceria com Ele⁴⁵. O homem deve fazer sua parte: plantar e regar! “E esperar do céu aquilo que não podemos fazer (dar o crescimento)”⁴⁶.

REFERÊNCIAS

AMITRANO, Frederico Alexandre. Crescimento da Igreja: milagre, método ou trabalho? **Revista Brasileira de Teologia**, Rio de Janeiro: Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, n. 1, p. 53-57, 2000.

ASSOCIAÇÃO GERAL. **Nisto cremos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1989.

BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. rev. e at. no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

BARRO, Jorge H. **Ações pastorais da Igreja com a cidade**, Londrina: Descoberta, 2000.

_____. **De cidade em cidade**, Londrina: Descoberta, 2002.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE). **Estimativa**. Disponível em: <<http://www.joinville.sc.gov.br/>>. Acesso em 12 de mar. de 2004.

_____. **Censos demográficos**. Disponível em: <http://www6.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/planejamento/sp_em_numeros/0003>. Acesso em 20 set. 2005.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE). Disponível em: <http://ibge.gov.br/>. Acesso em 12 set. 2005.

BURRIL, Russel. **Revolução na igreja**. Almargem do Bispo – Portugal Publicadora Atlântica S.A., 1999.

EBY, David. **Pregação poderosa para o crescimento da igreja**. São Paulo: Candeia, 2001.

HARGER, Carmen Sílvia. **Perfil socioeconômico de Joinville** – Dados 2003 – Edição 2004. Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), responsável pela compilação dos dados.

⁴⁴ Id., p.53-54.

⁴⁵ 1 Co 3:9.

⁴⁶ AMITRANO, Frederico Alexandre, *Op. cit.*, p.54.

JOINVILLE. **Perfil socioeconômico**. Prefeitura Municipal de Joinville/Univille, ed. 2002.

LYRA, Sérgio. **Cidades para a glória de Deus**, Belo Horizonte: Visão Mundial, 2004.

MCGAVRAN, D. **Compreendendo o crescimento da igreja**. São Paulo: Sepal, 2001.

NIDA, Eugene. **Culture and church growth**. Church Growth and Christian Mission (McGavran), s/d.

NUNES, Luiz. Implantação e crescimento de igrejas nas Uniões Norte Brasileira e Nordeste Brasileira. **Revista Hermenêutica**, v. 3, IAENE, 2003.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. **Histórico**. Disponível em: <<http://prodam.sp.gov.br/dph/historia/index.htm>>. Acesso em 22 set 2005.

SARLI, Joel. **A study of the growth of the Seventh-Day Adventist Church in the metropolitan area of São Paulo, Brazil**. Tese doutoral, Michigan, Andrews University, 1982.

TIMM, Alberto Ronald. Estudos bíblicos com criatividade, **Revista Adventista**, março 2004.

WAGNER, Peter C. **Your church can grow**, Glendale (Ca): Regal Books, 1976.

_____. **Estratégia para o crescimento da Igreja**. São Paulo: Sepal, 1995.

WHITE, Ellen G. **Conselhos sobre a Escola Sabatina**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1999.

_____. **Evangelismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1978.

_____. **Atos dos Apóstolos**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1976.

_____. **Serviço cristão**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1981.

_____. **Obreiros Evangélicos**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1969.

_____. **Testemunhos seletos**. Vol 1, Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1956.

_____. **Testemunhos seletos**. Vol. 2, Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1957.

_____. **Educação**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1957.

_____. **Testimonies**. Vol. 9, Montain View, CA: Pacific Press, 1948.

XAVIER, Érico Tadeu. **Análise da história e dos fatores de crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia na cidade de Joinville – SC.** Dissertação Doutoral, Londrina: 2004.

_____. A soberania do Espírito Santo. **Revista Adventista**, março 2003.

Capítulo 3
ATIVIDADES COLETIVAS PARA ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS COM AUTISMO

Erica Fernanda Bastos Avelino

Jardilene Veloso Sousa

Ozineide Nascimento Santos

Ranilson Edilson da Silva

Rute Soares Sousa

Thelma Pinto Alves

ATIVIDADES COLETIVAS PARA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO

Erica Fernanda Bastos Avelino

Mestranda em Ciências da Educação; Universidade Autônoma de Assunção (UAA).

erica12psico@gmail.com

Jardilene Veloso Sousa

Pós-Graduanda em Psicopedagogia/AEE; Centro de Avaliação, Planejamento e Educação do Maranhão(CAPEM), Santa Inês-MA. jardilenesousa38@gmail.com

Ozineide Nascimento Santos

Pós-Graduanda em Psicopedagogia/AEE; Centro de Avaliação, Planejamento e Educação do Maranhão(CAPEM), Santa Inês-MA. osineidysantos0512@gmail.com

Ranilson Edilson da Silva

Doutorando em Ciências da Educação; Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS). prof.ranilsonuema@gmail.com

Rute Soares Sousa

Pós-Graduada em Psicopedagogia. rotina.soares88@hotmail.com

Thelma Pinto Alves

Pós-Graduanda em Psicopedagogia/AEE; Centro de Avaliação, Planejamento e Educação do Maranhão(CAPEM), Santa Inês-MA. thelma.marawell@gmail.com

RESUMO

As atividades coletivas são muito importantes para a interação dos alunos. Para o desenvolvimento da aprendizagem é importante a realização de tarefas, atividades, jogos e brincadeiras em grupo, incluindo o aluno com autismo. É importante ficar atento como o estudante com autismo rege nesses momentos e foque naquelas atividades onde ele se sinta mais integrado. Ainda que a inclusão do autismo seja um desafio para os professores, é importante buscar soluções e conhecimento para superá-lo. Adaptação está intrinsecamente ligada a inclusão e vai muito além da

presença física do aluno, pois quando falamos de atividades pedagógicas para autistas é necessário um cuidado mais específico. É de suma importância o apoio da escola, família e da equipe multidisciplinar composta por um **psicopedagogo**, fonoaudiólogo e psicólogo. Esses profissionais acompanham a criança para que a aprendizagem aconteça de forma efetiva. Além disso, uma equipe multidisciplinar envolvida e atenta com as necessidades da criança, trabalha de forma eficiente para ajudar no seu desenvolvimento e usa estratégias para contribuir com o aprendizado. Dessa forma, a intervenção acontece de forma positiva, possibilitando um ambiente organizado, lúdico e acolhedor. A adaptação de atividades para autistas é de fundamental para a efetivação da aprendizagem e são fundamentais para trabalhar habilidades que facilitem a aprendizagem escolar.

Palavras-chave: Autismo. Adaptação. Atividade coletiva. Aprendizagem.

ABSTRACT

Collective activities are very important for student interaction. For the development of learning, it is important to carry out tasks, activities, games and activities in groups, including students with autism. It is important to pay attention to how the student with autism acts in these moments and focus on those activities where he feels most integrated. Even though the inclusion of autism is a challenge for teachers, it is important to seek solutions and knowledge to overcome it. Adaptation is intrinsically linked to inclusion and goes far beyond the physical presence of the student, because when we talk about pedagogical activities for autistic people, more specific care is needed. Support from the school, family and the multidisciplinary team made up of a psychopedagogue, speech therapist and psychologist is extremely important. These professionals accompany the child so that learning takes place effectively. Furthermore, a multidisciplinary team involved and attentive to the child's needs, works efficiently to help with their development and uses strategies to contribute to learning. In this way, the intervention takes place in a positive way, creating an organized, playful and welcoming environment. Adapting activities for autistic people is essential for effective learning and is essential for working on skills that facilitate school learning.

Keywords: Autism. Adaptation. Collective activity. Learning.

INTRODUÇÃO

É necessário que a adaptação dos conteúdos didáticos das aulas seja realizada de acordo com o repertório comportamental de cada aluno. Por isso, vale destacar que nem toda criança com o Transtorno do Espectro do Autismo precisará de uma adaptação dos materiais didáticos. A adaptação atenderá a necessidade individual da criança. Por isso, uma das melhores maneiras de ensinar uma criança com dificuldades de aprendizagem ou desenvolvimento atípico é por meio do Plano de Ensino Individualizado (PEI).

O artigo 59, da LDB, garante que os sistemas de ensino assegurarão para o atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica.

A criança com TEA, necessita de um olhar multidisciplinar em prol do seu cuidado, dessa maneira, a falta de recursos implica em situações de frustrações para os pais, por não visualizarem as necessidades do filho serem suprida. Assim, a falta de visualização de soluções, até o próprio não reconhecimento dos direitos da criança, são fatos capazes de gerar sentimentos de aflições nos pais (De Oliveira Kiquio; Gomes, 2018).

Pontis (2022), destaca que é importante observar de maneira focada as particularidades, os recursos e as fragilidades daquela criança, a implementar estratégias simples, mas eficazes, para melhorar a aprendizagem dos alunos com autismo.

Vale destacar a necessidade de modificar as instruções das atividades, alterar o formato das aulas, adaptar o plano de aula, explorar novos ambientes e usar estratégias de ensino diferenciadas. E para saber se todas essas estratégias estão funcionando é fundamental observar com regularidade o avanço do aluno e se as dificuldades de aprendizagem persistem.

Ante o exposto, destaca-se a necessidade de educação permanente para a capacitação dos profissionais como forma de melhorar a qualidade no cuidado, a partir do acolhimento tanto das crianças, quanto dos pais, visto que a atenção a saúde deve ser realizada de forma integral a família.

A FUNÇÃO DAS ATIVIDADES NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS

A principal função é buscar o envolvimento e o estímulo para desenvolver seus aspectos sociais e cognitivo melhorando sua capacidade motora e a capacidade psicomotora e a afetividade da criança, e entre tantas tentativas em encontrar a melhor solução, a atividade lúdica é definida por alguns autores, como uma ferramenta de importância relevante nesse processo.

Para Luckesi (2005, p.27), a ludicidade é uma experiência de plenitude que possibilita a vivência de suas ações. Cada um de nós pode ser um exemplo de como pode ser pleno a vivência com a ludicidade. É mais fácil entender isso, em nossa

experiência, quando nos entregamos totalmente a uma atividade que possibilita a abertura de cada um de nós para a vida.

Essa ludicidade segundo o autor vem acompanhada de jogos e brincadeiras que ampliam suas vivências e experiências auxiliando no desenvolvimento das práticas e habilidades em leitura e escrita da criança.

Ressalta Ferreiro (2001). O professor não pode, então, se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções; as de adulto já alfabetizado. Para ser eficaz deverá adaptar seu ponto de vista ao de uma criança. Uma tarefa que não é nada fácil”. Barbato (2002) nos mostra a importância de atividades lúdicas como suporte para alfabetização segundo o autor os alunos do ensino fundamental constroem seu conhecimento, utilizando procedimentos lúdicos como base para aprendizagem: a imaginação é um processo que possibilita a construção do conhecimento de forma diferenciada e é um excelente instrumento para aprendizagem significativa.

Pode-se perceber que para os autores a ludicidade é sem dúvida nenhuma um instrumento potencializador no processo da alfabetização, e que esse importante instrumento pode e deve ser usado na alfabetização de crianças autistas, mesmo com suas limitações as crianças com TEA são capazes de desenvolver por meio de atividades lúdicas a afetividade, o envolvimento com outras crianças o desenvolve o seu interação social e lhe possibilita novas descobertas, a música também é muito importante dentro do processo de alfabetização de crianças com TEA, permitindo o estímulo de expressões corporais, faciais, gestos, pulos e movimentos diferentes ao do seu habitual, outros recursos também podem e devem ser usados nesse processo desde que seja usado por alguém preparado.

Para Santos (2004): Através das atividades lúdicas a criança assimila valores, adquire comportamentos, desenvolve diversas áreas de conhecimento, exercita-se fisicamente e aprimora habilidades motoras. No convívio com outras crianças aprende a dar e receber ordens, a esperar sua vez de brincar, emprestar e tomar como empréstimo o seu brinquedo, a compartilhar momentos bons e ruins, a fazer amigos, a ter tolerância e respeito, enfim, a criança desenvolve a sociabilidade. (Santos, 2004,p.56).

O autor descreveu muito bem o papel da ludicidade dentro desse processo de alfabetizar crianças com transtorno do espectro do autismo, quando afirma todos os benefícios que esse modo de brincar trás, não podemos esquecer que não

simplesmente a brincadeira, mas sim os meios e métodos que são usados no ato de brincar.

Conforme (Luckesi, 2006), tendo por base os escritos, as falas e os debates, que tem se desenvolvido em torno do que é lúdico, tenho tido a tendência em definir a atividade lúdica como aquela que propicia a plenitude da experiência. Comumente se pensa que uma atividade lúdica é uma atividade divertida. Poderá sê-la ou não. O que mais caracteriza a ludicidade é a experiência de plenitude que ela possibilita a quem a vivencia em seus atos. (Luckesi, 2006,p.2).

Pode-se perceber nas palavras dos autores a ludicidade como ferramenta, mais importante dentro do processo de alfabetização de crianças autistas, tendo em vista todo desenvolvimento que ela trazer e todas as abordagens que pode se trabalhar com usos métodos e técnicas, que podem e devem ser usados por profissionais que dentro do contexto escolar trabalham na alfabetização de crianças com TEA.

Diante do exposto sobre a importância da ludicidade para as crianças com TEA, destacamos ainda que a prática da ludicidade é imprescindível para todas as crianças; pois a mesma faz parte do universo infantil, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento cerebral. Desta forma, o professor que adota como sua prática aulas mais lúdica em muitos casos não será necessário nem mesmo uma adaptação de currículo, uma vez que muitas crianças com TEA principalmente as que estão no nível de suporte 1, conseguem na maioria das vezes realizar as mesmas atividades que as crianças típicas realizam , se as atividades propostas possuem algum significado para elas.

Entretanto, para algumas crianças com TEA o processo de alfabetização pode ocorrer de maneira mais complexa, e é exatamente neste caminho de busca por atividades mais adequadas, a fim de atingir a necessidade particular e real de cada criança, que faz-se necessário um trabalho colaborativo entre os professores da sala de aula regular, professores do Atendimento Educacional Especializado- AEE, psicopedagogos e demais profissionais que compõem a equipe multiprofissional ou multidisciplinar que acompanham este aprendiz em seu processo de ensino-aprendizagem; para além de uma adaptação curricular, através de atividades e técnicas adequadas, descubrirem ainda habilidades que antecedem o processo de alfabetização que não foram desenvolvidas adequadamente. Por esta razão a ênfase na função de cada atividade proposta, dar-se principalmente ao objetivo que a mesma trás.

Conhecimentos e procedimentos: a escrita alfabético-ortográfica é um sistema de representação; ele se distingue de outros sistemas de representação, como o desenho; ele representa certas propriedades do signo linguístico; sua utilização envolve uma automatização das relações entre o escrito e aquilo que representa. Capacidades motoras e cognitivas: habilidades de ler e escrever seguindo a direção correta da escrita na página, habilidades de uso de instrumentos de escrita (lápis, caneta, borracha, corretivo, régua...), aprendizagem de uma postura corporal adequada na leitura e na escrita, aprendizagem da caligrafia (Soares, 2005, p. 23).

[...] em crianças pequenas com transtorno do espectro autista, a ausência de capacidades sociais e comunicacionais pode ser um impedimento à aprendizagem por meio de interação social ou em contextos com seus colegas (APA, 2014, p.98).

Não podemos esquecer, portanto, o quanto atividades que estimulam a interação social ou as mais variadas formas de comunicação, também estimulam todo este complexo processo de alfabetização, sem esquecer também o papel importante da afetividade e o estímulo a boas emoções.

CRIANÇA COM O TRANSTORNO DO ASPECTRO AUTISTA (TEA) NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO PARA AS APRENDIZAGENS

O TEA é uma condição neurológica comportamental, que modifica a forma como a criança se comunica com o mundo, crianças com TEA tem o direito de se divertir, brincar, e experiências com novos desafios, tanto no ambiente familiar, quanto no escolar.

De fato não existe uma técnica única e exclusiva para crianças do espectro, o principal objetivo é justamente promover a inclusão, respeitando as diferentes sensibilidades, e estimulando cada criança no seu ritmo, pois cada um tem sua própria individualidade, e aprende no seu tempo. Facilitar a participação dessas crianças com TEA é de total importância, pois promove a interação delas com outras pessoas, como familiares, professores, e colegas de classe.

As atividades para crianças autistas é um diferencial, tanto para o desenvolvimento dentro do espectro, quanto para o sócio emocional, trabalhando assim também a questão do corpo, movimento, e da mente, emoções (psicomotricidade)

Uma das principais características do espectro é a dificuldade de comunicação, tanto na expressão quanto na compreensão de informações, essas atividades não

atuam somente nas dimensões sócio emocionais, elas também são ferramentas valiosas para o desenvolvimento cognitivo, e podem ajudar na coordenação motora, e consciência fonológica.

Há diversos tipos de atividades que vão de encontro às necessidades de todas as crianças, incluindo as que estão dentro do espectro autista.

ATIVIDADE DE ALFABETIZAÇÃO PARA CRIANÇAS COM TEA

Destacar o som junto com os aspectos visuais das letras, ajudar todas as crianças nesse processo, indo dos sons mais simples, aos mais complexos, além disso, a leitura em voz alta, expressando emoções ajuda as crianças com autismo ajuda entender melhor o contexto da interação.

Contação de história – fazer teatro com fantoches, fazer desenhos, usar livros com imagens, permitir a criança contar suas próprias histórias, atividades assim ajudam muito a estimular o raciocínio.

Música e rimas – cantar junto, assistir clipes infantis contribui para o raciocínio dela ao entender a junção das palavras, a consciência de semelhanças e diferenças de formas, o sentido de uma frase, ou associar imagens e falas.

Outras atividades como contagem de objetos, interessante colocarem operações simples do dia a dia, como adição, subtração, utilizar sempre materiais concretos, como tampinhas, palitos de picolé, dentre outros.

Dominó – um jogo que envolve a contagem, raciocínio lógico, e estratégia da criança.

Quebra cabeça – ajuda a criança a entender as formas geométricas, e ao mesmo tempo estimula o uso da imaginação.

ABA NA ALFABETIZAÇÃO DE AUTISTAS

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma abordagem terapêutica enraizada na psicologia comportamental, visando a modificação do comportamento por meio da aplicação de princípios científicos para atingir metas específicas.

De acordo com Anderson (2007), diz sobre o método ABA:

A metodologia ABA. É o uso científico dos princípios da abordagem comportamental para desenvolver, manter e aumentar comportamentos desejados e diminuir comportamentos indesejados. Envolvendo uma série de diferentes estratégias, que podem ser utilizadas em variadas situações para modificar ou ensinar novos comportamentos. (Anderson, 2007, p.10)

No contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), o ABA tem desempenhado um papel fundamental na ampliação do repertório comportamental e na melhoria da qualidade de vida dessas crianças. Essa abordagem altamente individualizada e estruturada, focada no reforço positivo, na redução de comportamentos desafiadores e na intervenção precoce, tem demonstrado eficácia na preparação de crianças com TEA para a alfabetização, fornecendo-lhes uma base sólida para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

Atentar para as dificuldades e facilidades da criança em aprender. Tudo deve ser planejado de acordo com estilo de aprendizagem de cada criança, demonstrado pelos dados. Os dados são registros de como a criança está respondendo a cada programa; por exemplo, se ela acertou ou errou perguntas, se precisou de ajuda [...]. Esse número em geral se transforma em gráficos que serão usados para o analista do comportamento para tomar decisões continuamente em relação ao sucesso de sua intervenção (Fazzio, 2012, p.15).

A alfabetização de crianças autistas requer uma abordagem altamente individualizada, e o ABA se destaca nesse aspecto. Reconhecendo a variabilidade das habilidades de leitura e escrita entre crianças, o ABA adapta seus métodos de ensino de acordo com as necessidades específicas de cada criança com TEA.

Além da personalização, o ABA oferece uma abordagem estruturada e sistemática para o ensino de habilidades de alfabetização. A consistência e a rotina são particularmente benéficas para crianças com TEA, tornando o processo de alfabetização mais eficaz.

O ABA também enfatiza o desenvolvimento de habilidades prévias, como a atenção conjunta, a linguagem receptiva e expressiva, e a comunicação funcional. Essa abordagem cria uma base sólida para o desenvolvimento da alfabetização, permitindo que as crianças progridam de maneira mais eficaz.

Técnicas de reforço positivo são uma parte central do ABA, incentivando as crianças a se envolverem em atividades de alfabetização. Isso pode incluir recompensas tangíveis ou elogios, tornando o processo de aprendizado mais motivador e envolvente para as crianças com TEA.

Além de ensinar habilidades, o ABA também se concentra na redução de comportamentos desafiadores, que podem ser obstáculos para a alfabetização. As crianças aprendem a regular suas emoções e comportamentos, tornando o processo de aprendizado mais eficaz.

O ABA enfatiza a intervenção precoce, reconhecendo a importância de abordar habilidades de leitura e escrita desde cedo. Quanto mais cedo as necessidades da criança forem abordadas, maiores são as chances de sucesso em longo prazo na alfabetização.

É evidente que muitas instituições de ensino ainda não garantem uma educação de qualidade e, em vez disso, adotam práticas mais excludentes do que inclusivas. Ele ressalta que uma parcela significativa das escolas não dispõe de recursos didático-pedagógicos adequados para atender plenamente todas as crianças, e frequentemente exclui grupos marginalizados. Valem argumentar que embora a promoção da inclusão não seja uma tarefa fácil, tanto as escolas quanto os professores têm demonstrado que vale a pena superar esse desafio, pois a inclusão é uma responsabilidade que recai sobre todos os envolvidos no processo educacional.

Por fim, o ABA inclui avaliação constante do progresso da criança, permitindo ajustes nas estratégias de ensino à medida que as necessidades evoluem. Isso é crucial para a alfabetização, já que as habilidades de leitura e escrita podem se desenvolver de maneira desigual em crianças com TEA. Em resumo, o ABA desempenha um papel vital na preparação de crianças com TEA para a alfabetização, personalizando o ensino, promovendo a estrutura, focando nas habilidades prévias e reforçando comportamentos positivos, tudo enquanto reduz comportamentos desafiadores. Contudo, deve ser lembrado que o ABA não é a única abordagem eficaz, e frequentemente é complementado com outras terapias e profissionais especializados para atender às necessidades individuais de cada criança autista.

METODOLOGIA

Para produção deste artigo, foi utilizada como metodologia a pesquisa qualitativa, como revisão de literatura, por meio de livros impressos, documentos oficiais, revistas e artigos científicos, site, visando atender os objetivos de analisar a importância e os desafios da utilização do método de alfabetização para crianças com

TEA, além de estudar conceito do termo autista e compreender a utilização do método alfabetização e seu processo de desenvolvimento.

Dessa forma, cabe esclarecer que a metodologia de pesquisa qualitativa procura investigar e analisar um problema através de referenciais teóricos avaliando, discutindo e refletindo acerca das diversas contribuições científicas.

Assim, a pesquisa qualitativa oferecerá subsídios para compreensão sobre o tema abordado.

Salomon (2004) destaca ainda que para o desenvolvimento de todo o processo da pesquisa qualitativa é necessária uma procura programada de informações bibliográficas buscando organizar e documentar o trabalho. Para isso, Salomon (2004) divide esse processo em três fases: a fase da preparação que envolve a delimitação do tema, a tomada de conhecimento da área a ser pesquisada, levantamentos, seleção e identificação das referências bibliográficas, assim como a localização dos documentos; a fase da realização que abrange os fichamentos dos documentos pesquisados após sua leitura e análise e a fase da comunicação que se trata do momento da redação do trabalho.

Dessa forma, pode-se dizer que o presente artigo teve como norte essas fases descritas por Salomon (2004), pois foi realizada a fase da preparação por meio de estudos e leituras a respeito do tema que permitiu elaborar o corpo do trabalho e a definição do que seria pesquisada dentro do assunto principal, a fase da realização através dos fichamentos e demais anotações do que foi considerado relevante frente ao que foi pesquisado com as devidas anotações de suas referências bibliográficas e a fase da comunicação que envolve a produção da redação do trabalho.

Portanto, cabe enfatizar ainda que este trabalho está embasado teoricamente nos fundamentos e informações científicas de autores renomados na área em estudo, envolvendo a questão da temática da inclusão do aluno autista no processo de alfabetização, sendo eles: Pontis (2022), Luckesi (2006), Ferreiro (2001), Santos (2004), Soares (2005), Anderson (2007), Fazzio (2012), e LDB 9.394/96. Nessa perspectiva, o artigo foi organizado da seguinte forma: o levantamento, a descrição e explicação sobre a origem e conceito do termo autista e em seguida, foi descrita, analisada e explicada à importância da alfabetização para crianças com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, as pesquisas apresentadas aqui apontaram para as principais atividades para o processo de alfabetização das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), delimitando o aprofundamento de alguns aspectos (atividades adaptadas, foco restrito e interesse intenso para o desenvolvimento da aprendizagem).

Outro elemento importante é a inserção deste indivíduo em contextos e ambientes que promovam e favoreçam experiências que irão ampliar o seu repertório de vivências e habilidades, como o acesso à educação e inserção no ambiente escolar. A escola exerce um papel fundamental na vida da criança com autismo, pois assume o papel de preparar a criança para o meio e deve garantir que as necessidades da criança sejam atendidas, garantindo o apoio e serviços necessários para o seu aprendizado.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, M. ***Tales from the table: Lovaas/ABA intervention with children on the autistic spectrum.*** Pentonville: Road London, 2007.

APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** – DSM – 5. Porto Alegre: Artmed, 2014, 948p.

BARBATO, Silviane Bonaccorsi. **Integração de crianças de 6 anos ao ensino fundamental.** São Paulo: Duas cidades, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 1996.

DE OLIVEIRA KIKUIO, Thais Cunha; GOMES, Karin Martins. O Estresse familiar de crianças com transtorno do espectro autismo–tea. **Revista de Iniciação Científica**, v. 16, n. 1, p. 1-12, 2018. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/iniciacaocientifica/article/view/4270>. Acesso em: 10 out. 2023.

FAZZIO, D. **O Verdadeiro ABA: Um Programa Público Modelo de Intervenção Comportamental Precoce Para Crianças Com Autismo.** Revista Autismo. n. 2. Abril, 2012. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/autismo-e-a-educacao-metodo-aba-como-proposta-de-intervencao-na-educacao-infantil.htm> Acesso em: 27 out. 2023.

FERREIRO, Emilia. **Cultura escrita e educação**: conversas de Emilia Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa Maria Torres. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMAO, Nádía Maria Ribeiro and AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shírley. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Rev. bras. educ. espec. [online]**. 2014, vol.20, n.1 [cited 2020-10-20], pp.117-130.

LUCKESI, Cipriano. **Ludicidade e atividades lúdicas**: uma abordagem a partir da experiência interna. Disponível In: www.luckesi.com.br. Acesso em: Março 2006.

PONTIS, Marco. **Autismo**: o que fazer e o que evitar – Guia rápido para professores do Ensino Fundamental. Petrópolis, RJ, Vozes 2022.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma Monografia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 35.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca**: o lúdico em diferentes contextos. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Capítulo 4
REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE DEPRESSÃO EM
ESTUDANTES DE MEDICINA

Ana Paula Alves da Silva
Erik David Alves Tomaz
Ana Lídia Bentes Amazonas
Carolina Pereira Moreno

REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE DEPRESSÃO EM ESTUDANTES DE MEDICINA

Ana Paula Alves da Silva

Graduanda Medicina

Erik David Alves Tomaz

Graduando Medicina

Ana Lídia Bentes Amazonas

Graduanda Medicina

Carolina Pereira Moreno

Graduanda Medicina

RESUMO

Introdução: A depressão apresenta níveis mais elevados entre acadêmicos de medicina do que na população geral. Isso ocorre devido a diversos fatores de risco, descritos na literatura, que estão presentes desde o ingresso na faculdade até o internato. Identificar esses fatores é essencial para desenvolver estratégias de detecção precoce e fornecer suporte psicológico. Desse modo, a finalidade do trabalho é identificar quais são esses fatores de acordo com os estudos mais recentes sobre o tema. Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão sistemática realizada nas bases de dados Scielo e Pubmed, com os descritores “depressão” and “medicina”. Entre os 36 artigos encontrados, foram selecionados 10 artigos. Resultado e discussão: Foram identificados como fatores estressores presentes na graduação de medicina: idade, o gênero, a sexualidade, a condição socioeconômica, a sobrecarga de atividades, a falta de tempo para atividades de lazer, insatisfação com o curso e a cobrança pessoal e a competitividade que estão presentes ao longo do curso, além do contato com pacientes graves que geram reflexões à respeito da comunicação de más notícias, morte de pacientes e ao preparo para o mercado de trabalho. Esses fatores aliados à baixa procura pelo atendimento psicológico são responsáveis pela alta prevalência de depressão entre os acadêmicos. Conclusão: O estresse crônico contribui para a prevalência de depressão entre estudantes de medicina. Foram identificados diversos fatores psicossociais que tornam o acadêmico vulnerável a esse transtorno. Embora, na graduação estudem sobre a saúde mental, ainda há relutância em buscar atendimento. Tal panorama reforça a importância de estratégias para fornecer apoio psicológico.

Palavras-chave: Depressão, Medicina, Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

Para Sacramento (2021), os transtornos mentais comuns (TMC) implicam sofrimento psíquico e interferem nas atividades diárias, nos relacionamentos interpessoais e na qualidade de vida. Estima-se que os TMC atinjam de 9% a 12% da população mundial e de 12% a 15% da brasileira em todas as faixas etárias. De acordo com Paula et al. (2020), no Brasil, estudos realizados em São Paulo e Goiás indicam que, respectivamente, 38,2% e 26,8% dos estudantes de medicina apresentavam sintomas depressivos

Nos últimos anos, a saúde mental dos universitários tornou-se foco de atenção devido à associação de fatores de risco com os cursos da área de saúde. No curso de medicina. Costa et al. (2019), ressalta que as mudanças psicossociais que ocorrem ao ingressar na faculdade (morar em outra cidade, ficar longe da família, ter responsabilidade financeira), aliados ao estresse intrínseco presente na graduação (carga horária intensa e extensa, menor convívio social, competitividade, privação de sono, entre outros) são fatores que tornam o acadêmico mais vulnerável ao sofrimento psíquico e/ ou transtornos mentais. De acordo com Lima (2019), a depressão tem uma incidência elevada tão grande quanto a de comorbidades como depressão e diabetes, apresentando diversas etiologias.

Diante disso, identifica-se como problema de pesquisa deste trabalho é que o número de estudantes que procuram ajuda são inversamente proporcional aos casos de transtornos mentais, assim, afirmando que a saúde mental se deteriora à medida que progridem na faculdade de medicina e continua a declinar quando entram no mercado de trabalho. (PAULA ET AL. 2020, NERES ET AL. 2021).

Esse dado é ratificado pelo estudo de Neres (2021), que afirma que dentre os diferentes grupos sociais, os estudantes universitários possuem maior vulnerabilidade para desenvolver transtornos de ansiedade e depressão. Brunfentrinker et al. (2021) além de destacar esses fatores de risco, ressaltam que no final do curso surgem novos aspectos associadas à depressão (plantões, estresse devido à provas de residência, preocupação com o emprego e maior responsabilidade pelo atendimento do paciente).

No mesmo contexto, Neres et al. (2021) identificam os estudantes de medicina como importantes grupos de risco para transtornos mentais e que de forma ampla, a literatura aponta como fatores de risco para o surgimento de depressão e ideação suicida durante a formação médica, a alta carga horária, o grande volume de conteúdo

teórico, a insegurança relacionada ao ingresso no mercado de trabalho, as demandas da sociedade e instituições de ensino, a auto exigência excessiva.

Ademais, a prevalência de depressão e comportamento suicida entre estudantes de medicina é maior do que na população em geral. Mas, são necessários mais estudos para permitir uma melhor compreensão dos fatores de risco. Sacramento 2021, afirma que é fundamental o desenvolvimento de estratégias de intervenção precoce e apoio aos estudantes de medicina.

Desse modo, esse estudo tem como hipótese que é de grande importância o acompanhamento psicológico nas universidades de medicina, com a finalidade de detecção precoce e a criação de estratégias para a conscientização sobre o cuidado com a saúde mental dos estudantes.

A relevância deste estudo está em possibilitar uma melhor compreensão sobre os fatores de risco que estão associados à depressão nos acadêmicos de medicina. Assim, esse trabalho tem como objetivo geral analisar os estudos mais recentes sobre o tema depressão em estudantes de medicina, tendo ainda como objetivo específico foi identificar os fatores associados à depressão entre acadêmicos de medicina.

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, realizada no período de abril de 2022 a maio de 2022, nas bases de dados PubMed e SciELO. Foram empregados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “depressão” e “medicina”, a busca integrada foi realizada unindo os descritores através do conectivo “AND”. A pesquisa resultou em, respectivamente, 10 e 36 artigos, dos quais foram selecionados 10 artigos, sendo 2 encontrados em ambas as plataformas e 9 apenas na base de dados Scielo.

A pesquisa obedeceu aos seguintes critérios de inclusão: a) artigos, dissertações ou teses que abordassem a depressão no curso de medicina b) acesso gratuito ao texto completo c) recorte temporal de 2018 a 2022 d) estudos disponíveis nos idiomas português, inglês ou espanhol e) estudos realizados com base no inventário de depressão de Beck. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados os textos que: a) não respondiam à pergunta norteadora b) estavam voltados para a depressão entre médicos formados c) apresentaram duplicatas em mais de uma base de dados.

DESENVOLVIMENTO

A literatura constata que os índices de depressão em acadêmicos de medicina é maior do que na população geral (NEPONUCENO ET AL., 2019). De acordo com a OMS, a prevalência de depressão na população geral brasileira é em torno de 5,8% enquanto nos estudantes de medicina a prevalência encontrada é cerca de 20% (NERES ET AL., 2021). Há diversos fatores que são associados à esse dado como a idade, o gênero, a sexualidade, a condição socioeconômica, a sobrecarga de atividades, a falta de tempo para atividades de lazer, insatisfação com o curso, cobrança pessoal e a competitividade que estão presentes ao longo do curso, além do contato com pacientes graves, que gera reflexões à respeito da comunicação de más notícias, morte de pacientes e ao preparo para o mercado de trabalho (LIMA, 2019; NEPONUCENO ET AL., 2019; PAULA ET AL., 2020 ; COSTA ET AL., 2020; MAIA ET AL., 2020; BRUNFENTRINKER ET AL., 2021; NERES ET AL., 2021; SACRAMENTO ET AL., 2021).

Embora o curso de medicina seja um fator de risco para o desenvolvimento da depressão, é importante destacar que os transtornos mentais podem estar presentes antes do ingresso à faculdade e serem potencializados no decorrer do curso. O período pré-vestibular é um processo bastante estressante que predispõe o estudante a uma sobrecarga no tempo de estudo, à falta de tempo de lazer e induz a competitividade.

Ao ingressar na faculdade, ocorre uma mudança significativa na vida do acadêmico, mudando a metodologia de ensino que era tradicional no colégio e, na maioria das faculdades, torna-se aprendizagem baseada em problemas (ABL). Além disso, a demanda de conhecimento teórico é maior associada à menor tempo para dormir, praticar atividade física e ter contato com amigos e familiares. Alguns acadêmicos também passam a morar sozinhos em outro lugar, isso, em alguns estudos, também configura como fator de risco para o desenvolvimento da depressão (BARBOSA; MEDEIROS, 2021).

É importante ressaltar ainda que, embora alguns estudos apontem que o índice de depressão é maior nos primeiros anos do curso devido às características mencionadas anteriormente, os últimos anos também apresentam fatores de risco para o desenvolvimento desse transtorno mental. Lima (2021) ressalta em seu estudo que o maior índice de depressão ocorre no período de transição do ciclo

básico para o clínico. Ao entrar no ciclo clínico e, principalmente, no internato, os acadêmicos têm maior contato com pacientes graves, precisam aprender a lidar com a morte e com a comunicação de más notícias (BRUNFENTRINKER ET AL.,2021). Ademais, se sentem inseguros para enfrentar as demandas exigidas pelo mercado de trabalho, as horas exaustivas de plantão e a competência para cuidar dos pacientes.

Alguns artigos analisados apontam a associação de depressão com o gênero feminino. Essa questão está associada tanto ao fator social (machismo, menor salário, questionamentos sobre a competência como profissional) quanto à influência hormonal (COSTA ET AL., 2020; NERES ET AL.,2021). O preconceito também se faz presente em acadêmicos homossexuais, sendo um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais. Outro ponto destacado é a influência da condição socioeconômica, associada à maior cobrança pessoal e ao preconceito.

O estudo de Costa et al. (2020) ainda destaca que o termo de “estudante cotista” carrega um estigma negativo que afeta o estudante, pois, em algumas faculdades ele é visto por professores e colegas como alguém menos competente do que os demais. Também é comparada a prevalência de depressão em faculdades que adotam o método tradicional e a aprendizagem baseada em problemas (ABP).

Na literatura, é descrita a maior prevalência de depressão no método tradicional e esse dado é confirmado nos artigos analisados. Contudo, entre as faculdades que adotam o método da ABP, a depressão está diretamente associada à insatisfação com o método de aprendizagem. Alguns alunos se sentem inseguros, sem ter um direcionamento claro nos estudos (MAIA ET AL., 2020). Independentemente da metodologia adotada, uma queixa comum é a sobrecarga de atividades acadêmicas e a falta de tempo para lazer.

O sedentarismo e o sono irregular são fatores importantes que estão associados à depressão na maioria dos estudos. Inclusive, destaca-se a atividade física como um fator protetor para transtornos mentais e reforça sua contribuição com a melhora na qualidade do sono, aumentando a disposição para realizar as atividades durante o dia.

A socialização também é essencial para prevenir a depressão, contudo a exaustiva rotina acadêmica aliada à gestão inadequada do tempo impede que ocorra de forma adequada. É comum os estudantes se queixarem de falta de tempo para sair com amigos ou para estarem presentes em reuniões familiares. No mercado

profissional, é normalizada a dedicação exacerbada ao trabalho enquanto a convivência social é negligenciada.

Embora essa atividade tenha sua importância destacada na literatura, o estudo de Maia et al. (2020) apontou que os alunos que moram com os pais podem apresentar maior risco de depressão devido à cobrança constante e ao desempenho acadêmico prejudicado por atividades familiares.

Os estudos realizados reforçam a importância do cuidado com a saúde mental dos acadêmicos. Certamente, o acesso à psicólogos para fornecer apoio aos estudantes é fundamental tanto quanto a criação de grupos de apoio para melhorar o gerenciamento de tempo e estimular a socialização assim como a prática de atividades físicas. No entanto, apesar de o acadêmico ter o conhecimento da importância dessas medidas, há baixa adesão no tratamento (BARBOSA; MEDEIROS, 2021).

A principal causa para essa situação é a alegação de falta de tempo devido à sobrecarga de atividades, também é relatado os custos financeiros e o estigma social (NEPONUCENO ET AL., 2019;). Desse modo, para fornecer um tratamento eficaz devem ser criadas medidas a fim de estimular a procura pelo serviço e conscientizar de fato sobre o quanto é essencial o cuidado com a saúde mental, a flexibilização do horário de atendimento e a orientação a partir do ingresso à faculdade são medidas importantes que devem ser adotadas pelas instituições (COSTA ET AL., 2020; BRUNFENTRINKER ET AL., 2021).

CONCLUSÃO

A depressão tem maior prevalência nos acadêmicos de medicina do que na população geral. Esse transtorno ocorre devido a inúmeros fatores estressores que estão presentes desde o período de pré-vestibular até a formação. Entre esses fatores pode-se destacar o gênero, a condição socioeconômica, a competitividade, a sobrecarga de atividades, sedentarismo, poucas horas de sono e menor convívio social. O estresse crônico é o que leva ao desenvolvimento de patologias psiquiátricas. Frear esses fatores preditivos e somatizadores do estresse é uma maneira eficaz para controlar o transtorno. Apesar do conhecimento obtido na graduação sobre a importância de cuidar da saúde mental, poucos alunos buscam ajuda durante a formação e, geralmente, justificam que não tem tempo. Logo, é

fundamental o apoio da instituição, fornecendo suporte psicológico com profissionais e grupos de apoio em horários mais flexíveis para os estudantes a fim de diminuir o risco do estudante desenvolver depressão.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. *et al.* **Depressive symptoms in medical students and their association with hormonal and socioeconomic variables.** Revista Brasileira de Educação Médica, 44(04), 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.4-20200013.ING>>. Acesso em: 01/mai/22.

BARBOSA-MEDEIROS, M.; CALDEIRA, A Saúde mental de acadêmicos de medicina: estudo longitudinal. Revista Brasileira de Educação Médica, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.3-20190285>>. Acesso em: 28/abr/22.

BRUNFENTRINKER, C.; *et al.* **Prevalence of empathy, anxiety and depression, and their association with each other and with sex and intended specialty in medical students.** Revista Brasileira de Educação Médica, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.3-20210177.ING>>. Acesso em: 28/abr/22.

CAMPOS, I.; CAMARA, G.; CARNEIRO, A. **Impostor Syndrome and its association with depression and burnout among medical students.** Revista Brasileira de Educação Médica, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.2-20200491.ING>>. Acesso em: 28/abr/22.

COSTA, D. *et al.* **Sintomas de depressão, ansiedade e estresse em estudantes de medicina e estratégias institucionais de enfrentamento.** Revista Brasileira de Educação Médica, 44 (01), 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.1-20190069>>. Acesso em: 01/mai/22.

LIMA, S.; *et al.* **Prevalência da Depressão nos Acadêmicos da Área de Saúde.** Psicologia: Ciência e Profissão, 2019, v39, e187530, 1-4. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003187530>>. Acesso em: 02/mai/22.

MAIA, H. *et al.* **Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de medicina com currículo de aprendizagem baseada em problemas.** Revista Brasileira de Educação Médica, 2020. Acesso em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.3-20200005>>. Acesso em: 01/mai/22.

NEPONUCENO, H. J., SOUZA, B. D. M; NEVES, N. M. B. C. **Transtornos mentais comuns em estudantes de medicina.** Revista Bioética [online]. 2019, v. 27, n. 3 [Acessado 26 Maio 2022] , pp. 465-470. Acesso em: <<https://doi.org/10.1590/1983-80422019273330>>. Acesso em: 02/mai/22.

NERES, B.; AQUINO, M.L.; PEDROSO, V. **Prevalence and factors associated to depression and suicidal behavior among medical students.**

Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0047-2085000000351>>. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, 2021. Acesso em: 01/mai/22.

SACRAMENTO, B.; DOS ANJOS, T.; BARBOSA, A. **Symptoms of anxiety and depression among medical students: study of prevalence and associated factors**. Revista Brasileira de Educação Médica, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.1-20200394.ING>>. Acesso em: 02/mai/22.

Capítulo 5
INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR DE
ESTUDANTES ESTRANGEIROS NA ESCOLA NAVAL
BRASILEIRA: A COMPETÊNCIA INTERCULTURAL
Hercules Guimarães Honorato

INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS NA ESCOLA NAVAL BRASILEIRA: A COMPETÊNCIA INTERCULTURAL

Hercules Guimarães Honorato

Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), na linha de pesquisa de Políticas Públicas e Gestão, ano de conclusão 2012. Doutor e Mestre em Política e Estratégia Marítimas pela Escola de Guerra Naval (EGN), pelo Sistema de Ensino Naval, anos de conclusão, respectivamente, 2007 e 1999. Especialista em Logística e Gestão Internacional pelo Instituto COPPEAD de Administração, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), anos de conclusão, respectivamente, 2009 e 2007. Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto a Vez do Mestre (IAVM), da Universidade Cândido Mendes (UCAM), ano de conclusão 2008. Bacharel em Ciências Navais, com habilitação em Administração de Sistemas, pela Escola Naval, ano de conclusão 1982. Ex-integrante do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra (ESG) de 2009 a 2012, retornando à instituição em nov. de 2017 e encerrando contrato em outubro de 2019, Chefe da Divisão Psicossocial desde junho de 2018 e professor dos Cursos de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE) e de Logística e Mobilização Nacional (CLMN). Professor da Escola Naval de setembro de 2012 a outubro de 2017 das Disciplinas de Metodologia da Pesquisa e Introdução à Logística Naval; e Chefe do Centro de Estudos. Em 2021 passou a exercer função de Superintendente de Pesquisa e Gestão do Conhecimento do Núcleo de Implantação do Instituto Naval de Pós-Graduação (NI-INPG) no Rio de Janeiro. Autor do livro: Relato de uma experiência acadêmica: o “eu” professor-pesquisador, volumes I (2019), II (2020), III (2021) e IV (2022).

RESUMO

O objetivo deste artigo é identificar o nível de Competência Intercultural (CI) dos estudantes estrangeiros que estão cursando, em 2022, a graduação superior militar da Escola Naval, instituição que forma os oficiais da Marinha do Brasil. A relevância desta pesquisa é apresentar uma análise do desenvolvimento do CI como elemento facilitador para futuros estudantes internacionalizados em relação a outras culturas,

outras línguas e outras pessoas. A questão de investigação: Em que medida os estudantes estrangeiros devem ter CI para a sua migração estudantil e integração na cultura local? Competência Intercultural é um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que permite a um indivíduo prosperar em ambientes e relacionamentos multiculturais. É importante destacar que os estudantes migrantes devem possuir algum grau de CI, tão importante e necessário para a sua interação e comunicação com indivíduos de diferentes culturas durante o período da sua formação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com metodologia dedutiva e estudo exploratório, pois envolveu levantamento bibliográfico e documental. Os sujeitos são 26 estudantes estrangeiros da Bolívia, Honduras, Panamá, Cabo Verde, Camarões, Namíbia e Senegal. O questionário foi utilizado com 20 assertivas extraídas do Inventário de Competência Intercultural, que possui seis dimensões: disposição para se envolver; flexibilidade cognitiva; controle emocional; tolerância à incerteza; autoeficácia e empatia etnocultural. Verifica-se, num primeiro momento, que os estudantes estrangeiros avaliados, em grande medida, estão preparados para serem cidadãos globais, pois identificou-se, na análise das suas respostas, que desenvolveram, ainda que inicialmente, as suas competências interculturais.

Palavras-chave: Competência Intercultural, Escola Naval brasileira, Ensino Superior Militar, Internacionalização da Educação Superior, Migrante temporário especial.

ABSTRACT

The objective of this article is to identify the level of Intercultural Competence (IC) of foreign students who are attending, in 2022, the higher military graduation at Escola Naval, an institution that trains the Brazilian Navy officers. The relevance of this research is to present an analysis of the development of IC as a facilitating element for future internationalized students in relation to other cultures, other languages and other people. The research question: To what extent should foreign students have IC for their student migration and integration into the local culture? Intercultural Competence is a set of knowledge, skills and attitudes that enables an individual to thrive in multicultural environments and relationships. It is important to highlight that migrant students must have some degree of IC, which is so important and necessary for their interaction and communication with individuals from different cultures during the period of their training. This is qualitative research, with deductive methodology and exploratory study, as it involved a bibliographic and documental survey. The subjects are 26 foreign students from Bolivia, Honduras, Panama, Cape Verde, Cameroon, Namibia and Senegal. The questionnaire was used with 20 assertions extracted from the Inventory of Intercultural Competence, which has six dimensions: willingness to get involved; cognitive flexibility; emotional control; uncertainty tolerance; self-efficacy and ethnocultural empathy. It can be verified, at first, that the foreign students evaluated, to a large extent, are prepared to be global citizens, as it was identified, in the analysis of their answers, that they have developed, even initially, their intercultural competences.

Keywords: Intercultural Competence, Brazilian Naval School, Military Higher Education, Internationalization of Higher Education, Special Temporary Migrant.

INTRODUÇÃO

Ao caminharmos pela mitologia bíblica, nos vem a mente a *Torre de Babel*, cuja construção idealizada pelas pessoas de uma cidade alcançaria os céus, o que não ocorreu devido a ação divina, que promoveu uma confusão na humanidade, principalmente por criar diversas línguas. Ao retornarmos ao mundo real de hoje cada vez mais global, repleto de línguas, artefatos diversos, raças, religiões, dialetos, costumes, crenças distintas, não podemos negar a existência de uma heterogeneidade cultural.

O planeta Terra como o conhecemos, porém, ainda continua dividido por uma linha imaginária conhecida como do Equador, onde o global norte se diferencia em grande medida dos países ainda emergentes do global sul, principalmente em relação ao campo da educação, onde deparamo-nos com o que Faria (2009, p.61), ao citar Gusmão (2007), chamou de “trajetória nômade estudantil”. Isto é, um rompimento das barreiras geográficas e culturais pelos estudantes, os quais procuram em universidades estrangeiras o espaço que acreditam ser ímpar para seu futuro, um futuro que transitará por sua possível ascensão social, no arrasto da melhoria da qualidade de vida de sua família e, por que não, do seu país de origem.

Dessa forma, jovens brasileiros emigram para universidades americanas e europeias, as do global norte, na maioria das vezes, e nós recebemos em nossas Instituições de Ensino Superior (IES) jovens estrangeiros da África, em sua grande maioria de Angola, e do continente americano, em especial da Colômbia. Para compreendermos melhor o porquê que alguns indivíduos prosperam em situações interculturais e outros não, pesquisadores introduziram o conceito de Competência Intercultural (CI), que é apresentado no próximo capítulo.

A avaliação dessa CI é complexa, porém é possível de ser realizada, sendo considerada importante nas novas relações que estão sendo criadas no campo social e educacional entre países e as IES que procuram, por intermédio de uma política de internacionalização da educação, ampliar o que poderíamos chamar de cidadania global, ou como este autor sugere: construir um(a) cidadã(o) planetária(o), habitante além de suas fronteiras cartográficas, um sujeito do mundo.

Assim inicialmente exposto, o objetivo deste artigo é identificar e avaliar o nível de CI de estudantes estrangeiros que estão a cursar, em 2022, a graduação superior militar na Escola Naval (EN), IES que forma os oficiais da Marinha brasileira e, no caso

em estudo, também os estudantes estrangeiros, migrantes temporários especiais, das nações amigas que não possuem esse tipo de formação superior em suas instituições acadêmicas.

A relevância desta pesquisa está em apresentar uma análise do desenvolvimento da CI enquanto elemento facilitador para futuros cursantes internacionalizados em relação a outras culturas, outras línguas e outras pessoas. Conforme destacado por Guedes Neto *et al.* (2016), faltam pesquisas que comprovem empiricamente a sua eficácia em desenvolver ou melhorar este tipo de competência, por isso também a justificativa deste estudo.

A seguinte questão de pesquisa foi construída: em que medida de CI os jovens estudantes estrangeiros devem possuir para a sua migração e integração estudantil a cultura local?

CORPO TEÓRICO E CONCEITOS ENVOLVIDOS

O descritivo “Competência Intercultural” foi utilizado nesse primeiro momento para levantamento inicial da bibliografia disponível, em especial no *google scholar*, desde 2021. Foram encontrados 264 estudos em português, sendo que cerca de 80% tratavam do ensino da língua estrangeira e da comunicação para a formação de CI. Um achado importante foi o estudo de Melo, Bueno e Domingues (2021), *As dimensões do cross-cultural competence inventory como estruturantes do desenvolvimento de competência intercultural em programas de mobilidade acadêmica internacional*, cujo objetivo era “[...] discutir como a competência intercultural pode ser desenvolvida e mensurada em programas de mobilidade acadêmica internacional de IES brasileiras” (p. 53), similar ao nosso objeto de estudo.

Principais conceitos inicialmente levantados

Da leitura do referencial teórico levantado, esta seção apresenta os principais conceitos envolvidos, que estão disponibilizados em ordem alfabética.

Competência - O conceito de competência está relacionado com a capacidade de mobilizar conhecimentos e habilidades adequadamente para responder ao contexto específico em que a pessoa está inserida (MELO; BUENO; DOMINGUES, 2021, p.59). Basicamente, no nível individual, apesar de não consensual, a

competência perpassa pelos três pilares básicos: Conhecimento (saber), Habilidade (saber fazer) e Atitudes (querer fazer), que em suma seria o domínio do acrônimo CHA.

Competência intercultural – é um conjunto de CHA que permitem ao indivíduo prosperar em ambientes e relações multiculturais (DEARDORFF, 2006). O seu conceito pode e deve ser ampliado para que exista o conhecimento ou aprendizado sobre outras culturas, um outro idioma, aprimoram-se as habilidades para trabalhar em ambientes/equipes diversas e contribui-se para a formação do indivíduo em um cidadão planetário, mais preparado e com atitude para os desafios futuros, os quais são cada vez mais incertos, líquidos e instantâneos.

Cultura Nacional – padrões de alfabetização universais, uma única língua vernacular como meio dominante em toda a nação, cultura homogênea.

Globalização – “É o resultado da integração das economias locais em uma economia mundial com livre circulação de capitais e desregulamentação do mercado, que repercute nos campos educacional, científico-tecnológico, político e cultural”⁴⁷ (LUZÓN; TORRES, 2016 *apud* VAZQUEZ; GARCÍA; CANAN, 2021, p. 3, Tradução livre).

Interculturalidade - refere-se “[...] à existência e à interação equitativa de diversas culturas e à possibilidade de gerar expressões culturais compartilhadas por intermédio do diálogo e do respeito mútuo” (ORGANIZAÇÃO, 2005, p. 5).

Internacionalização - da educação superior, baseada em uma pauta que prevê a igualdade e a equidade substantivas entre os atores sociais, pressupõe, para isso, a solidariedade, a interculturalidade, a reciprocidade e o respeito à diversidade cultural (CLEMENTE, 2019).

Migrante temporário especial – sujeito que se desloca por vontade própria para uma formação acadêmica em um outro país de acolhimento, por um período de tempo, retornando ao término do período da graduação ou pós-graduação, é um processo social, inserido também num campo de tensão cultural e política, além de individual e coletiva.

Mobilidade Acadêmica - é definida como um período de estudo, ensino ou pesquisa em outro país que não o de residência do estudante ou pesquisador, com

⁴⁷ “[...] es el resultado de la integración de las economías locales a una economía mundial de libre circulación de capitales y de desregulación de los mercados, la cual repercute en los ámbitos educativo, científico-tecnológico, político y cultural; [...]”.

intervalo de duração limitada e previsão de retorno ao país de origem após a conclusão do tempo designado (MELO; BUENO; DOMINGUES, 2021, p.57). Os programas de mobilidade acadêmica se destacam como uma das principais formas de internacionalização da educação superior.

O Inventário de Competência Intercultural ou *Cross-Cultural Competence Inventory*

A preocupação de que os militares como um todo não estejam preparados para conduzir operações de uma maneira que entenda outras culturas levou a um aumento de pesquisas em áreas relacionadas à CI. Casos de estereótipos, racismo e abusos de poder pelos militares destacaram ainda mais as maneiras pelas quais eles alienaram as populações locais. “De acordo com vários oficiais árabes sunitas aposentados, um dos principais fatores que promovem o ódio aos Estados Unidos é sua ignorância cultural e desdém pelos iraquianos”⁴⁸ (HASHIM, 2004 *apud* ROSS *et al.* 2009, p. 71, Tradução livre).

Além dos contextos originais de pesquisa de negócios, educação e relações civis-governamentais, a CI é particularmente importante no contexto militar, como apresentado. Tal constatação reforça a justificativa deste estudo, pois são envolvidos jovens estrangeiros, migrantes temporários especiais, em formação superior militar no Brasil, caracterizando a internacionalização da educação superior. O que é destacado por Earley, Ang e Tan (2016 *apud* NEWSON, 2020, p. 16, Tradução livre) que “As interações no local de trabalho global exigem que os indivíduos sejam sensíveis a diferentes culturas, capazes de analisá-las à medida que são encontradas, identificar o que é exigido de pessoas de outras culturas e se envolver em interações apropriadas com elas”⁴⁹.

O desenvolvimento de CIs pode variar de um estudante para outro, agora voltando ao foco deste estudo, independente das experiências similares que possam ser envolvidos. Guedes Neto (2015) informa-nos que não existe um instrumento que

⁴⁸ “According to several retired Sunni Arab officers, one of the major factors promoting the hatred of the U.S. is its cultural ignorance and disdain for the Iraqis”.

⁴⁹ “Interactions in the global workplace require individuals to be sensitive to different cultures, capable of analyzing them as they are encountered, identify what is required of people from other cultures, and engaging in appropriate interactions with them”.

identifique e avalie as CIs no global sul e em português, o mais próximo seria o *Cross-Cultural Competence Inventory* (CCCI), um instrumento de avaliação desenvolvido no âmbito de um longo e extenso programa da Marinha e do Exército norte-americanos e voltado para desenvolvê-las em soldados, e que foi traduzido pelo autor para o português e validado.

Importante destacar neste momento que os estudantes migrantes devem ter algum grau de CI, tão importante e necessário para a sua interação e comunicação com indivíduos de culturas diferentes que por um período de formação em uma outra nação, no caso o Brasil. No início do ano letivo de 2022, a EN tinha um total de 800 discentes, sendo estrangeiros 26 nos quatro anos de seu curso de formação, o que significava um percentual do total de 3,25%, que denota a importância de conhecermos se as CIs estão presentes, sendo desenvolvidas ou até mesmo se ocorreu um possível engano na seleção e envio do jovem pelo país solicitante da vaga para o curso superior militar.

A escolha pelo Inventário de Competência Intercultural (CCCI) como instrumento para desenvolvimento e mensuração de CI, segundo ainda Guedes Neto (2015; 2016) foi motivada por ser um programa gratuito em sua integralidade e pela existência de seis dimensões factíveis de serem norteadoras de ações de qualquer instituição superior, inclusive a militar. Esse autor destaca também que “A escolha de outro instrumento implicaria a necessidade de pagamento ao detentor dos direitos sobre ele a cada nova aplicação. [...] Os constructos componentes do instrumento são os mesmos usados por vários outros instrumentos que medem CIs” (GUEDES NETTO *et al.*, 2016, p. 22).

As autoras e idealizadoras do CCCI ressaltam que o estudo era uma abordagem racional-empírica para desenvolver o Inventário de Competências Interculturais. Foram realizadas entrevistas com especialistas no assunto, após uma extensa revisão da literatura, a fim de derivar um modelo teórico do construto. Um conjunto inicial de 149 itens foi administrado a uma amostra de militares para validar empiricamente a estrutura subjacente das nove dimensões hipotéticas. Após análise estatística final, seis escalas foram derivadas: (i) vontade de se envolver ou engajar; (ii) flexibilidade cognitiva; (iii) controle ou regulação emocional; (iv) tolerância à incerteza; (v) autoeficácia; e (vi) empatia etnocultural.

METODOLOGIA

A abrangência desta pesquisa é qualitativa, que segundo Minayo (2001) responde a questões de cunho particular, com um nível de realidade de difícil quantificação e generalização, “[...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (p. 22).

O método de abordagem foi o dedutivo, que Marconi e Lakatos (2001) asseveram que a partida é por intermédio de leis e teorias, que são traduzidas na ocorrência dos fenômenos particulares, que no caso em estudo são as visões dos sujeitos da pesquisa, ou seja, jovens migrantes temporários especiais que fazem a sua formação superior no Brasil, e como se sentiram adaptados ou não ao ambiente e cultura nacionais, se estão a desenvolver ou não a CI.

O estudo é exploratório, pois envolveu um levantamento bibliográfico e documental, sendo essa primeira etapa de uma investigação mais ampla. Ele ainda é descritivo, que visou identificar como um fenômeno que pode existir, sendo uma de suas características mais significativas a utilização de técnicas de padronização de coleta de dados, que no nosso estudo foi um *survey online*, com a construção de um questionário via *google form*, aplicado aos sujeitos deste estudo para identificar e avaliar a CI. O questionário completo é apresentado no Apêndice A.

O questionário com 20 afirmativas, com base na escala de valor e estimativa *Likert*, que segundo Gante (2020), são aquelas usadas para determinar a percepção de alguma variável qualitativa que por sua natureza denota alguma ordem e tem sido utilizada em estudos sociais, estudos onde são coletadas percepções não quantitativas sobre um determinado tópico específico. Não foi solicitada a inclusão de quaisquer dados pessoais dos respondentes, de modo a não identificá-los e garantir a confidencialidade da pesquisa.

ANÁLISES E DISCUSSÃO

Os sujeitos da pesquisa são 26 estudantes estrangeiros dos continentes americano (Bolívia, Honduras e Panamá) e africano (Cabo Verde, Camarões, Namíbia e Senegal), cursantes em 2022. São jovens migrantes temporários especiais com um

média de idade de 22 anos, distribuídos nos quatro anos de graduação no curso de formação de oficiais da EN. Importante destacar que a seleção desses jovens, que realizarão a graduação superior militar no Brasil, é de responsabilidade dos países de origem, o que, a nosso ver, por vezes acarreta a escolha de um aluno sem uma base propedêutica mínima para o acompanhamento dos cursos (HONORATO, 2019).

O *link* do questionário⁵⁰ foi enviado para os e-mails dos Aspirantes⁵¹, solicitando que o seu preenchimento fosse voluntário e com um prazo de uma semana para seu retorno preenchido. Foram retornados 24 questionários preenchidos do total de estudantes estrangeiros, o que fez 92% de respondentes, considerado conspícuo para o desenvolvimento do estudo, visto que ele é de abrangência qualitativa. Os gráficos que são disponibilizados pela plataforma coletora nos apresentam como foi distribuído os pontos das respostas visto que, como já informado, foi utilizada uma escala *likert* de sete pontos, de 1 (um) discordo totalmente a 7 (sete) concordo totalmente.

A tabela 1 em anexo apresenta os pontos auferidos para cada um dos respondentes, do Asp.1 ao Asp.24, que não foram identificados em função da sigilo da fonte. Partimos da premissa que todos os seis constructos deveriam ser analisados e não a totalidade dos descritivos. Foi utilizado o cálculo do desvio padrão como ferramenta para escolha das assertivas que foram analisadas, em virtude de apresentar, quanto maior o seu valor, a dispersão dos dados levantados. Reitera-se que esta pesquisa é qualitativa, mas que não se exime do uso de uma opção estatística para o tratamento e dar foco ao estudo.

O texto original de Ross e autoras (2009), mais os estudos de Guedes Netto (2015; 2016) e o atual ensaio acadêmico de Melo, Bueno e Domingues (2021) possuem os conceitos das seis escalas originais, porém, para a presente pesquisa também deveremos caminhar em apresentar, sinteticamente, o que significa cada uma das categorias representativas da CI. Assim, são expostos a seguir os conceitos das seis escalas derivadas do estudo sobre a CCCI e as respectivas análises em função das respostas auferidas.

⁵⁰ *Link* - <https://docs.google.com/forms/d/1arLUvDSZR6cErntmyqPqOtnUavFO37eC52Q95cJvr5g/edit>

⁵¹ Aspirantes – como são denominados os estudantes da Escola Naval.

Vontade de se envolver ou engajar

Seria a disposição em se envolver em situações sociais em culturas diferentes. Caso não exista interesse da pessoa em se engajar em uma cultura que não a sua, poderá haver dificuldades para se ajustar e também a agir com efetividade nesse novo ambiente socio-cultural. Takeuchi, Yun e Russel (2000 *apud* MELO; BUENO; DOMINGUES, 2021) ressaltam que não basta ser fluente no idioma da outra cultura, é necessário observar, escutar, experimentar e se envolver ativamente com as outras pessoas.

Considerando esta assertiva, podemos verificar que 20 concordam em alguma medida, sendo que cerca de 50% concordam parcialmente, como mostrado no gráfico 1 a seguir apresentado. Dois discordam parcialmente desta assertiva, os Aspirantes 6 e 7, o que poderá refletir em uma não disposição em se envolver em situações sociais em culturas diferentes, o que não se considera ideal, visto que estão em um regime fechado de aquartelamento, com um coletivo discente de jovens brasileiros de diversas etnias e classes sociais, que tem como um dos seus fundamentos o chamado espírito de corpo, ou seja, todos remando em prol de um mesmo objetivo, o de sua formação superior militar no Brasil.

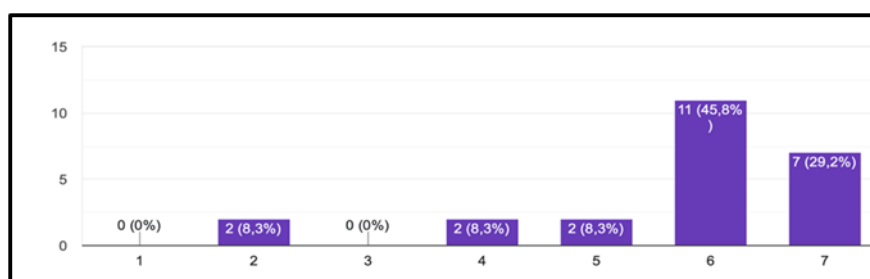


Gráfico 1 - Gosto de interagir com pessoas de diferentes culturas

Flexibilidade cognitiva

Seria a capacidade de resolver um novo problema que surja, de forma inesperada, fora da sua própria cultura, podendo gerar um ambiente de *stress*, mas que para uma pessoa com alta flexibilidade cognitiva a situação deverá ser mais bem respondida ou mesmo contornada. A pessoa com flexibilidade cognitiva destacada deve ter um repertório de estratégias que possa lançar mão em situações inesperadas

para contornar e até mesmo dar uma solução de problemas e tomada de decisões positivas.

O que podemos afirmar, o que é apresentado no gráfico 2, que novamente um contingente considerado de 20 discentes concordam com a assertiva de considerar-se aberto a opiniões que não a sua, sendo que 50% concordam totalmente. Novamente o Asp6 assevera que discorda parcialmente desta assertiva, o que pode demonstrar, a princípio, uma incapacidade em resolver problemas fora de sua zona de conforto.

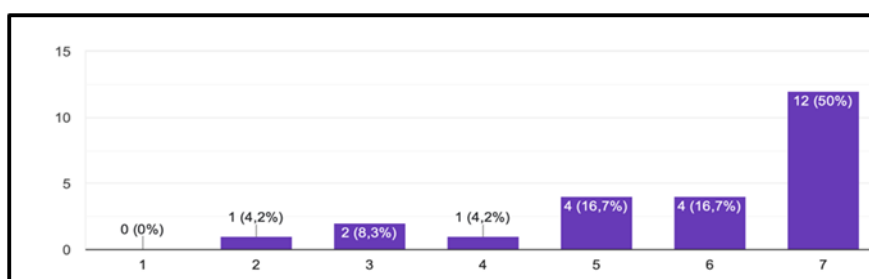


Gráfico 2 - Mesmo depois de ter tomada minha decisão sobre algo, estou sempre aberto a considerar diferentes opiniões

Controle ou autorregulação emocional

Que seria, em suma, à capacidade do indivíduo em regular com eficácia suas próprias emoções, controlando-as de forma eficaz, para que não interfiram no seu próprio desempenho funcional. Sem um devido controle emocional poderá haver um enfraquecimento nos relacionamentos.

No gráfico 3 a seguir poderemos verificar uma dispersão considerada nas respostas com 20% dos respondentes que não estão decididos sobre se altera ou não a maneira como pensa em situação encontrada para controlar suas emoções. Em relação a discordar totalmente e parcialmente, o que demonstraria, a princípio, uma rigidez de agir e de pensar, como os Asp. 6 e 20 que foram enfáticos em suas assertivas.

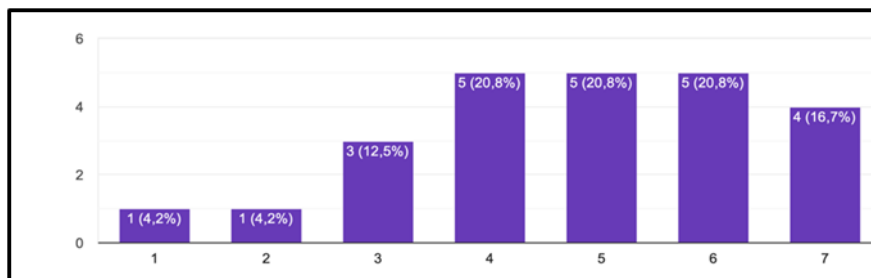


Gráfico 3 – Para controlar minhas emoções mudo a maneira como penso a respeito da situação em que me encontro.

Tolerância à incerteza

Ela é relacionada a personalidade, sendo considerada latente e que pode se manifestar de diferentes aspectos, como desconforto com a ambiguidade, uma característica que pode estar associada a rigidez, bem como ao autoritarismo e ao etnocentrismo. Um indivíduo que possua uma mente aberta, a tendência é que buscará e explorará ativamente novas situações e as considerará um desafio, e não um obstáculo ou estressor, motivando-o a buscar e se envolver com outras culturas.

Em relação as respostas dispostas no gráfico a seguir, poderemos verificar que existem uma discordância de quatro dos respondentes, talvez exista uma motivação pelo distanciamento que estão de seus familiares e amigos em seus países, mas que agora, talvez relacionado ao ano de formação/experiência que se encontra na graduação brasileira, existe um peso maior. O que confirma que 75% concordam que estar com pessoas que são familiares o deixaram mais confortáveis, uma resposta bem lógica a questão imposta.

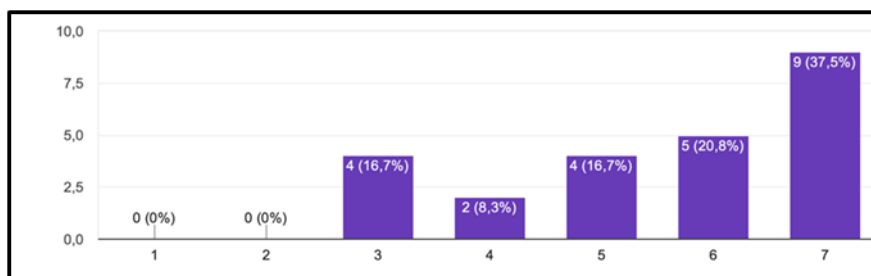


Gráfico 4 – Prefiro estar com pessoas que me são familiares por saber o que esperar delas

Autoeficácia

É a crença de um indivíduo em atingir determinados objetivos, enfrentando as mudanças que porventura ocorram no seu dia a dia, como as sociais, econômicas e

até profissionais, envolvendo o contexto cultural. Um exemplo apresentado por Ross *et al.* (2009, p. 73, Tradução livre) é o de que “[...] uma pessoa com alta autoeficácia pode se envolver em mais encontros interculturais e persistir em encontros, enquanto uma pessoa com baixa autoeficácia abrigaria sentimentos de dúvida e provavelmente se retiraria prematuramente de tais encontros”⁵².

A assertiva em questão teve quatro respondentes que discordam, sendo que os Asp. 6 e 22 discordam parcialmente. Porém, cerca de 70 % concordam, e em especial nove dos resultados concordam totalmente, ou seja, acreditam que possam se acostumar com situações não vivenciadas em outras culturas. Existem três dos estudantes que não estão decididos em relação a se acostumarem a situações incomuns, uma possibilidade seria a pouca experiência em sua migração, ou mesmo infere-se ainda não viveram algo que fosse diferente do que tem em seu país de origem.

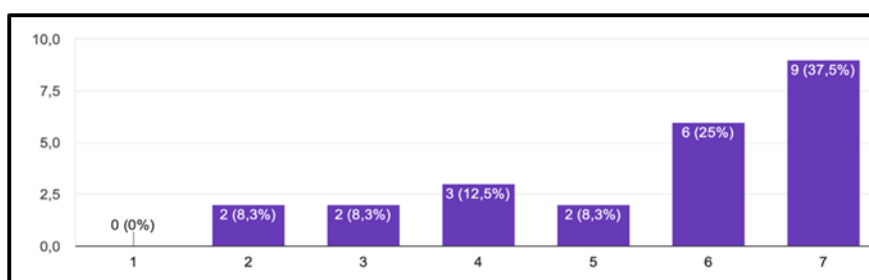


Gráfico 5 – tenho confiança que posso me acostumar a situações incomuns de vida em outras culturas

Empatia etnocultural

Seria a habilidade necessária para que exista o entendimento dos pensamentos de pessoas de diferentes perspectivas éticas, ou mesmo a compreensão das emoções e considerando o contexto cultural do outro, sem a existência de um conceito antecipado ou pré-concebido.

Para que não houvesse um viés nas respostas dos sujeitos pesquisados, esta assertiva foi disponibilizada de uma maneira que a sua leitura apresentaria como alternativa em relação a CI que ela fosse discordada, o que aconteceu com nove

⁵² “For example, a person with high self-efficacy may engage in more cross-cultural encounters and persist in encounters, whereas a person with low self-efficacy would harbor feelings of self-doubt and may be likely to withdraw prematurely from such encounters”.

respondentes. Contudo, se formos verificar aqueles que concordam que possuem em alguma medida dificuldade pessoais para me colocar no lugar de alguém de outra cultura, poderíamos asseverar que isso poderá denotar que são jovens, construindo suas identidades individuais e sociais, que estão distantes de suas famílias e amigos, em busca de formação superior, não carecendo de vivenciar em sua totalidade a cultura que os recebe.

Esta afirmação foi a que teve o maior valor de desvio padrão, ou seja, existe uma dispersão considerada nas respostas ofertadas, como poderemos observar no gráfico a seguir. Concordo totalmente ou parcialmente apresentam oito respondentes, os Asp. 4, 6, 8, 12, 15, 21 e 22. Outros nove retornaram com a discordância a questão, ou seja, o que poderá denotar um não pré-conceito formalizado e aceitação do que pensam os seus companheiros de caserna, quer brasileiros ou mesmo estrangeiros.

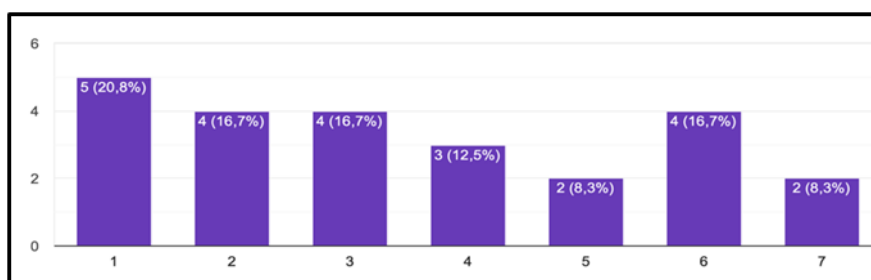


Gráfico 6 – Tenho dificuldade de me colocar no lugar de alguém de outra cultura

Se existe alguma experiência inicial, disposição pessoal e a própria identidade cultural do indivíduo internacionalizado, deverá haver uma fluidez melhor na entrada do sistema via as variáveis antecedentes. Caso isso não ocorra, talvez haja uma demora ou impedância na entrada em processamento da construção desse sujeito multicultural e planetário. No processo, pré conhecimento local da cultura entrante e do próprio idioma são facilitadores, mas não uma condição suficiente para o sucesso desejado. As engrenagens que constroem as CIs necessitam também do conhecimento, habilidade e atitudes daqueles indivíduos que estão mobilizados e integrantes, mesmo que temporariamente, de uma outra cultura que não a sua de origem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da migração temporária e especial de estudantes estrangeiros

que em sua mobilização, procuram uma melhor formação profissional, que apesar da manutenção de elementos culturais de sua origem, seus trajetos de formação como cidadãos, agora globais, destacam-se daqueles jovens que não conseguiram ultrapassar as barreiras físicas cartográficas. Às suas identidades foram incorporadas novas relações sociais, novos conhecimentos e uma nova cultura. A sua formação como pessoa com certeza também caminhará ou será aprimorada por intermédio das relações sociais que estarão imersos nesse período de formação.

A identificação da Competência Intercultural ao nível individual servirá para avaliar um candidato com possíveis chances de sucesso em sua migração, no caso em estudo da internacionalização da educação superior militar, e também poderemos elaborar programas para que essa competência seja desenvolvida. Podemos verificar, no referencial explorado e também na análise das respostas dos aspirantes estrangeiros na Escola Naval brasileira, que a CI pode ser desenvolvida e mensurada em programas de mobilidade acadêmica internacional.

Infere-se, a princípio, que os estudantes estrangeiros que estão atualmente cursando o ensino superior militar na Escola Naval, em grande medida estão e estarão, ao retornarem aos seus países de origens, preparados para serem cidadãos planetários porque, independente da distribuição dos indicadores e constructos terem sido misturados, conseguiram responder com as variáveis antecedentes que podem contribuir para que o processo de identificação das CIs esteja presente. Do total de respondentes, na grande maioria das respostas, observou-se que 20 foram identificados que possuem desenvolvidas, mesmo que inicialmente, as suas competências interculturais.

Um respondente esteve discordando parcialmente na maioria das vezes com o que era expostos nos constructos estabelecidos no modelo de Inventário de Competência Intercultural utilizado. Seria interessante, independente deste estudo ser de caráter informacional e com o voluntariado e sigilo da fonte, que ele seja acompanhado pelo pessoal responsável pela orientação pedagógica e psicológica, visto que é jovem e que está distante de seus familiares, amigos e cultura, e que, o que desejamos, num futuro próximo, formados e retornando aos seu país de origem com a efetividade intercultural desejada para uma profissão que lida direta e indiretamente com a sociedade nacional e a comunidade global.

Os jovens estrangeiros, que em sua trajetória nômade estudantil, começam a sua formação superior em um IES militar, que tem no aquartelamento semanal uma

metodologia de manutenção e consolidação de um espírito de corpo, requer um planejamento e uma monitorização de ações e reações que possam ocorrer nesse ambiente multicultural, procurando evitar a criação de pré-conceitos e conflitos inerentes as relações humanas. É importante reconhecer e valorizar a diversidade cultural e linguística destes alunos, respeitando as diferenças, as identidades étnicas, os sistemas de crenças e valores aos quais pertencem.

REFERÊNCIAS

CLEMENTE, F. A. S. Competências interculturais e internacionalização da educação superior. *In*: MOROSINI, M. C. (org.). **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 49-66.

DEARDORFF, D. K. Identification and Assessment of Intercultural Competence as a Student Outcome of Internationalization. **Journal of Studies in International Education**, v. 10, n.3, p. 241-266. 2006. DOI 10.1177/1028315306287002

FARIA, M. L. de. Cooperação no âmbito do ensino superior: ser estudante angolano em universidades portuguesas. **Revista Pro-Posições**, v. 20, n.1, p. 45-63, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000100004>. Acesso em 21 mar. 2022.

GANTE, A. G. C. *et al.* Escala de Likert: Una alternativa para elaborar e interpretar un instrumento de percepción social. **Revista de la Alta Tecnología y Sociedad**. v. 12, n.1, p. 38-45. 2020. ISSN 1940-2171

GUEDES NETTO, M. **Validação de instrumento de medida de competências interculturais em estudantes universitários brasileiros**. 2015. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola Superior de Propaganda e Marketing [ESPM]. Archivo digital. 2015. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rege.2015.10.001>

GUEDES NETTO, M. *et al.* Adaptação e validação de instrumento de medida de competências interculturais para estudantes universitários brasileiros. **REGE - Revista de Gestão**, n. 23, p. 20-30. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rege.2015.10.001>. Acesso em: 21 fev. 2022.

HONORATO, H. G. Estudantes estrangeiros em instituição de ensino superior Militar: trajetórias acadêmicas iniciais. *In*: HONORATO, H. G. **Relato de uma experiência acadêmica: o 'eu' professor-pesquisador**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. p. 129-140.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MELO, J. L. L. de; BUENO, J. M.; DOMINGUES, C. R. As dimensões do cross-cultural competence inventory como estruturantes do desenvolvimento de

competência intercultural em programas de mobilidade acadêmica internacional. **Revista GeSec**. São Paulo, v.12, n. 1, p. 53-78, jan./abr. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7769/gesec.v12i1.1221>. Acesso em: 21 fev. 2022.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NEWSON, R. **Navy SEALS - Crossing Cultures: Cross-Cultural Competence and Decision Styles**. 2020. Tese (Doutorado) University of San Diego, California, USA), 2020. Disponível em: <https://digital.sandiego.edu/dissertations/177>. Acesso em: 21 fev. 2022.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO]. *Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais*. 2005. Disponível em: <http://www.ibermuseum.org/wp-content/uploads/2014/07/convencao-sobre-a-diversidade-das-expressoes-culturais-unesco-2005.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2022.

ROSS, K. G., *et al.* **The development of the CCCI: the cross-cultural competence inventory**. Defense Equal opportunity Management Institute (DEOMI), Air Force Base, Florida, 2009.

VÁZQUEZ, J. M.; GARCÍA, S. A. J.; CANAN, S. R. La política de internacionalización de la Educación Superior. Efectos, brechas y asimetrías persistentes. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, p. 1-22. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-403620220003002939>. Acesso em: 21 fev. 2022.

Capítulo 6
A ESCOLA E O DESVELAR DA PANDEMIA: AS
CONTRADIÇÕES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
Kátia Silene de Ávila Leivas

A ESCOLA E O DESVELAR DA PANDEMIA: AS CONTRADIÇÕES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Kátia Silene de Ávila Leivas

Licenciada em Pedagogia (FURG), Especialista em Alfabetização e Letramento (UFPEL), Mestre em Educação Ambiental – FURG. Atua como professora na Educação infantil e na Coordenação dos Anos Iniciais na EMEF Olavo Bilac local do presente relato de experiência.ktleivas@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como centralidade problematizar as contradições no processo de alfabetização, em meio a um contexto da pandemia do Covid-19. A partir de um trabalho investigativo com as turmas de 1º ao 4º do ensino fundamental, de uma Escola Pública Municipal, no ano de 2021 e 2022, na busca de identificar nas condições concretas experienciadas, como estas afetam no desenvolvimento das crianças e sua interação no processo de produção do conhecimento, especialmente na fase inicial de alfabetização. Apoiamo-nos nas bases teóricas que orientam a organização do currículo e na perspectiva de autores que dialogam com a temática de alfabetização e letramento na busca por entender o movimento próprio do processo. As análises fundamentaram-se em Bardin (2010), a fim de identificar, analisar e sistematizar a objetivação das práticas e compreender o processo de constituição histórica.

Palavras-chave: Currículo, Alfabetização e Letramento, Práticas educativas na pandemia.

Introdução

Em tempos de tantas atrocidades provocadas pelo modo de produção vigente, intensificadas pela longa crise sanitária que atravessamos e seus efeitos, o âmbito educacional tem sido objeto de análises, discussões e intervenções na atualidade.

Desde o início da pandemia, foram implementadas políticas educacionais que instituíram um conjunto de orientações e decretos, as quais conduziram para fazer do “quefazer pedagógico” um simples ato de adaptação. Partindo de um discurso conservador e fatalista, impuseram à educação pública, como se fosse a única saída para a prática educativa, “adaptar” o aluno a esta realidade. Tais determinações

expressam bem o propósito dessa ideologia, como se não pudesse ser mudada. Recorremos às palavras de Freire (2016, p. 21), quando propõe a pensar que a história é tempo de possibilidade e não de determinismo, ele nos alerta sobre essa ideologia que nos impede de vir a ser: “A ideologia fatalista, imobilizante que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural”.

Diante das determinações impostas, no ano de 2021, as escolas começaram a receber seus alunos para o processo presencial, assim sendo procuramos na concretude do trabalho da escola compreender o todo do movimento reacionário na educação em curso. Nesse entendimento, a escola sistematizou o acompanhamento com algumas estratégias/propostas e a atuação dos professores, na busca pelo protagonismo, num movimento feito *com* o aluno e não *para* o aluno, baseado na participação e escuta, efetivando-se assim o processo de aquisição da leitura e da escrita.

Assim sendo, a proposta deste trabalho é problematizar as condições concretas e suas mediações, desvelando as (im)possibilidades de alfabetizar no contexto atravessado pela pandemia, bem como apresentar as estratégias que foram organizadas, ao receber os alunos das turmas de 1º ao 4º ano, para o modo presencial, desde o segundo semestre do ano letivo de 2021 e no percurso de 2022.

O olhar investigativo e atento que procuramos ter, na singularidade dos acontecimentos e nas relações estabelecidas, nesse grupo de alunos, foram essenciais, na busca por compreender as mediações próprias do processo, as quais compõem a totalidade desse fenômeno, assim como elemento importante para construir propostas de ensino-aprendizagem, possibilitando assim os avanços necessários para ampliar os conhecimentos da leitura e da escrita, para os alunos.

Para darmos conta das estratégias, das análises e logo ter elementos para estruturar as intervenções no processo ensino aprendizagem alfabetizador, apoiamos nos estudos de Ferreiro & Teberosky seguidas por Magda Soares, percursora nos estudos de alfabetização e Letramento, em sua obra *Alfalettrar* (2020), onde afirma que a alfabetização não pode dissociar-se da convivência da criança com os usos sociais da escrita, em diferentes gêneros e diferentes portadores de texto, e de ações planejadas para o desenvolvimento das habilidades para a prática eficiente de usos

sociais da escrita. Em síntese, os processos de alfabetização e letramento não devem dissociar-se, a criança se alfabetiza e se letra de forma simultânea.

Na intencionalidade de dar consistência ao todo do processo, também amparados no Documento Orientador Curricular do Território Riograndino - DO⁵³CTRG por ser este, referência na elaboração dos currículos de todas as escolas do sistema Municipal de Educação do Rio Grande. O documento afirma que:

“(...)a dimensão da proposta de ensino na perspectiva do letramento tem como objetivo que as crianças se apropriem e possam interagir com práticas sociais de leitura e de escrita no processo de alfabetização, entendendo seus diferentes usos e estando em contato com situações contínuas e sistemáticas de escrita e leitura, onde seja possível oportunizá-las de um modo significativo” (DOCTRG, p.99).

Diante dessa afirmação, entendemos que a perspectiva enfatizada sobre o processo de alfabetização, trazida como centralidade no DOCTRG, está pautada no protagonismo, numa proposta que valoriza os saberes locais e propiciem a ampliação das suas experiências na busca do conhecimento.

Para dar conta dos dados obtidos por meio do instrumento de análise da escrita, subsequente ao aporte teórico de autores que tratam sobre o assunto, buscamos sistematizar o processo de forma dialógica, no entendimento que ensinar e aprender a ler e escrever é um processo de aprender a “ler o mundo”.

Com as análises prontas, foi necessário fazer um olhar mais apurado nesse material produzido, a fim de compreender quais seriam as próximas intervenções, estudos e caminhos delineados. Para tanto, o processo de Análise de Conteúdo pensado por Bardin, afirma que: “a Análise de Conteúdo procura conhecer aquilo, que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (BARDIN, 2016, p. 44). Esse entendimento inicial, possibilitou-nos aprofundar, dentro dos limites que tivemos, nossas discussões, com fins de ampliar nossas compreensões do objeto quando projetado para o futuro.

O movimento teórico metodológico

Ao adentrarmos no movimento de estudo e organização das metas, a perseguir, bem como às estratégias para discutir as questões de alfabetização e

⁵³ Documento Orientador Curricular do Território Riograndino (DOCTRG), Parecer CME 001/2020

letramento, guiados por Soares (2020), compreendemos que, uma das principais diferenças entre a alfabetização e o letramento é a qualidade do domínio sobre a leitura e escrita, pois enquanto o aluno alfabetizado sabe codificar e decodificar.

No sistema de escrita, o letramento dá a condição de que o aluno vá além, sendo capaz de compreender e dominar o sistema da linguagem no seu cotidiano, nos mais diferentes contextos. Soares (2020) reforça que esses processos precisam estar articulados no processo da aprendizagem das práticas de ensino, num caminho que possibilita às várias habilidades e aos vários conhecimentos, adentrando ao mundo escrito, alfabetizadas, como leitoras e produtoras de textos.

Esse entendimento, foi a motivação para nossas ações, intervenções, orientações e reflexões, assim sendo vamos apresentar como foi a sistematização do nosso cotidiano vivenciado desde o segundo semestre de 2021 e no ano de 2022.

Como ponto de partida permanente praticamos o **acolhimento** dos alunos, o estreitamento de vínculos, como o fio condutor da prática pedagógica, como possibilidade de potencializar o processo de transição e também dar significado às experiências. Aprendemos com Staccioli que:

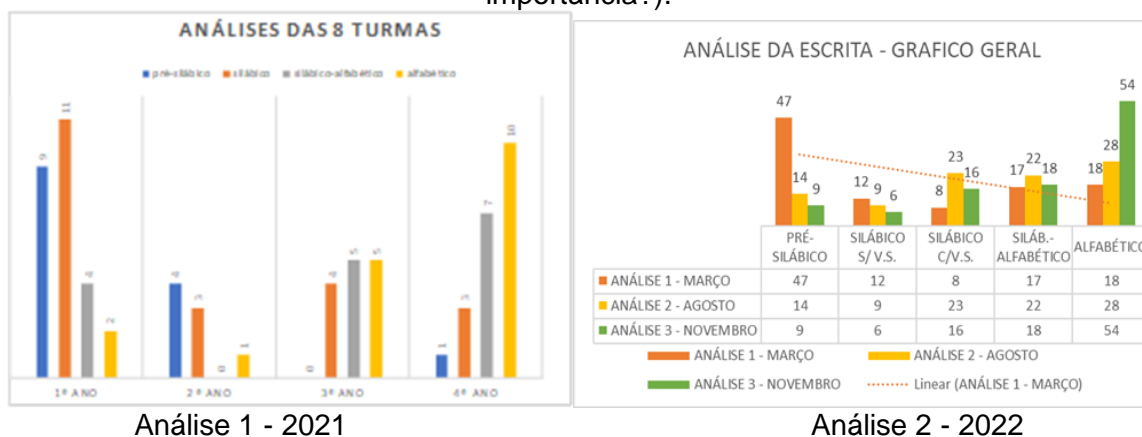
“O acolhimento não diz respeito apenas aos primeiros momentos da manhã ou aos primeiros dias do ano escolar. O acolhimento é um método de trabalho complexo, um modo de ser do adulto, uma ideia chave no processo educativo” (STACCIOLI,2013, p.25).

Assim iniciamos o processo presencial com os alunos, entendendo que acolher não é só ficar ao lado e sim estar junto num trabalho que exige atenção às condições para as experiências organizadas.

Como já foi dito nos amparamos em Ferreiro & Teberosky, para organizar e conhecer os “**níveis de hipótese de escrita**” nas turmas, os quais consideramos essenciais para perseguir esse caminho, bem como possibilidade de diagnosticar as aprendizagens do aluno, permitindo à professora planeje melhor “**o que**”, “**para que**” e “**como**” ensinar, assim como auxiliam a identificar os percursos de leitura e o estágio de escrita em que cada aluno se encontra.

A interpretação dos dados obtidos por meio das análises, nos permitiu traçarmos o percurso e as estratégias necessárias, não só com a finalidade de possibilitarmos um processo alfabetizador, mas ir além, adquirir uma competência didática e humana mais próximo da realidade que se apresenta.

Amostra das análises nas turmas do 1º ao 4º ano (o que é, como se faz e qual sua importância?).



Organizamos o instrumento para fazer as análises das hipóteses de escrita, para tanto usamos dois livros de literatura infantil. Esta análise é de grande importância, pois é por meio dela que o professor identifica a etapa de escrita que o aluno está. No entanto, essa não é uma ferramenta que deve ser utilizada para rotular os alunos, pelo contrário, o professor poderá contar com ela para balizar suas propostas educacionais e saber aplicá-las da maneira mais adequada para cada aluno buscando conduzi-los à etapa alfabética.

A elaboração dos gráficos foi essencial para mapear nessa totalidade, quantificar e analisar quais os níveis de escrita e leitura, assim como as hipóteses que os alunos estavam elaborando, como a possibilidade de sistematizar os caminhos a percorrer. Foi possível identificar que no 4º ano tínhamos 12 crianças silábico-alfabético; no 3º ano identificamos 6 crianças pré-silábicas; assim como no 2º ano 9 crianças pré-silábicas, e no 1º ano, 23 crianças pré-silábicas. Nossa busca teve como sistematização e organização, o Plano de Ensino para cada turma, contendo objetos de conhecimentos alinhados à produção de saberes para a alfabetização dos alunos.

Concebendo Algumas Considerações

Para conceber algumas considerações, estivemos convictos de que nosso estudo compactuou suas buscas na perspectiva teórica certa, mesmo não se apresentando como uma única compreensão possível para a leitura da realidade em que se apresenta a escola estudada.

Neste processo presencial foi evidenciado pelas análises das hipóteses, que mesmo com as propostas educativas que foram realizadas, em suas casas, durante

o período remoto, tinham muitas lacunas em suas compreensões. Portanto, por mais criativas e permanentes as práticas digitais, é insubstituível o ensino na modalidade presencial *na educação básica. A realidade vivida, que impediu as escolas de modo presencial, explícita assim que é no contexto escolar que a criança vai progressivamente se apropriar da leitura e da escrita.*

Processo este que se estabelece a partir da interação entre desenvolvimento e aprendizagem, este aprendizado está nas palavras de Vigotsky (1896-1934), que a enfatiza importância da aprendizagem propiciada pelo contexto social, cultural e escolar para o desenvolvimento da criança, em seu livro *A formação social da mente*, ele enfatiza que:

“O processo de desenvolvimento prepara e torna possível um processo específico de aprendizagem. O processo de aprendizado, então, estimula e empurra para frente o processo de desenvolvimento (...) o mais importante aspecto novo desta teoria é o amplo papel que ela atribui ao aprendizado no desenvolvimento da criança” (VIGOTSKY 1991, p. 55).

Desse movimento evidenciamos nas turmas de 1º ao 4º ano, durante o processo presencial, que os **“alunos precisavam”** o que se mostrou essencial foi a mudança do foco da ação pedagógica, por meio de um processo coletivo.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016 FERREIRO, E. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2017. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 54 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2016.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004

_____, M. *Alfabetizar: Toda criança pode aprender a ler e escrever*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2021.

STACCIOLI, Gianfranco. *Diário do acolhimento na escola da infância*, 3 ed. São Paulo. Autores associados. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE, Secretaria Municipal de Educação. **Documento Orientador Curricular do Território Riograndino: Educação Infantil** (recurso eletrônico) / Felipe Alonso dos Santos (Org) et. Al.II. Capa por Michele Coelho Salort – Rio Grande: SMEd, 2019.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4 ed. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1991.

Capítulo 7
O USO DE PROTOCOLOS NA ASSISTÊNCIA DE
ENFERMAGEM: UMA REVISÃO DE ESCOPO

Joice Simionato Vettorello
Antonia Dyeylly Ramos Tôrres Rios
Taiane Soares Vieira
Katia Veronica Rocha da Silva
Sulema de Brito Moura
Maria Elidiane Lopes Ferreira Lima

O USO DE PROTOCOLOS NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM: UMA REVISÃO DE ESCOPO

Joice Simionato Vettorello

*Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal do Rio Grande-
FURG/EBSERH*

Mestre em Ciências da Saúde do PPGEnf/UFPel

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de
Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEnf/EEenf/FURG)*

Antonia Dyeylly Ramos Tôrres Rios

*Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal do Piauí-
UFPI/EBSERH*

Mestranda em Saúde da Mulher PPGSM/UFPI

Taiane Soares Vieira

*Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal do Piauí-
UFPI/EBSERH*

Mestre em Enfermagem PPGE/UFPI

Katia Veronica Rocha da Silva

*Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal do Piauí-
UFPI/EBSERH*

Sulema de Brito Moura

*Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal do Piauí-
UFPI/EBSERH*

Maria Elidiane Lopes Ferreira Lima

*Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal do Piauí-
UFPI/EBSERH*

RESUMO

Neste estudo parte-se do entendimento de que as dimensões amplas do processo de assistência em enfermagem têm tornado o trabalho desses profissionais cada vez mais complexos e, como um membro ativo de uma equipe multiprofissional precisa atuar com autonomia e resolutividade. Com isso, a construção de protocolos de assistência de enfermagem tem se intensificado nos últimos anos, com diferentes modelos sendo aplicados, considerando tanto diferenças regionais como área de atenção à saúde. Assim, verificou-se a necessidade de melhor conhecer o estado da arte sobre o assunto, levantando o seguinte questionamento como direcionador do estudo: Como a literatura publicada entre os anos de 2013 a 2018 tem estudado o uso de protocolos como ferramenta de assistência em enfermagem? Nesse estudo tem-se como objetivo analisar o estado atual do conhecimento sobre o uso de protocolos como ferramenta de assistência em enfermagem. Para desenvolvimento do estudo proposto será utilizada como metodologia a Revisão de Escopo (Scoping Review), para tanto serão considerados os artigos indexados nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), da Lilacs e Banco de Dados de Enfermagem (BDENF). Concluiu-se que a produção de conhecimento em relação aos protocolos de enfermagem nos últimos cinco anos tem girado em torno de construção, validação e tradução de protocolos, considerando as mais diferentes demandas da área de enfermagem, seja no atendimento clínico, seja no hospitalar, além de verificar-se considerações sobre processos administrativos

Palavras-chave: Processo de Enfermagem. Protocolos. Equipe de Enfermagem.

ABSTRACT

This study starts from the understanding that the broad dimensions of the nursing care process have made the work of these professionals increasingly complex and, as an active member of a multidisciplinary team, they need to act with autonomy and resolution. As a result, the construction of nursing care protocols has intensified in recent years, with different models being applied, considering both regional differences and the area of health care. Thus, there was a need to better understand the state of the art on the subject, raising the following question as a guide for the state: How the literature published between the years 2013 to 2018 has studied the use of protocols as a nursing care tool? This study aims to analyze the current state of knowledge about the use of protocols as a nursing care tool. For the development of the proposed study, the Scope Review (Scoping Review) will be used as a methodology, for which the articles indexed in the Virtual Health Library (BVS), Lilacs and Nursing Database (BDENF) databases will be considered. It was concluded that the production of knowledge in relation to nursing protocols in the last five years has revolved around the construction, validation and translation of protocols, considering the most different demands of the nursing area, whether in clinical or hospital care, in addition to verifying considerations about administrative processes.

Keywords: Nursing Process. protocols. Nursing team.

INTRODUÇÃO

A enfermagem é uma das poucas profissões que consegue manter a ciência e a arte juntas. Quando se fala a respeito da arte, se quer dizer que para atuar e fazer

um trabalho competente deve se está envolvido por normas éticas, pela humanização e por valores para cuidar devidamente do paciente (Trezza, Santos e Leite, 2008). Por sua vez, quando se cita ciência na enfermagem, é em virtude de que a profissão é englobada por inúmeras técnicas e conhecimentos da teoria que têm como o objetivo principal, proporcionar ao paciente uma assistência completa, responsável e eficaz.

A Enfermagem é uma área específica que tem procurado assistir o paciente numa participação importante, baseando seus cuidados em conhecimentos teóricos e práticos relacionados com a ciência e a arte de cuidar, como forma norteadora e coerente desta ação (Trezza et al., 2008).

Considerando o profissional da área de enfermagem como qualquer indivíduo, está imbuído dos valores que permeiam a sociedade em que vive e conseqüentemente é influenciado pelos mesmos, considera-se que estes valores influenciam também o exercício de sua profissão frente aos cuidados ao paciente (Almeida, et al, 2008).

Mesmo tendo como desafio o cuidar do ser humano em sua totalidade, os enfermeiros buscam, dentro da precariedade da estrutura física e dos recursos materiais e humanos insuficientes, atenderem ao indivíduo hospitalizado considerando a sua fragilidade (Potter e Perry, 2009).

Cuidar de alguém é agir para o outrem com bom trato, visando sempre um tratamento especial que é sempre submetido a uma análise, é sempre pensado e aprimorado, para que tudo dê certo tem que ser feito com zelo. Para um profissional de enfermagem conseguir chegar ao nível de cuidar de um paciente com integralidade, é preciso que ele tenha a capacidade de trabalhar em equipe, tenha equilíbrio emocional, conheça as regras profissionais e éticas, tenha conhecimento sobre os protocolos aplicados, que seja comprometido com o que faz e, além disso, tudo seja rápido e objetivo (Barbosa e Silva, 2007).

Sobretudo, é importante lembrar que o principal objetivo da enfermagem é proporcionar ao paciente o maior apoio possível para que ocorra a revitalização do corpo ou da mente e em casos de emergências é necessário que o enfermeiro aja com rapidez e tenha um raciocínio rápido a fim de salvar e dar assistência. Pensando dessa forma se cria um profissional de qualidade, consciente de que na enfermagem sempre terá que agir de duas formas diferentes, sendo elas: objetiva e subjetiva.

Quando se cita sobre agir de forma objetiva, se quer dizer que o enfermeiro deve saber desenvolver práticas, procedimentos e técnicas com perfeição para que o

corpo reaja de forma positiva. Em contratempo, deverá agir de forma subjetiva também, amparando, dando a devida assistência e agindo com humanização (Barbosa e Silva, 2007). Acredita-se que a maior dificuldade da grande parte dos profissionais da área de enfermagem seja agir de forma subjetiva, principalmente quando a forma objetiva não vai muito bem.

Para a maioria dos profissionais é complicado agir com cooperação, com amor, compreensão, comprometimento, respeito, presença e principalmente com um vínculo (LELIS, et. al, 2011). O que acaba tornando o atendimento o mais robotizado possível, dando a entender para a sociedade que o enfermeiro é um robô que trabalha com coisas e não um humano que lida com vidas (Freitas, Cunha e Moscarola, 2002). É importante expor que a existência do outro deve ser respeitada e que se deve respeitar seu silêncio tendo uma receptividade maior e observando alguns elementos como o calor humano e a comunicação para uma boa assistência.

É preciso ter profissionais que estejam preparados e motivados para realizar um cuidado digno e de qualidade, que consiga proporcionar ao paciente um bem-estar e fica extremamente difícil de fazer isso enquanto se cuida do lado administrativo (Waidman, Brischiliari, Rocha e Kohiyama, 2009). Se cada profissional entender e aceitar o que é e o que está fazendo, então as lutas no sentido de melhorar a assistência à saúde da população surtirão realmente o efeito esperado, e os objetivos serão alcançados.

O trabalho de enfermagem conforme especificado por Gonçalves (2007), é composto por três ações básicas: educação em saúde, cuidado assistencial e gerência. O processo de gerenciamento tem a finalidade de organizar o espaço terapêutico, distribuir e controlar o trabalho da equipe de enfermagem, a fim de proporcionar melhores condições para a realização do cuidado.

Os enfermeiros utilizam o conhecimento técnico-administrativo adquirido desde a graduação para organizar e controlar o processo de trabalho. Porém, não é possível utilizar-se de tal base supervalorizando a gestão sem que essa esteja voltada para uma assistência de qualidade. Não obstante do fato de que o cuidado e o gerenciamento deveriam estar intrinsecamente articulados na prática profissional da enfermagem, conforme descreve Nobrega (2006) o que se encontra na realidade é a questão das atividades desenvolvidas pelo enfermeiro em uma instituição serem majoritariamente de caráter administrativo-burocrático ou especificamente assistencialista.

Neste estudo parte-se do entendimento de que as dimensões amplas do processo de assistência em enfermagem têm tornado o trabalho desses profissionais cada vez mais complexos e, como um membro ativo de uma equipe multiprofissional precisa atuar com autonomia e resolutividade. Com isso, a construção de protocolos de assistência de enfermagem tem se intensificado nos últimos anos, com diferentes modelos sendo aplicados, considerando tanto diferenças regionais como área de atenção à saúde. Assim, verificou-se a necessidade de melhor conhecer o estado da arte sobre o assunto, levantando o seguinte questionamento como direcionador do estudo: *Como a literatura publicada entre os anos de 2013 a 2018 tem estudado o uso de protocolos como ferramenta de assistência em enfermagem?*

Este estudo tem como objetivo analisar o estado atual do conhecimento sobre o uso de protocolos como ferramenta de assistência em enfermagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de discorrer acerca do processo de trabalho do enfermeiro, é importante a compreensão etimológica de trabalho e de seu processo na saúde e, posteriormente, o entendimento da enfermagem como integrante ativa deste contexto. O trabalho é entendido como uma ação cotidiana que coloca homens em relação a outros homens e com a natureza, dentro de um determinado processo social e histórico. É uma atividade útil para os indivíduos cumprirem funções sociais, levando em conta a satisfação das necessidades e o tempo requerido para produzi-lo (Rossi, Lima, 2005; Sanna, 2007).

Para Marx (1987), trata-se de um processo em que participam o homem e a natureza, no qual o homem se apropria dos seus recursos para atuar sobre ela e modificá-la e, assim, modificar a si mesmo. No entanto, em sua origem, o termo apresentava outro significado. Etimologicamente, a palavra trabalho deriva de *tripalium*, que corresponde a um tipo de instrumento de tortura utilizado no passado para punir criminosos os quais, ao perderem a liberdade, eram submetidos ao trabalho forçado. Nessa perspectiva, o termo passava a ideia inicial de sofrimento, desqualificação, castigo. Posteriormente, passou a ser reconhecido como ofício, tendo na língua portuguesa o significado de atividade, ocupação, algo contrário ao lazer (Nóbrega, 2006).

O trabalho ocorre por meio de processos, descritos por Sanna (2007) como a transformação de um objeto determinado em um produto determinado, por meio da intervenção do ser humano que, para fazê-lo, emprega instrumentos. Destaca-se aqui que o objeto diz respeito àquilo sobre o que se trabalha, isto é, aquilo que será modificado pelo agente (ser humano) com uso de instrumentos (tangíveis ou não) na busca de determinada finalidade ou produto.

Conforme menciona Kirchhof (2003), o processo de trabalho da enfermagem insere-se no da saúde, que se define de acordo com a dinâmica social que prevalece em diferentes momentos da história da humanidade. Portanto, os processos de trabalho em saúde e o da enfermagem não estão circunscritos aos limites do ambiente hospitalar, mas inversamente, o processo de trabalho hospitalar precisa ser visto como um corpo de práticas sociais numa dada sociedade e submetido a determinadas regras históricas, econômicas e políticas.

Ainda com relação ao processo de trabalho em saúde, este possui uma significação social e não um significado específico ou exclusivo para cada momento da assistência. É direcionado quanto ao rumo, a perspectiva dos profissionais e, portanto, das profissões, cuja finalidade alcançada seria a concretização do processo de idealização do fazer (Kirchhof, 2003) e é também consequente às necessidades de assistência à saúde de uma população.

Nesse sentido, o processo de trabalho é visto como um jogo entre produção, consumo e necessidades dos indivíduos e, na área da saúde, de forma muito particular, produz atos de saúde que perseguem a produção do cuidado. Embora tenha bases mecanicistas, apresenta resultados que dependem das relações entre as pessoas e que decorrem das interações de diferentes componentes, denominados trabalho vivo e trabalho morto.

O trabalho vivo corresponde às ações propriamente ditas executadas pelos trabalhadores de saúde na relação com usuário ou entre os próprios trabalhadores. Trabalho morto, por sua vez, é o resultado de um trabalho humano anterior como ferramentas e matéria prima. O percebível é que o processo de trabalho em saúde, que compõe o serviço de saúde, obedece à integração de variados outros processos nas especificidades de cada profissão, cujas relativas finalidades possuem uma finalidade geral (Rossi e Lima, 2005).

Tal consideração encontra afinidade com as palavras de Pires (2000), segundo a qual os diferentes profissionais de saúde se articulam em suas práticas, cujo

resultado ou produto da somatória de suas atividades é a assistência à saúde. São atividades diferenciadas que, se visualizadas em suas especificidades, permitem identificar produtos distintos, porém, em sua adição convergem para uma única finalidade. A enfermagem, inserida nesse contexto, tem seu processo de trabalho: definido por Lunardi Filho, Lunardi e Spricigo (2001), como:

Aquele cuja execução encontra-se predominantemente distribuída entre os seus vários agentes e teoricamente determinada de acordo com a qualificação exigida pelo grau de complexidade das tarefas que o compõe. Ainda segundo os autores, essa forma de divisão do trabalho, pautada pela qualificação e legitimada pela formação escolar, estabelece uma hierarquização de tarefas, cabendo aos menos qualificados àquelas atividades consideradas como mais simples e, à medida que se tornam mais elaboradas, são assumidas por aqueles que possuem maior grau de qualificação, o que culmina nas ações privativas do enfermeiro (Lunardi Filho, 2001, p. 22).

Assim sendo, a enfermagem, como todas as outras profissões, possuem características peculiares, as quais são definidas, entre outros fatores, pelo seu processo de trabalho. Este, por sua vez, entrelaça-se a outras práticas no sistema de saúde, é efetivado na sociedade por meio do trabalho e, portanto, compreendido como uma prática social. Em complemento, tem-se que os trabalhos desenvolvidos pela enfermagem bem como o trabalho em saúde compõem o setor terciário da economia brasileira; não produz bens a serem estocados, mas sim, serviços que são consumidos no ato de sua produção, que corresponde à assistência (Felli e Peduzzi, 2005).

Todo esse cenário remete o enfermeiro à tendência de dividir suas atividades laborais, o que é visivelmente demonstrado desde o surgimento da profissão e mantido no decorrer da trajetória acadêmica. Essa postura pode ser observada, ainda, no exercício profissional, quando o enfermeiro enfrenta o paradoxo de agir de forma simplificada e fragmentada diante de situações cada vez mais complexas configurando, desse modo, uma prática alienada.

Mishima, Villa e Silva (1997), adicionam que o processo de trabalho em enfermagem almeja também que os sujeitos sociais atuem de forma emancipadora, com intervenções mais decisivas na construção do Sistema Único de Saúde (SUS). A emancipação da cidadania destacada por estas autoras não podem ser trabalhada separadamente, mas precisa ser uma abordagem inserida nos outros aspectos que compõem o processo de trabalho em enfermagem.

Corroborando, Peres e Ciampone (2006), destacam que o trabalho de enfermagem como instrumento de trabalho em saúde é composto por cuidar/assistir, administrar/gerenciar, pesquisar e ensinar. Além disso, salientam que o ato de gerenciar compreende uma das ferramentas necessárias para o cuidar. Dessa forma, os protocolos configuram-se como instrumentos do processo de enfermagem, pois busca organizar o trabalho e desenvolver condição para a realização da assistência.

Considerando a complexidade do trabalho de enfermagem, protocolos de assistência em enfermagem têm sido propostos por diferentes autores, com o intuito de auxiliar a esses profissionais e, conseqüentemente, favorecer uma assistência de qualidade aos pacientes. Para Lemos, Poveda e Peniche (2017), destacam o quão criterioso precisa ser a construção e validação de um protocolo de assistência em enfermagem, sendo necessário que se considere a realidade local e área de atenção à saúde, visto que envolve o planejamento do cuidado ao paciente, podendo comprometer à qualidade da assistência. Assim, neste estudo considera-se os protocolos de assistência em enfermagem como norteadores na tomada de decisão por enfermeiros, tendo como finalidade o atendimento integral.

METODOLOGIA

Para desenvolvimento do estudo proposto será utilizada como metodologia a Revisão de Escopo (*Scoping Review*), que de acordo com Menezes et al. (2015), possui como principal objetivo o mapeamento dos principais conceitos que apoiam uma área do conhecimento, bem como, examinar a natureza, extensão e/ou alcance de uma investigação/temática, e, ainda, para identificar possíveis lacunas de pesquisas em determinadas áreas/temas.

Nesta pesquisa serão considerados os artigos indexados nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), da Lilacs e Banco de Dados de Enfermagem (BDENF), orientando a busca pelo problema de pesquisa levantado, o qual: *Como a literatura publicada entre os anos de 2013 a 2018 tem estudado o uso de protocolos como ferramenta de assistência em enfermagem?*

Para tanto, os seguintes Descritores em Saúde (DeCS) foram selecionados: Processo de Enfermagem; Protocolos; e Equipe de Enfermagem. Como critérios de inclusão tem-se: ser publicado em formato completo gratuitamente; publicados entre os anos de 2013 e 2018. E, como critérios de exclusão tem-se: ser artigo teórico; de

revisão integrativa ou sistemática; ser publicado fora do recorte temporal; e estar repetido nas bases de dados.

Os artigos serão analisados a partir de uma abordagem qualitativa. O processo de análise de dados terá como base a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), escolhendo o autor como base por ser uma referência atual em análise de conteúdo, o que não impede de também fazer uso de outros autores. A técnica será utilizada com o intuito de responder aos questionamentos levantados neste estudo e alcançar os objetivos traçados. Conceituando análise de conteúdo, Bardin (2011), afirma que consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (tradução própria). (p. 38)

Dessa forma, é possível dizer que esta pesquisa será realizada à luz da análise de conteúdo, que significa dizer que serão seguidos alguns procedimentos, mas não se propõem a realizar uma profunda análise de conteúdo.

Vale destacar, com base em Freitas, Cunha e Moscarola (1997), que a análise de conteúdo consiste em uma metodologia refinada, demandando de dedicação, paciência e tempo do pesquisador, visto que, além de se apoiar em dados como um estudo teórico, por exemplo, deverá também utilizar sua intuição, imaginação e criatividade, sendo necessário, assim, disciplina, perseverança e rigor por parte do pesquisador.

Nesse sentido, é possível dizer que esta pesquisa será realizada à luz da análise de conteúdo, que significa dizer que foram seguidos alguns procedimentos, mas não se propõem a realizar uma profunda análise de conteúdo. Chizzotti (2006), afirma que “é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. (p. 98)

RESULTADOS

A partir da busca na base de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) com os descritores “Processo de Enfermagem” e “Protocolos” utilizando o termo de ligação “and” somente pode ser encontrado, todavia, este não pode ser selecionado para esta

pesquisa por não estar disponível em formato completo eletronicamente. Repetindo a pesquisa na base de dados modificou-se a estratégia de busca, utilizando dessa vez os descritores: “Protocolos” e “Equipe de Enfermagem” também com o termo de ligação “and”, porém, não retornou nenhum resultado de pesquisa.

Verificando-se esses resultados, optou-se por fazer a busca com o descritor “Protocolos” individualmente, com o intuito de verificar se dessa forma seria possível alcançar resultados em artigos. Dessa vez, foi possível verificar 159 resultados. Delimitando-se os resultados para a enfermagem como assunto restaram 28 artigos, contudo, ao delimitar no recorte temporal pesquisado, novamente não foi possível selecionar nenhum dos artigos por não atenderem aos critérios de pesquisa.

Passando para a base de dados da Lilacs, iniciou-se a pesquisa com os descritores “Protocolos” e “Equipe de Enfermagem” com o termo de ligação “and”, encontrando-se 21 resultados. Desses resultados, 1 artigo foi selecionado por atender aos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa. Com a pesquisa realizada com os descritores “Processo de Enfermagem” e “Protocolos” com termo de ligação “and”, retornando um resultado, que não pode ser selecionado para esta pesquisa, considerando o recorte temporal como critério de inclusão. A mesma pesquisa foi realizada na BDEF, não retornando nenhum resultado.

A partir dos resultados verificados, com somente 1 artigo podendo ser selecionado a partir dessas estratégias de pesquisa foi necessário modificá-las. Ainda na base de dados da BDEF a pesquisa foi feita da seguinte forma: protocolos AND processo AND de AND enfermagem, retornando, dessa vez, 128 resultados, os quais foram revisados um a um para seleção dos artigos a serem revisados neste trabalho. A partir da leitura dos títulos e resumos dos artigos 10 puderam ser selecionados para esta pesquisa, visto que 111 não estavam condizentes com o tema estudado, 1 estava repetido na base de dados, 4 estava fora do recorte temporal de estudo, 1 teve como metodologia a revisão de literatura e 1 não estava disponível em formato completo.

Considerando que com a mudança de estratégia de pesquisa gerou melhores resultados na BDEF, a pesquisa foi repetida nas bases de dados anteriores. A partir da pesquisa Protocolo and Enfermagem na BVSMS foram encontrados 19 resultados, sendo possível selecionar mais um artigo para a pesquisa, os demais não puderam ser escolhidos porque 10 estavam fora do recorte temporal de estudo, 1 estava repetido na base de dados e 7 não eram condizentes com o tema pesquisado. A Lilacs não retornou novos resultados. A partir disso, este artigo trabalha com a análise de 11

artigos publicados entre os anos de 2013 e 2018 que não utilizaram revisão de literatura sistemática ou integrativa como método de pesquisa, os quais estão descritos no Quadro 1.

Quadro 1. Caracterização dos artigos selecionados

N	Título	Autor (es) (ano)	Objetivo	Método
1	Planejamento da Assistência em Enfermagem: proposta para implementação de um instrumento administrativo assistencial	Borges, Sá e Neves (2017)	Analisar a influência da implementação de um protocolo administrativo-assistencial norteador do cuidado na organização e planejamento dos serviços de enfermagem de uma unidade neonatal.	Trata-se de um relato de experiência abordando a criação de um protocolo administrativo-assistencial utilizado para o planejamento do cuidado ao usuário, incluindo a sua implementação em uma UCIN.
2	Protocolo de enfermagem para o paciente com tuberculose	Rossoni et al. (2016)	Construir afirmativas de diagnósticos e intervenções de enfermagem para o paciente acometido com tuberculose.	Estudo descritivo, tendo como base os termos do Modelo de Sete Eixos da Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem (CIPE®), complementados com os da literatura da área.
3	Validação de protocolo assistencial de enfermagem para pacientes em cuidados paliativos	Santos, Oliveira e Feijão (2016)	Descrever o processo de validação de conteúdo de protocolo assistencial de enfermagem para pacientes em cuidados paliativos internados em Unidades de Terapia Intensiva.	Trata-se de um estudo transversal, descritivo, do tipo metodológico. Resultado do julgamento de 11 experts envolvidos na assistência e/ou docência. A operacionalização ocorreu por meio da concordância entre as respostas dos juízes obtidas pelo Índice de Validade de Conteúdo em uma rodada.
4	Protocolo de enfermagem para	Vieira et al. (2017)	Elaborar um protocolo para a assistência à	Trata-se de um estudo descritivo, desenvolvido com

	assistência à mulher em processo de lactação		mulher em processo de lactação contendo diagnósticos, resultados e intervenções de enfermagem.	base nos termos do Modelo de Sete Eixos da Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem (Cipe), complementados com os da literatura da área.
5	Construção de protocolo assistencial de enfermagem para o potencial doador de órgãos em morte encefálica	Farias et al. (2017)	Identificar os principais diagnósticos e intervenções de enfermagem, necessários à sistematização da assistência ao potencial doador de órgãos em morte encefálica; desenvolver, com respaldo nos diagnósticos e intervenções encontrados, um protocolo assistencial de enfermagem ao potencial doador de órgãos em morte encefálica.	Estudo exploratório, descritivo, do tipo pesquisa de desenvolvimento de um instrumento tecnológico, a ser desenvolvido nas seguintes etapas: revisão integrativa, observação sistemática, construção do protocolo e aplicação do Método Delphi.
6	A construção de protocolos assistenciais no trabalho em enfermagem	Krauzer et al. (2018)	Analisar como ocorre a construção e discussão sobre os protocolos assistenciais em um hospital público de alta complexidade.	Estudo qualitativo realizado por meio de grupos focais com 16 profissionais: enfermeiros, técnicos de enfermagem e membros da Comissão de Educação Permanente, cujas informações foram submetidas à análise temática. O estudo fundamenta-se na premissa freireana no que diz respeito à mudança ou transformação, problematização, diálogo e autonomia.
7	Protocolo de cuidados de enfermagem para	Campos (2017)	Construir um protocolo de cuidados de	Estudo metodológico não-experimental de validação de

	detecção de infiltração e extravasamento em neonatos.		enfermagem para a detecção precoce de infiltração e extravasamento em neonatos e validar o conteúdo e aparência do protocolo de cuidados de enfermagem para a detecção precoce de infiltração e extravasamento em neonatos com especialistas	instrumento. O protocolo foi construído com base no Modelo de Iowa. O processo de construção do protocolo deu-se em três etapas: 1) Revisão sistemática da literatura; 2) Construção do protocolo com base nas Evidências disponíveis e 3)Validação do Conteúdo do Protocolo por Especialistas.
8	Tradução e adaptação transcultural do “Jones Dependency Tool” para o português brasileiro	Andrade et al. (2014)	Traduzir para o português e realizar adaptação transcultural do Jones Dependency Tool	Método de tradução e adaptação transcultural utilizado composto por quatro fases. Primeira: tradução do instrumento original, em inglês, para português. Segunda: busca de equivalência de conteúdo, cultural, semântica e conceitual em relação ao instrumento original. Terceira: realização deretrotradução. Quarta: as versões, traduzida e retrotraduzida, foram comparadas por comitê de especialistas, resultando na versão final do instrumento.
9	Construção compartilhada dos protocolos de enfermagem na Atenção Primária à Saúde	Araújo (2016)	Analisar o processo de construção compartilhada do Protocolo Assistencial do enfermeiro e suas possíveis repercussões nas práticas de cuidado dos	studo descritivo de abordagem qualitativa, utilizando análise documental, em 2016.As fontes foram os documentos dos processos de construção dos protocolos arquivados no Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro

			enfermeiros na APS	(COREN-RJ). Utilizou-se a análise temática de conteúdo de Bardin. Aprovação pelo Comitê de Ética da instituição, Parecer 1.508.499.
10	Adaptação Transcultural E Validação Para A Língua Portuguesa Da Ferramenta Ontario Protocol Assessment Level (OPAL)	Sarmiento (2014)	Realizar a adaptação transcultural da ferramenta OPAL que mensura a carga de trabalho do coordenador de estudos clínicos baseado na complexidade dos protocolos de pesquisa.	Trata-se de uma pesquisa metodológica, cujo processo de adaptação transcultural se baseou no preconizado por Beaton e colaboradores (2002) e envolveu a tradução da ferramenta para a língua portuguesa e sua validação em um centro de pesquisa clínica no Brasil. O cenário escolhido para desenvolver o estudo foi o INCA/HCIII em seus laboratórios de pesquisa clínica e os sujeitos foram os coordenadores de estudos.
11	Procedimento operacional padrão no ambiente hospitalar: percepção de enfermeiros	Walter et al. (2016)	Conhecer a percepção de enfermeiros acerca do desenvolvimento do Procedimento Operacional Padrão no ambiente hospitalar	Pesquisa exploratória e descritiva, de caráter qualitativo, desenvolvida entre os meses de março e abril de 2011, com cinco enfermeiros que trabalham nas unidades de internação de um hospital de médio porte, localizado em uma cidade da região central do Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e foram submetidos à análise de conteúdo.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Os artigos apresentados no Quadro 1 foram analisados quantitativamente em relação ao ano de publicação, tipo de trabalho, periódico e metodologia utilizada, estando os resultados apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Análise quantitativa dos artigos

	N	%
Ano		
2014	2	18,18%
2016	4	36,36%
2017	4	36,36%
2018	1	9,09%
Tipo de Trabalho		
Artigo	8	72,73%
Dissertação de Mestrado	3	27,27%
Periódico		
Comunidade em Ciências da Saúde	1	9,09%
Revista de Enfermagem	2	18,18%
Acta Paulista de Enfermagem	1	9,09%
Revista Fundamental Care	2	18,18%
Revista Mineira de Enfermagem	1	9,09%
Escola de Enfermagem Anna Nery	1	9,09%
Revista Eletrônica de Enfermagem	1	9,09%
Universidade Federal do Rio de Janeiro	1	9,09%
Universidade Federal Fluminense	1	9,09%
Metodologia		
Relato de Experiência	1	9,09%
Estudo Descritivo	2	18,18%
Estudo Transversal	1	9,09%
Estudo Exploratório	2	18,18%
Estudo Qualitativo	1	9,09%
Estudo metodológico não-experimental de validação de instrumento.	1	9,09%
Método de tradução e adaptação transcultural	2	18,18%

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A partir dos resultados presentes nos artigos analisados, promoveu-se uma discussão sobre a produção de conhecimento sobre o assunto.

DISCUSSÕES

Santos, Oliveira Feijão (2016), buscaram em sua pesquisa validar conteúdo de protocolo assistencial de enfermagem para pacientes em cuidados paliativos internados em Unidades de Terapia Intensiva, contando para tanto com o julgamento de 11 *experts* envolvidos na assistência e/ou docência da párea de enfermagem. Os autores conseguiram validar seu conteúdo com potencial para aplicação na prática

clínica, sendo este, se seguido pelos profissionais de forma adequada, capaz de assegurar uma assistência mais humana e de qualidade.

Na pesquisa realizada por Borges, Sá e Neves (2018), foi proposto um protocolo de enfermagem para implementação de um instrumento administrativo-assistencial, tendo como base as normas que norteiam a enfermagem, sobretudo em relação ao emprego da Sistematização da Assistência da Enfermagem como ferramenta inserida no planejamento que associa o embasamento científico com a organização. Em seu estudo conseguiram elaborar um instrumento que pode facilitar o fornecimento de informações para assistência do indivíduo em uma Unidade de Cuidados Intermediários Neonatais (UCIN), onde a implementação deste foi otimizado o tempo de visita as enfermeiras, haja vista que os dados coletados foram direcionados, tornando atendimento ao paciente mais eficaz, além do mais o instrumento contribui para fomentação de indicadores de avaliação.

Já Rossoni, Lima, Sales e Primo (2016), analisaram o uso de um protocolo de enfermagem para atendimento de pacientes com tuberculose, por meio do uso da CIPE, destacam que a mesma trata-se de excelente instrumental para implante de uma comunicação homogênea que facilita o entendimento e aperfeiçoa a prestação de cuidados as pacientes com tuberculose que são objetos de seus estudos. Os autores reforçam que o diagnóstico em enfermagem é um fator que norteia a assistência por meio de planejamento, considerando que assim há um direcionamento mais eficaz quanto às necessidades dos pacientes.

Tendo como a assistência à mulher em processo de lactação, Vieira, Morais, Lima, Pontes, Brandão e Primo (2017), elaboraram um protocolo de enfermagem considerando fatores como diagnóstico, resultados e intervenção na área. Os autores conseguiram criar um protocolo capaz de ter um amplo alcance no atendimento à mulher nessas condições, sendo compatível com a visão integral e interativa da Teoria Interativa de Amamentação e o enfermeiro tem multidimensões para o seu agir.

O potencial doador de órgãos com morte encefálica também foi alvo dos estudos encontrados, Farias, Almeida, Pereira, & Vasconcelos. (2017) buscam construir um protocolo para auxiliar os enfermeiros no atendimento desses casos, todavia, sua pesquisa ainda está em construção, com os autores apresentando como resultados esperados contribuir para um direcionamento da prática de enfermagem planejada e individualizada, e para o desenvolvimento de um protocolo que possibilite a equipe de enfermagem planejar a sua assistência de forma sistematizada,

agilizando as atividades de cuidado ao potencial doador de órgão sem morte encefálica, uma vez que se utilizará dos conhecimentos específicos desta profissão para a construção do instrumento que auxiliará o enfermeiro no desempenho de suas funções.

O protocolo criado por Campos (2017) foi validado por especialistas para cuidados de enfermagem para detecção de infiltração e extravasamento em neonatos, todavia, ainda demanda de sua validação na prática clínica dos profissionais de enfermagem para que, assim, possa ser incorporado como nova tecnologia de cuidado aos neonatos em uso de terapia intravenosa, promovendo a segurança e a qualidade da assistência de enfermagem. Resultado semelhante foi verificado por Andrade, Okuno, Campanharo e Batista (2014), que traduziram para o português e realizaram a adaptação transcultural do Jones Dependency Tool para a realidade nacional, todavia, ainda demandam de validação na prática clínica. Já Sarmento (2014) validou sua adaptação transcultural destacando que com os resultados estatísticos demonstrados a análise subjetiva na aplicação clínica se mostra irrisória, já sendo possível confirma sua viabilidade de aplicação na realidade brasileira.

Analisando os artigos foi possível perceber que seus protocolos têm considerado as necessidades do paciente de acordo com cada caso, bem como em relação à educação e à saúde, sempre enfocando no enfermeiro como o profissional responsável por essa orientação ao paciente e seus familiares sem esquecer-se de suas demais atribuições como diagnóstico de enfermagem e intervenção (Krauzer, Agnoll, Gelbcke, Lorenzini e Ferraz, 2018; Araújo, 2016; Walter, Gahlen, Ilha, Zamberlan, Freitas e Pereira, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de conhecimento em relação aos protocolos de enfermagem nos últimos cinco anos tem girado em torno de construção, validação e tradução de protocolos, considerando as mais diferentes demandas da área de enfermagem, seja no atendimento clínico, seja no hospitalar, além de verificar-se considerações sobre processos administrativos.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. d. A., Aliti, G. B., Franzen, E., Thomé, E. G. d. R., Unicovsky, M. R., Rabelo, E. R., Ludwig, M. L. M. & Moraes, M. A. (2008, August). **DIAGNÓSTICOS DE ENFERMAGEM E INTERVENÇÕES PREVALENTES NO CUIDADO AO IDOSO HOSPITALIZADO**. *Rev Latino-am Enfermagem*, 16(4), 1-6.
<https://www.scielo.br/j/rlae/a/9HRbJGsTSbvrJ9kHWymQywr/?format=pdf&lang=pt#:~:text=Dos%201665%20registros%20de%20pacientes,Infec%C3%A7%C3%A3o%20e%20Padr%C3%A3o%20Respirat%C3%B3rio%20Ineficaz.>
- Andrade, K. M. de, Okuno, M. F. P., Campanharo, C. R. V. & Batista, R. E. A. (2014). **Tradução e adaptação transcultural do “Jones Dependency Tool” para o português brasileiro**. *Revista Eletrônica De Enfermagem*, 16(4), 754–8.
<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/22345>. <https://doi.org/10.5216/ree.v16i4.22345>
- Araújo, M. C. C., Acioli, S., Neto, M., Mello, A. S. d. & Brandão, P. S. (2017). **Protocolos de enfermagem: motivação e metodologia no processo de construção compartilhada**. *Rev enferm UERJ*, 25. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/27339/22018>.
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2017.27339>
- Barbosa, I. d. A. & Silva, M. J. P. (2017). **Cuidado humanizado de enfermagem: o agir com respeito em um hospital universitário**. *Rev. Bras. Enferm*, 60(5), 1-6, 546-51.
<https://www.scielo.br/j/reben/a/zwq9mcbRqtP8xVNHxg3QtJF/?lang=pt>. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672007000500012>
- BARDIN, L. (2006). **Análise de conteúdo**. Edições 70
- Borges, T. A. C., Sá, R. C. de, & Neves, M. da G. C. (2018). **Planejamento da Assistência em Enfermagem: proposta para implementação de um instrumento administrativo-assistencial**. *Comunicação Em Ciências Da Saúde*, 28(03/04), 413–8.
<http://www.escs.edu.br/revistaccs/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/28>. <https://doi.org/10.51723/ccs.v28i03/04.283>.
- Campos, F. M. C. (2017). **Protocolo de cuidados de enfermagem para detecção de infiltração e extravasamento em neonatos** [Masters dissertation, Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro]
- CHIZZOTTI, A. (2008). *Pesquisa quantitativa em Ciências Humanas e Sociais*. Vozes.
- Farias, I. P., Almeida, T. G., Pereira, C. I. d. C., & Vasconcelos, E. L. (2017). **Construction of assistance nursing protocol for potential organ donors in encephalic death**. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, 11(9), p. 3317-21.
https://redib.org/Record/oai_articulo1353034-construction-assistance-nursing-protocol-potential-organ-donors-encephalic-death. <http://dx.doi.org/10.5205/1981-8963-v11i9a110249p3492-3496-2017>.

Felli, V. E. A., Peduzzi, M., & Leonello, V. M. (2016). **Trabalho gerencial em enfermagem**. In *Gerenciamento em enfermagem*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Freitas, H. M. R., Cunha Jr, M. V. M., & Moscarola, J. (1997). **Aplicação de sistema de software para auxílio na análise de conteúdo**. *RAUSP*, 32(3), 97-109.
http://gianti.ea.ufrgs.br/files/artigos/1997/1997_052_RAUSP_Freitas_Cunha_Moscarola.pdf.

Freitas, E. V., Miranda, R. D. & Nery, M. **Parâmetros clínicos do envelhecimento e avaliação geriátrica global**. Em Freitas E. V, Py, L, Cançado, F. A. X, Doll, J, Gorzoni, M. L. (2002). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 609-17.

Gonçalves, L. (2007). **Processo de trabalho da enfermagem: bases qualitativas para o dimensionamento da força de trabalho em unidades de internação** [Master's thesis, Universidade Federal de Santa Catarina].
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90287#:~:text=Gradua%C3%A7%C3%A3o%20em%20Enfermagem-Processo%20de%20trabalho%20da%20enfermagem%3A%20bases%20qualitativas%20para%20o%20dimensionamento, trabalho%20em%20unidades%20de%20intern%C3%A7%C3%A3o&text=Sustenta%2Dse%20na%20teoriza%C3%A7%C3%A3o%20sobre,for%C3%A7a%20de%20trabalho%20de%20enfermagem>.

KIRCHHOF, A. L. C. (2003). **O trabalho da enfermagem: análise e perspectivas**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 56(6).
<https://www.scielo.br/j/reben/a/fdW4yBHcWxF6qtJjQ8yzthC/?lang=pt#:~:text=A%20enfermagem%20tem%20com%20esse, construindo%20perspectivas%20paradigm%C3%A1ticas%20atrav%C3%A9s%20de>.

Krauzer, I. M., Ferraz, L., Lorenzini, E., Gelbcke, F. L. & Dall'Agnoll, C. M. (2018). **A construção de protocolos assistenciais no trabalho em enfermagem**. *REME*, 22. <http://reme.org.br/artigo/detalhes/1225>.
LEMONS, C. d. S., PENICHE, A. d. C. G., & POVEDA, V. d. B. (2017). **Construction and validation of a nursing care protocol in anesthesia**. *Revista latino-americana de enfermagem*, 25.
<https://www.scielo.br/j/rlae/a/3bM3KNk3yB3j6WtHMFJpFrJ/?lang=en>.

Lunardi filho, D. W., Lunardi, L. V. & Spricigo, J. (2001). **O trabalho do enfermeiro e a produção da subjetividade de seus trabalhadores**. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 9(2).
<https://www.scielo.br/j/rlae/a/zGhbSWjVsMVyFtMpKwQZvWD/?lang=pt>.

MARX, K. (1987) **O capital: crítica da economia política**. Abril Cultural.
Menezes, S. S. C. d., Corrêa, C. G., Silva, R. d. C. G. E., & Cruz, D. d. A. M. L. d. (2015). **Clinical reasoning in undergraduate nursing education: a scoping review**. *Rev Esc Enferm USP*, 49(6), 1037-44.
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27419689/#affiliation-3>.

Mishima, S. M., Villa, T. C. S., Silva, E. M., Ribas-Gomes, E. L., Anselmi, M. L., Pinto, I. C. Almeida, M. C. P. **Organização do processo gerencial no trabalho em saúde pública**. Em: Almeida, M. C. P., Rocha, S. M. M. (Org.). (2005). *O trabalho de enfermagem*. São Paulo: Cortez.

<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/sbVx3bQyZt43DBx9Nhfl3Wz/?lang=pt>.

Nóbrega, M. F. B. (2006). **Processo de trabalho em enfermagem na dimensão do gerenciamento do cuidado em um hospital público de ensino** [Masters dissertation, Universidade Estadual do Ceará].

<https://www.yumpu.com/pt/document/view/21812026/processo-de-trabalho-em-enfermagem-na-dimensao-do-hospital->

Peres, A. M., Ciampone, M. H. T. (2006). **Gerência e competências gerais do enfermeiro**. *Texto e Contexto Enfermagem*, 15(3), 492-99.

<https://www.scielo.br/j/tce/a/tS353zgK36J9Mk36RyLLG7K/?lang=pt&format=pdf#:~:text=Na%20gradua%C3%A7%C3%A3o%2C%20as%20DCNs%20apontam,e%20gerenciamento%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o%20permanente>.

Pires, D. (2000) **Reestruturação produtiva e consequências para o trabalho em saúde**. *Rev. Bras. Enfermagem*, (53), 251-263.

<https://www.scielo.br/j/reben/a/dgtGrrvZbR3VRNrs7qcpJs/abstract/?lang=pt#:~:text=Mostra%20que%20o%20uso%20intensivo,organiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20gest%C3%A3o%20do%20trabalho>.

Potter, P.A., Perry, A.G. (2009). **Fundamentos de Enfermagem**. Elsevier.

Rossi, F. R., Lima, M. A. D. S. (2005). **Welcoming: soft technology in nurse's management processes**. *Revista brasileira de enfermagem*, 58(3), 305-10.

<https://www.semanticscholar.org/paper/%5BWelcoming%3A-soft-technology-in-nurse's-management-Rossi-Lima/7f5bc922d7d5ead3244d57e97d39dbb7da951241>.

Rossoni, R., Lima, E. F. A., Sales, C. M. M. & Primo, C. C. (2016). **Protocol of nursing for patient with tuberculosis**. *Journal of Nursing UFPE on line*, 10(2), 464-474.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/10978/12317>.

Sanna, M. C. (2007). **Os processos de trabalho em enfermagem**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(2).

<https://www.scielo.br/j/reben/a/tdR5hDyyijGRqZ8ytgGqHsz/abstract/?lang=pt>.

Santos, E. C., Oliveira, I. C. M. & Feijao, A. R. (2016). **Validação de protocolo assistencial de enfermagem para pacientes em cuidados paliativos**. *Acta paul. Enferm.* 29(4), 363-73.

<https://www.scielo.br/j/ape/a/QyqRr8jRDDQXJ7FxbcCZpyL/?format=pdf&lang=pt#:~:text=O%20protocolo%20assistencial%20de%20enfermagem%20para%20pa%2D%20cientes%20em%20cuidados,mais%20humana%20e%20de%20qualidade>.

Sarmiento, R. M. B. (2014). **Adaptação transcultural e validação para a língua portuguesa da ferramenta Ontario Protocol Assessment Level (OPAL)** [Masters

dissertation, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense]. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/1225>.

Trezza, M. C. A. F., Leite, J. L., & Santos, R. M. d. (2008). **Enfermagem como prática social: um exercício de reflexão**. *Rev. Bras. Enferm.*, 61(6), 904-8. <https://www.readcube.com/articles/10.1590/S0034-71672008000600019>.

Vieira, G. M., Morais, T. B., Lima, E. de F. A., Pontes, M. B., Brandão, M. A. G., & Primo, C. C. (2017). **Nursing protocol for assistance to women in lactation process** **Protocolo de enfermagem para assistência à mulher em processo de lactação**. *Revista De Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 9(4), 1040-7. <http://www.seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/5768>. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i4.1040-1047>

Waidman, M. A. P., Brischiliari, A., Rocha, S. C., & Kohiyama, V. Y. (2009). **Conceitos de cuidado elaborados por enfermeiros que atuam em instituições psiquiátricas**. *Rev Rene*, 10(2). <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/4772>

Walter, R. R., Gahlen, M. H., Ilha, S., Zamberlan, C., Barbosa de Freitas, H. M., & Weiss Pereira, F. (2016). **Procedimento operacional padrão no ambiente hospitalar: percepção de enfermeiros** **Standard operating procedure in the hospital context: the nurses' perception**. *Revista De Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 8(4), 5095–100. <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4413>. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i4.5095-5100>.

Capítulo 8
A EXPERIÊNCIA DO PARTO: INFLUÊNCIAS NA VIDA DA
MULHER

Laís Fuerst Pacheco
Giselle Caroline Fuchs

A EXPERIÊNCIA DO PARTO: INFLUÊNCIAS NA VIDA DA MULHER

Laís Fuerst Pacheco

Graduada em Psicologia; Universidade de Contestado (UNC); Mafra-SC

lais.fuerst.pacheco.23@gmail.com

Giselle Caroline Fuchs

Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade do Contestado (UnC).

Docente do curso de Psicologia na Universidade do Contestado (UnC).Av.

Presidente Nereu Ramos, 1071, Jardim Moinho - CEP 89306-076

giselecaroline@unc.br

RESUMO

No passado, os partos eram realizados em casa, por mulheres mais velhas, porém, muitas parturientes vinham a óbito por ser um procedimento muito arriscado, o que fez com que começassem a ser realizados nos hospitais, a fim de evitar essa grande mortalidade. O que trouxe benefícios e malefícios para a mulher e o bebê. A pesquisa teve como objetivo geral: avaliar como a experiência do parto interfere na vida da mulher; e como objetivos específicos: a influência do parto no relacionamento conjugal, no vínculo com a criança, e no sentimento de medo em relação ao parto subsequente. Sendo, uma pesquisa de natureza básica, de caráter qualitativo e classificado como levantamento de caso (*survey*). Realizada no município de Rio Negrinho-SC, feita através de uma entrevista com mulheres maiores de 18 anos, que tinham passado pelo momento do parto recentemente. Foram entrevistadas 9 mulheres em 2 meses. A experiência do parto pode influenciar vários pontos referentes à vida da mulher, como por exemplo, a influência por conta de uma cicatriz que provoca um sentimento de vergonha em relação ao marido, pelo contato imediato ou não com o bebê após o parto, pelo sentimento de medo ou não em relação a um parto futuro ou causando autoestima baixa, dores, sentimentos bons e ruins, por conta de uma violência obstétrica ou por uma depressão pós parto, o que torna o assunto complexo e comprova a necessidade de novas pesquisas sobre o tema.

Palavras-chave: Parto. Mulher. Relacionamento Conjugal. Vínculo. Medo.

ABSTRACT

In the past, birth deliveries were usually performed at home by older women. However, many women died because of the risks of childbirth, which caused deliveries to start being performed in hospitals, in order to avoid this large number of deaths. Today, this has become a mechanical and technical process, favoring cesarean sections, and transforming the delivery process into a production line. The general objective of the research is: To evaluate how the childbirth experience interferes in the woman's life; and as specific objectives: the influence of childbirth on the marital relationship, the

bond with the child, and the subsequent feeling of fear in relation to childbirth. The research is of basic nature, qualitative character and classified as a survey. It was held in the city of Rio Negrinho-SC, through interviews with women over 18 years old, who have recently gone through the moment of childbirth. 9 women were interviewed in 2 months. The experience of childbirth can influence several aspects of a woman's life. Whether this is due to a scar, that could cause a feeling of shame in relation to the husband, immediate contact or not with the baby after childbirth, a feeling of fear over a future birth which could lead to low self-esteem, pain, good and bad feelings, or even due to obstetric violence or postpartum depression, which makes this a complex topic and proves the need for further research on the subject.

Keywords: Childbirth. Women. Marital Relationship. Bond. Fear.

INTRODUÇÃO

No passado, os partos eram realizados em casa, por mulheres mais velhas e com o núcleo familiar por perto, porém, muitas parturientes vinham a óbito por ser um procedimento muito arriscado. Por isso, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, os partos começaram a ser realizados no ambiente hospitalar, a fim de diminuir a taxa de mortalidade (BRÜGGEMANN; et. al. 2005).

Em entrevista ao site LABS, que foi publicada por Menezes (2022), Paula Crespi constata que “atualmente, 70% das mulheres começam uma gestação querendo parto normal, porém, no sistema privado, apenas 15% conseguem” o que complementa com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), que mostra que o Brasil está em segundo lugar no mundo em realização de cesarianas (57%, quando a orientação da Organização Mundial da Saúde é de, no máximo, 15%), cirurgias essas que só deveriam ser utilizadas mediante algumas indicações específicas (BRÜGGEMANN; et. al. 2005).

Segundo dados da pesquisa Nascer no Brasil, realizada pelo Ministério Público de Pernambuco (2015), 70% das mulheres desejavam ter parto normal, 91,7% dos partos foram na posição deitada, 26,6% dos bebês tiveram contato com a mãe ao nascer e somente 25,2% das mulheres puderam se alimentar durante o trabalho de parto. Em uma pesquisa realizada pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) em 2019, que foi publicada por Rodrigues (2021), mostrou que dos 287.166 partos realizados através de planos de saúde privados 84,76% foram por cesariana e, 56,71% das cesáreas foram realizadas antes do início do trabalho de parto, sendo que o maior percentual de cesáreas, 37,29%, ocorreu em mulheres com idade

gestacional entre 37 e 38 semanas. O que é um indicativo preocupante pois, para o Conselho Federal de Medicina (CFM), uma cirurgia cesariana antes do início do trabalho de parto deveria acontecer apenas depois das 39 semanas de gestação. O que, para Rattner (2009), transformou o parto em uma linha de produção. Estes fatores podem provocar algumas consequências na vida das mulheres como, a baixa autoestima, o abalo nas relações conjugais e no vínculo com o filho e até a violência obstétrica, medo do parto (tocofobia) e a depressão pós parto foram verificadas como uma consequência do parto.

O que comprova o fato da importância do parto ser um momento delicado e que exige um planejamento ou um respeito pela autonomia da mulher promovendo um maior bem estar físico e emocional durante o processo. Este bem estar pode ser proporcionado através de um ambiente acolhedor, atentando se aos aspectos culturais, psíquicos e espirituais que estão envolvidos durante o parto. Deixando à escolha da mulher as questões que envolvem o acompanhante e informando a de todo o processo. Fazendo com que o parto seja realizado de forma segura, integral e humanizado, Duques et. al. (2021).

Portanto, a pesquisa teve como objetivo geral, avaliar como a experiência do parto interfere na vida da mulher, no qual se justifica o fato de que as influências na vida da mulher em relação à experiência do parto não são muito conhecidas, principalmente pelas mulheres que foram afetadas por isso. E para o campo teórico poderemos ter conhecimento sobre o que esse problema impacta na vida dessas mulheres e debater sobre esses resultados. Ou seja, responder a pergunta “Como a experiência do parto interfere na vida da mulher?”.

Conseqüentemente, a pesquisa tem como objetivos específicos: analisar o relacionamento conjugal das mulheres; identificar como ocorreu o vínculo com a criança após o parto; e, avaliar o sentimento de medo em relação aos partos subsequentes.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo realizado é classificado como Ciências Humanas, pelo CNPQ- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. A pesquisa foi caracterizada como qualitativa e de carácter exploratório. Em relação aos métodos empregados, o estudo foi classificado como levantamento de caso (*survey*).

O universo da pesquisa eram mulheres que tivessem vivenciado o parto, e a amostra mulheres, maiores de 18 anos, que tenham passado pelo momento do parto entre 45 dias a 1 ano, mesmo que tenham passado por partos anteriores, o foco será o último e que sejam residentes do município de Rio Negrinho/SC. Sendo esse o seu critério de inclusão. E o seu critério de exclusão foi a participante da pesquisa manifestar interesse em sair do estudo.

A amostra foi caracterizada como não probabilística, tendo como janela amostral 2 meses, totalizando 9 entrevistadas, cada entrevistada será identificada pela letra E e pelo número de 1 a 9 conforme a ordem de entrevistas. Utilizando a técnica *Snowball* como forma de encontrar as participantes.

A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semi-estruturada, que foi gravada e aplicada individualmente conforme a disponibilidade das entrevistadas.

A Tabulação de dados foi feita com base na de conteúdo de Bardin, onde os dados foram desenvolvidos pelas categorias e elementos de análises conforme os objetivos da pesquisa.

A pesquisa seguiu as Normas da Resolução nº 466/2012 e nº 510/2016 sobre pesquisa com seres humanos, e o projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade do Contestado aprovado mediante o Parecer Consubstanciado CEP/ UNC nº 5.581.158/2022.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram do estudo 9 mulheres que passaram pelo momento do parto entre 45 dias a 1 ano no momento em que as entrevistas foram realizadas. E com as informações obtidas nessas entrevistas foi elaborado uma tabela e um quadro para auxiliar na construção dos resultados e discussões.

A Tabela 1, apresentada abaixo, que ilustra as Informações Gerais das Entrevistadas com as respostas obtidas nas entrevistas.

Tabela 1- Informações Gerais das Entrevistadas

Entrevistadas	Idade	Estado Civil	Idade do Bebê	Tipo de Parto
E1	31 anos	Casada	7 meses	Normal
E2	34 anos	Casada	4 meses	Cesárea

E3	32 anos	Casada	2 meses	Cesárea
E4	21 anos	Casada	8 meses	Cesárea
E5	28 anos	Casada	4 meses	Cesárea
E6	33 anos	Casada	2 meses	Cesárea
E7	33 anos	Casada	8 meses	Cesárea
E8	18 anos	Casada	8 meses	Cesárea
E9	29 anos	Casada	6 meses	Cesárea

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A Tabela 1 mostra que as mães entrevistadas tinham entre 18 e 34 anos, todas eram casadas, seus filhos tinham de 2 a 8 meses e apenas uma realizou o parto normal, o que é um grande indicativo de uma preferência em realizar cesáreas no município de Rio Negrinho-SC. Nesse contexto, o autor Barbosa et. al. (2022), realizou um estudo em um município do oeste catarinense onde foram realizadas 193 cesáreas em 5 anos, tendo sua maior taxa em 2020 que ultrapassou o marco de 80%. Ressalta-se que a orientação da Organização Mundial da Saúde (2015) é de 15% para partos cesarianos, e que só deve ser utilizada em indicações específicas Brüggemann et. al. (2005), revela a uma tendência do estado em realizar partos cesarianos em excesso.

O estudo teve como objetivo avaliar como a experiência do parto interfere na vida da mulher, verificando o impacto da experiência do parto no relacionamento conjugal da mulher, no vínculo da mãe com o bebê e no sentimento de medo do parto subsequente. Foi elaborado um quadro contendo os resultados subdivididos em categoria, subcategorias e elementos de análise, onde foi definido como categoria “A interferência do parto na vida da mulher”. Sendo as subcategorias dividindo a consequência do parto em, relacionamento conjugal, vínculo com o bebê, sentimento de medo em relação aos partos subsequentes e outras.

Para elaborá-lo, foram categorizados os dados presentes nas respostas das entrevistadas. Em seguida, foram aproximados os dados semelhantes e então criadas as categorias, as subcategorias e seus elementos de análise.

Quadro 1– Categoria, Subcategorias e elementos de análises das entrevistas.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
A interferência do parto na vida da mulher	1.1 No relacionamento conjugal.	1.1.1 Vergonha;
	1.2 No vínculo com o bebê.	1.2.1 Contato imediato; 1.2.2 Demora do contato com o bebê; 1.2.3 Conexão da mãe e bebê;
	1.3 No sentimento de medo em relação aos partos subsequentes.	1.3.1 Causam medo; 1.3.2 Não causam medo;
	1.4 Outras consequências	1.4.1 Sentimentos relacionados ao parto; 1.4.2 Autoestima baixa; 1.4.3 Cicatriz; 1.4.4 Dores; 1.4.5 Medo de ter acontecido algo de errado na cesárea; 1.4.7 Limitações de atividades;

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Com a realização da coleta e análise dos dados, foram relacionadas a categoria e as subcategorias com as entrevistas, tendo como resultado os elementos de análise. Sendo a primeira subcategoria analisada a influência do parto no relacionamento conjugal, onde surgiu um elemento de análise: a “Vergonha”.

A vergonha pode ser identificada na fala da entrevistada a seguir:

“Em questão até de... no caso ele... é como eu posso falar, do meu marido entende? Eu fico meio assim, dele...[...].” (E.4)

Como se pode reconhecer na frase descrita acima, a entrevistada relatou um sentimento de vergonha relacionado após procedimento da cirurgia cesariana, o que ocasionou um desconforto perante o seu cônjuge. Nesse sentido Pessoa et. al (2020), mostrou em sua pesquisa que entre 370 mulheres 43% voltaram a ter relações sexuais em 42 dias após o parto e 92% em 12 semanas, tendo como motivos que as impedem de retomar sendo um pedido médico, o medo de sentir dor, a vergonha do próprio corpo e a diminuição da libido. Salim et. al. (2010) revelou que muitas mulheres têm sentimentos negativos em relação ao seu corpo após o parto, o que interfere em suas vidas sexuais. Esses sentimentos se dão ao fato de que o corpo da mulher passa por

muitas mudanças e muitas vezes não volta a ser como era antes. O que causa um sentimento de vergonha perante seus parceiros.

Na segunda subcategoria, que analisa o vínculo com o bebê, foram classificados três elementos de análise: “Contato imediato”, “Demora do contato com o bebê” e a “Conexão da mãe e bebê”. Em relação ao contato imediato, duas entrevistadas, E.5 e E.9, relataram que a forma como o parto ocorre influencia no vínculo, por conta do contato imediato com o bebê após o nascimento, como pode ser identificado nas suas falas:

“assim que ele já nasceu eles já trouxeram pra mim e tudo [...]” (E5).

“Tipo desde o momento que ela nasceu ela já teve o contato pele a pele comigo. E foi aí que grudou e nunca mais se desgrudamos. [...]” (E9).

Desse modo, Rosa et. al. (2010) relata que o contato imediato da mãe com o bebê após o parto é importante pois, promove o reconhecimento entre mãe e bebê, impulsionando o aprendizado relacionado à maternidade. A autora ainda complementa que esse contato imediato proporciona o início de um ciclo de estímulos sensoriais, onde a mãe olha, toca e fala com o bebê e ele responde, fazendo com que a mãe se sinta mais segura e continue a estimular seu bebê.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, a E4 relatou que a demora do contato com o bebê influencia no vínculo, após ser questionada se ela acreditava que a forma como o parto ocorreu influenciou no vínculo, como pode ser visto nesse trecho da entrevista:

“Sim [...] Eu pensei que iam né? Tirar ela e já no ato iam entregar ela aí né? E não, demorou para eles trazerem ela ali [...] eu fui ter mesmo mais contato com ela no quarto” (E4).

O que podemos observar em sua fala é a demora do contato com o bebê após o parto, justificado pelo fato de ter outra cesárea na sequência. O que para Rosa et. al. (2010) pode ser prejudicial em relação ao vínculo, pois impede uma adaptação do bebê mais tranquila ao novo ambiente e traz uma tensão emocional, um sentimento de ansiedade por parte da mulher que começa a procurar notícias sobre o recém nascido. Em relação à velocidade em que a sequência de partos cesarianos é realizada pode ser considerado como exemplo do que Rattner (2009) relatou a existência de uma tendência da equipe hospitalar em agendar as cesáreas como uma “linha de produção”, com a finalidade de economizar tempo e produtividade, o que transforma o processo do parto em algo sem qualidade e sem cuidado.

O último elemento de análise relacionado ao vínculo com o bebê menciona a conexão da mãe e o recém nascido no parto natural. Como pode ser observado na fala da E8:

“Sim, querendo ou não no normal você se sente mais conectado com a criança. Na cesárea ele só tiram e te mostram a criança... Você não sente essa conexão... [...]” (E8).

Na comparação descrita pela E8, existe uma diferença relacionada à conexão com o recém nascido entre o parto cesariano e o normal. O que Santos (2020) relata que, de acordo com estudos, é mais indicado o parto natural, pois ele ocorre quando o bebê está pronto para nascer, o tempo de internação da mãe e do bebê é reduzido, aumenta a produção de leite materno e tende a reforçar os laços sentimentais com o bebê de forma mais natural. Todos esses benefícios podem não ocorrer no parto cesárea por conta de seus riscos.

Posteriormente é descrito no Quadro 1 a subcategoria “No sentimento de medo em relação aos partos subsequentes”. Onde é caracterizado “Causam medo” e “Não causam medo” como elementos de análise.

Pode ser observado nas falas a seguir, medo em relação aos partos subsequentes:

“Eu tenho um sonho de ter mais um filho né? Mas que nem eu te disse, eu vou fazer de tudo pra que eu consiga ter o parto normal né? [...] eu ainda não tive a experiência com o parto normal, mas a minha experiência com a cesárea foi meio negativa na verdade” (E4).

“Eu fiquei com muito medo de engravidar de novo. Muito medo por ter que passar pelo parto de novo, sabe? [...] Mas essa experiência me gera medo” (E9).

A experiência negativa de um parto pode impactar nos sentimentos da mulher sobre um futuro parto. De acordo com Henriksen et al. (2017), a mulher que teve essa experiência adversa provavelmente vai apresentar sentimentos de medo e ansiedade por achar que o próximo parto será igualmente ruim.

O medo é identificado também na fala de E6, como pode ser visto a seguir:

“Foi cesárea. Porque eu escolhi cesárea [...] Eu tinha bastante medo do parto normal [...] Não sei porque, mas assim eu achava que eu não ia conseguir” (E6).

Porém, esse sentimento é relacionado ao parto normal, pois na opinião dela ela não seria capaz de passar pelo processo do parto normal. O que, de acordo com Domingues et. al. (2014) que realizou um estudo com mulheres que tinham escolhido

a cesárea e nele revelou que 46,6% tinham medo de não conseguir ter o parto, mostrando que é um pensamento comum entre as mulheres que escolhem a cesárea.

Porém, algumas entrevistadas não demonstraram medo em relação a um futuro parto, mesmo tendo uma experiência negativa em seu último parto.

“Se eu soubesse que ele não era tão grande, parto normal, mas se fosse grande que nem esse aqui, que o médico falou que era grande eu teria cesárea” (E7).

“Eu mudaria... tipo teria um médico que me desse mais atenção né? Se fosse pra ter mais um parto” (E.8).

A fala descrita acima, exhibe a importância da relação médico gestante no momento do parto. Sendo assim, constata-se que não é só o tipo de parto que influencia na experiência positiva ou negativa da mulher em relação ao parto, mas também o estabelecimento de uma relação de respeito e confiança entre a mãe e o médico. E para alcançar essa relação ideal, deduz-se que a equipe hospitalar precisa, segundo Oliveira e Penna (2018, p. 1311) levar em conta a:

“a subjetividade e as necessidades de cada mulher, validar as suas escolhas de forma que elas tenham uma atitude crítica diante das orientações recebidas, sendo capazes de reconhecer os benefícios e os riscos relacionados à opção escolhida como via de parto [...] (OLIVEIRA e PENNA 2018, p. 1311).

As outras consequências do parto identificadas nas entrevistas realizadas foram “sentimentos relacionados ao parto”, “autoestima baixa”, “cicatriz”, “dores”, “limitações de atividades” e “medo de ter acontecido algo de errado na cesárea”.

Sendo assim, no elemento de análise “sentimentos relacionados ao parto”, foram identificados sentimentos positivos, tranquilidade, de estar completa, de gratidão como:

“Me senti tranquila. [...]” (E.7)

“Olha, na verdade, depois que eu vi o neném ali e escutei o primeiro chorinho dele. É... ah é uma coisa assim, sem explicação, porque querendo ou não é uma vida né? Um serzinho ali. Me senti completa” (E5).

“Eu não tenho o que falar, é só agradecer a Deus mesmo, que desde o começo deu tudo certinho” (E5).

A experiência do parto é extremamente marcante na vida da mulher, por conta disso todos os sentimentos e pessoas envolvidas nesse processo, sejam elas boas ou ruins, são lembrados com riqueza de detalhes, segundo Marin et. al (2009). Nas

primeiras três frases podemos caracterizar sentimentos positivos em relação ao parto, onde as mulheres expressam principalmente a alegria de ter o seu bebê e a gratidão do parto ter ocorrido de forma tranquila. O que para Carvalho (2019, p. 132) “o amor e a afeição pelo bebê são destacados por serem os maiores interesses da mãe” que justifica esse sentimento de alegria e gratidão relatados pelas entrevistadas.

E foram identificados negativos como violação, vulnerabilidade, culpa, nervosismo, exaustão, depressivos, de choro e adrenalina relacionados ao parto. Esses sentimentos foram identificados nas falas abaixo:

“Eu me senti violada na hora do parto, porque eu sabia que aquela posição não era a melhor, mas o médico insistia que eu ficasse naquela posição” (E1).

“Então, todos os meus objetivos não foram atingidos porque eu tinha estudado, sabia que aquilo não era o que queria, mas no momento eu estava indefesa” (E1).

“Vou te falar que até hoje quando eu lembro do meu parto eu fico me culpando do porque eu não fui atrás de uma outra profissional para cobrir a agenda da minha médica, talvez eu não tivesse passado por isso sabe?” (E1).

“Bastante choro e adrenalina. Eu perguntei para o Doutor, e ele disse que é por ter tirado o bebê, por conta da cesaria e que não era nada demais” (E2).

“Me senti exausta” (E9).

“Daí a Dra. que me atendeu, falou bem assim ‘Olha, é arriscado a gente deixar nascer normal né?’ ela falou assim, ‘Então, vou te mandar para a cesaria’, e quando ela falou aquilo eu fiquei tão nervosa” (E4).

“Bem assim deprimida digamos né? [...] me senti bem mal quando cheguei, mais ainda por saber que iria ser cesárea né? Eu queria muito parto normal, mas eles não me deram muita escolha” (E8).

Porém, muitas vezes o parto proporciona momentos difíceis, o que faz com que a experiência do parto cause sentimentos negativos nas mães. E, como podemos observar nos relatos, muitas das vezes esses sentimentos foram correlacionados com a equipe hospitalar. Portanto, é importante destacar que a equipe hospitalar deve priorizar o bem estar físico e mental da mulher e do bebê, fornecendo esclarecimento da condição de saúde e os cuidados necessários incluindo fornecer a atenção para evitar esses sentimentos negativos (MESQUITA et. al., 2018).

No que se refere à violação relatada pela E1, pode ser caracterizada como Violência Obstétrica, pois existe violência não só quando se fere os direitos mas

também quando a autonomia da mulher não é respeitada (ZANARDO; et. al., 2016). Em um estudo realizado com 2 mil mulheres, 25% sofreram algum tipo de violência e 23% ouviram falas ofensivas na hora do parto, Diniz et al., (2015 *apud* Assis e Meuer, 2020). A figura do médico é vista, normalmente, como uma autoridade por conta do seu conhecimento, o que faz com que haja uma influência dos médicos na hora de escolher como o processo do parto irá ocorrer. Sendo assim, muitos profissionais utilizam desse poder, para decidir a posição, a necessidade do toque vaginal (que pode ser doloroso), a episiotomia (incisão no períneo) e a manobra de Kristeller (pressão no fundo uterino) e até o tipo de parto, cesárea ou normal (LIMA et. al., 2021).

Em relação à última fala descrita, o sentimento depressivo após o parto é algo comum, tanto que ele foi incluído no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5ª Edição – DSM-V) (2014), como uma variação do Transtorno Depressivo Maior, (ARRAIS, ARAUJO, SCHIAVO, 2018). Sendo seus principais sintomas: sentimentos de inutilidade ou culpa excessiva, que podem ser delirantes, acentuada diminuição do interesse ou prazer; perda ou ganho de peso sem estar fazendo dieta; excesso ou falta de sono; entre outros sintomas, DSM-V (2014). Incluindo a gestação até as quatro primeiras semanas após o parto (ARRAIS, ARAUJO, SCHIAVO, 2018). O mesmo autor cita a existência do Pré-Natal psicológico (PNP), que é uma intervenção grupal realizadas com gestantes, com o propósito de prevenir doenças psíquicas, abrindo um espaço para que essas mulheres possam falar sobre os medos, angústias, alegrias e tristezas.

A autoestima baixa também foi relatada por 5 entrevistadas, como é identificada nas frases a seguir:

“Então você se sente com a autoestima um pouco mais baixa [...] acho que foram os dois/três primeiros meses ali” (E1).

“Influência também um pouco na autoestima né? Porque a gente fica um pouco largada” (E3).

“Em questão da minha autoestima, mexeu bastante [...] Na questão também é o corpo da gente, ele muda totalmente né?” (E4).

“Muda muito, muito, muito, a autoestima também porque querendo ou não a gente muda o corpo da gente né?” (E6).

“A cesárea no caso mexeu bastante com a minha autoestima até hoje [...] no caso a gente olha assim e eu fico meio pra baixo [...] Não é que nem antes né?” (E8).

A autoestima baixa relatada nas frases acima, principalmente, por conta da

mudança corporal provocada pelo processo gestacional e do parto. O que para Galvão et. al. (2019), apesar das mudanças corporais serem normais nesse processo, ocorre uma insatisfação em relação ao corpo, pois ele pode demorar a voltar ao normal ou nunca voltar. Um estudo realizado em São Paulo no ano de 2008, constatou que muitas das mulheres não sabem lidar com essas mudanças corporais, que causam frustração, insatisfação, angústia e sentimento de culpa, podendo levar ao desgaste da relação entre mãe e filho e a autoestima da mulher, (ARAÚJO et al, 2012).

Pelo fato da maioria ter realizado o parto cesariano, muitas caracterizam a cicatriz como uma das consequências do parto.

“Eu tive problemas ali no corte sabe? Então além da cicatriz ela [...] deu um problema na cicatriz [...] Então vai demorar um tempo para ficar, digamos assim normal sabe? Então isso... tipo toda vez que eu olhar ali eu vou lembrar sabe? [...] eu ganhei o corte, aquele quelóide que eles falam sabe?” (E4).

Na parte estética a cicatriz pode causar insatisfação e constrangimento e como consequência afetar as atividades do dia a dia e o convívio social da pessoa, o que mostra a importância do cuidado da equipe hospitalar em relação ao corte feito na cirurgia e à realização do tratamento adequado caso necessário (ALMEIDA, 2020).

As dores pós parto também foram mencionadas nas entrevistas, como pode ser observado nas frases descritas abaixo:

“Porque eu senti muita dor assim, no pós parto. Também não sei se era um pouco psicológico né? Tudo isso né? O que a gente pensa muitas vezes a gente reflete né? no nosso corpo (E6).

“Já tinha passado uma semana e a minha barriga gigantesca, eu tinha muita dor no estômago e eu tinha cefaléia pós raqui... muita, muita dor de cabeça [...] E eu pegava na minha barriga e estava duro, rígido sabe? com muita dor, e que era no meu estômago. [...] Por que no meio desse processo todo, doía a cabeça, doía o peito e a barriga. [...] E até eu tive bastante dor no corte sabe? [...] (E9).

Em uma pesquisa realizada no Canadá, foram entrevistadas 133 mulheres que identificaram a dor como uma das dimensões que mais afetam sua qualidade de vida nas primeiras duas semanas pós-parto. Sobre as dores do parto cesáreo, elas ocorrem principalmente da anestesia e da incisão abdominal, o que, de acordo com Martins (2019, p. 1) “Ambos geraram dor na região de ferida operatória, diminui a movimentação intestinal, aumenta o acúmulo de gases”. Sendo assim, é imprescindível o acompanhamento médico pós-parto, para que a mulher passe por

esse período com mínimo possível de dores e desconfortos e, também, para verificar se a dor não é consequência de algo grave (FIGUEIREDO et. al., 2018).

Seguindo esse raciocínio, foi relatado pelas E6 e E9 o medo de ter acontecido algo de errado na cesárea por conta da dor do pós-operatório. O que exemplifica o fato de que a dor no pós-parto pode causar medo e ansiedade, por não ter conhecimento do que se trata, por partes das mulheres (FIGUEIREDO et. al., 2018).

“Será que está tudo certo comigo? Será que foi bem a cirurgia? Por que eu senti muita dor assim, no pós-parto? (E6).

“E durante essa duas semanas eu tive muito medo de que algo tivesse dado errado na cesárea, muito medo mesmo. [...] Na primeira semana eu tive medo de morrer... tive bastante medo de morrer... (E9).

Por fim, houve também relatos de limitações em relação às atividades que poderiam ser feitas por conta da cesárea.

“Agora, do segundo, foi bem difícil por conta da cesárea e eu tinha que ter ajuda com todo mundo, né? Não podia erguer, não podia isso (E8).

O autor Martins et. al. (2019) pontua que o processo da cesárea, por conta da anestesia e da incisão, tem como consequência a restrição da mobilidade física da mulher, o que, segundo a pesquisa do mesmo autor, não acontece no parto vaginal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do parto pode influenciar em vários pontos referentes à vida da mulher como, no relacionamento conjugal, no vínculo da mãe com o bebê e no sentimento de medo de partos subsequentes. Seja essa influência por conta das mudanças corporais que provocam um sentimento de vergonha em relação ao marido, pelo contato imediato ou não com o bebê após o parto, pelo sentimento de medo ou não em relação a um parto futuro ou até mesmo gerando baixa autoestima, dores, limitações nas atividades, sentimentos bons e ruins o que torna o assunto complexo.

Considerando os dados discutidos, o que foi contado é que a falta de autonomia das mulheres em relação ao parto prejudica o desenvolvimento do parto. Em relação ao relacionamento conjugal ser afetado pela experiência do parto, não foi identificada uma influência nas entrevistas. No que diz respeito ao vínculo da mãe com os recém-nascidos, através da pesquisa, foi verificado que algumas mulheres relataram que por

conta do distanciamento entre eles após o parto houve uma interferência no vínculo, outras apontaram que não.

Houve, também, entrevistadas que relataram o medo em relação aos futuros partos, como consequência do parto. Se tratando da 'qualidade' do parto ser influenciada pelo vínculo do médico com o paciente, foi constatado que em alguns casos houve essa influência. E por fim, houve relatos de violência obstétrica, onde foi constatado que essa experiência influenciou na vida da mulher.

É de suma importância que o tema em questão seja abordado de forma mais constante, considerando a complexidade do assunto e a necessidade de novas pesquisas. Além de fortalecer a ideia de que o objetivo da equipe hospitalar é promover o bem estar da mulher e do recém-nascido no momento do parto e no pós-parto para que a experiência do parto seja o mais agradável possível.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, N. M; SALIM, N. R; GUALDA, D. M. R; SILVA, L. C. F. P. **Corpo e sexualidade na gravidez.** Revista da Escola de Enfermagem da Usp, [S.L.], v. 46, n. 3, p. 552-558, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0080-62342012000300004>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000300004>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ALMEIDA, L. L. F. **Impacto clínico da cicatriz na funcionalidade em mulheres submetidas a cesariana** [manuscrito]. / Laila Lídia Faria Almeida. - Belo Horizonte: 2020. 58 f.: il. Orientador (a): Agnaldo Lopes da Silva Filho. Área de concentração: Saúde da Mulher. Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/38219> Acesso em: 10 nov. 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (Apa), **Manual Diagnóstico e Estatístico De Transtornos Mentais: DSM-V.** 5. ed. Porto Alegre-Rs: American Psychiatric Association (Apa), 2014. 948 p.

ARRAIS, A. R; ARAUJO, T. C. C. F; SCHIAVO, R. A. Fatores de Risco e Proteção Associados à **Depressão Pós-Parto no Pré-Natal Psicológico.** **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 38, n. 4, p. 711-729, out. 2018. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003342016>. Acesso em: 10 nov. 2022.

ASSIS, K. G; MEURER, F. **Repercussões emocionais em mulheres que sofreram violência obstétrica.** **Psicologia Argumento**, [S.L.], v. 39, n. 103, p. 135, 29 out. 2020. Pontificia Universidade Catolica do Parana - PUCPR. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/psicolargum.39.103.AO07>. Acesso em: 10 nov. 2022.

BARBOSA, T. P, BACK, M. L, MUCKE, A. C. **Avaliação De Cesarianas Segundo Classificação De Robson Em Um Município Do Extremo Oeste De Santa Catarina.** Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/30032>. Acesso em: 9 nov. 2022.

BRÜGGEMANN, O. M; PARPINELLI, M. A; OSIS, M. J. D. **Evidências sobre o suporte durante o trabalho de parto:** uma revisão da literatura. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro-RJ, v. 21, n. 5, p. 1316-1327, 03 jun. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2005000500003>. Acesso em: 29 mar. 2022.

CARVALHO, M. T; BENINCASA, M. **Depressão pós-parto e afetos predominantes na gestação, parto e pós-parto.** Interação em Psicologia, v. 23, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/57188/39209> Acesso em: 09 nov. 2022.

DOMINGUES, R. M. S.; M; DIAS, M. A. B; PEREIRA, M. N; TORRES, J. A; D'ORSI, E; PEREIRA, A. P. E; SCHILITZ, A. O. C; LEAL, M. C. **Processo de decisão pelo tipo de parto no Brasil:** da preferência inicial das mulheres à via de parto final. Cadernos de Saúde Pública, ago. 2014. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00105113>. Acesso em: 09 nov. 2022.

DUQUE, Larissa de Medeiros; SILVA, Geisa Sereno Velloso da; SILVA, Jannaína Sther Leite Godinho; ALVES, Manoela; SILVA, Eliara Adelino da; GOMES, Elisângela Nascimento Fernandes. As Repercussões Bio-Psíquicas do Parto Humanizado Sob a Lógica da Mulher. **Revista Pró-Universus**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 15-20, 15 jul. 2021. Semestral. Universidade Severino Sombra.. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rpu.v12i2.2713>. Acesso em: 08 dez. 2022.

FIGUEIREDO, J. V; FIALHO, A. V. M; MENDONÇA, G. M. M; RODRIGUES, D. P; SILVA, L. F. **Pain in the immediate puerperium: nursing care contribution.** Revista Brasileira de Enfermagem, [S.L.], v. 71, n. 3, p. 1343-1350, 2018. Bimestral. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0345>. Acesso em: 09 nov. 2022.

GALVÃO, D. S; RODRIGUES, B. C. L; CARRIL, T. V; JUNIOR, N. R. P. C. M; SIQUEIRA, T. D. A. **PERSPECTIVAS SOBRE A DEPRESSÃO PÓS-PARTO:** uma revisão de literatura.. Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia - Bius - Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - Feff da Universidade Federal do Amazonas - Ufam., [s. l], v. 14, n. 8, p. 1-13, 06 dez. 2019. Mensal. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/article/view/6880>. Acesso em: 09 nov. 2022.

HENRIKSEN, L; GRIMSRUD, E; SCHEI, B; LUKASSE, M. **Factors related to a negative birth experience – A mixed methods study.** Midwifery, [S.L.], v. 51, p. 33-39, ago. 2017. Elsevier BV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.midw.2017.05.004>. Acesso em: 27 out. 2022.

LIMA, K. D; PIMENTEL, C; LYRA, T. M. **Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras.** Ciência & Saúde Coletiva, 2021.

FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.24242019>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MARIN, A. H; DONELLI, T. M. S; LOPES, R.C.S; PICCININI, C. A. **Expectativas e sentimentos de mães solteiras sobre a experiência do parto.** Aletheia. Canoas, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/236325>. Acesso em: 09 nov. 2022.

MARTINS, É. F. **Comparação dos aspectos físico-funcionais e da assistência obstétrica entre mulheres submetidas ao parto vaginal e cesárea.** Orientadora: Vanessa Patrícia Soares de Sousa. 2019. 17 f. Monografia (Especialização) - Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Materno Infantil, Escola Multicampi de Ciências Médicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/45004>. Acesso em: 09 nov. 2022.

MENEZES, F. Z. **Theia levanta R\$ 30 milhões para ampliar alcance dos seus serviços de atendimento à mulher.** 2022. Elaborado por: Latin America Business Stories – LABS. Disponível em: <https://labsnews.com/pt-br/artigos/negocios/theia-levanta-rodada-seed/>. Acesso em: 09 nov. 2022.

MESQUITA, L. M., BEZERRA, E. O., SANTIAGO, L. M. M., CARNEIRO, M. S. M. **Sentimentos e percepções de gestantes sobre o trabalho de parto pré-termo.** ReTEP, 2018 . Disponível em: <http://www.coren-ce.org.br/wp-content/uploads/2019/08/Sentimentos-e-percep%C3%A7%C3%B5es-de-gestantes-sobre-o-trabalho-de-parto-pr%C3%A9-termo.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2022.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE PERNAMBUCO. **Humanização do parto. Nasce o respeito : informações práticas sobre seus direitos.** Assessoria Ministerial de Comunicação Revisão Técnica e Comitê Estadual de Estudos de Mortalidade Materna de Pernambuco. Recife : Procuradoria Geral de Justiça, 2015. Disponível em: <https://www.mppe.mp.br/mppe/attachments/article/4240/cartilha%20humanizacao%20do%20parto%20pdf.pdf>. Acesso em: 05 abril. 2022.

OLIVEIRA, V. J.; PENNA, C. M. M. **Every birth is a story: process of choosing the route of delivery.** Revista Brasileira de Enfermagem , 2018. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0497>. Acesso em: 09 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus tratos durante o parto em instituições de saúde.** Genebra-Suíça, 2015. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/134588/WHO_RHR_14.23_por.pdfAcesso em: 09 nov. 2022.

PESSOA, M.G.P; ALCOFORADO, L.V; RODRIGUES, G; PEREIRA, M.M; **IMPACTO DO PUERPÉRIO NA VIDA SEXUAL DO CASAL: UMA REVISÃO.** p. 51-69 . In: Anais do VIII Congresso Médico Universitário São Camilo. São Paulo: Blucher, 2020. ISSN 2357-7282, DOI 10.5151/comusc2020-05. Acesso em: 09 nov. 2022.

RATTNER, D. **Humanização na atenção a nascimentos e partos:** breve referencial teórico. Interface: COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO, Brasília-Df, v. 13, n. 1, p. 595-602, 17 jun. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832009000500011>. Acesso em: 29 mar. 2022.

RODRIGUES, L. **Cesáreas respondem por 84% dos partos realizados por planos em 2019.** 2021. Elaborado por: Agência Brasil. Disponível em: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-08/cesareas-respondem-por-84-dos-partos-realizados-por-planos-em-2019#:~:text=Dos%20287.166%20partos%20realizados%20atrav%C3%A9s,de%20Sa%C3%BAde%20Suplementar%20\(ANS\)..](https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-08/cesareas-respondem-por-84-dos-partos-realizados-por-planos-em-2019#:~:text=Dos%20287.166%20partos%20realizados%20atrav%C3%A9s,de%20Sa%C3%BAde%20Suplementar%20(ANS)..) Acesso em: 09 nov. 2022.

ROSA, R. D.; MARTINS, F. E.; GASPERI, B. L.; MONTICELLI, M.; SIEBERT, E. R. C.; MARTINS, N. M. **MÃE E FILHO:** os primeiros laços de aproximação. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Florianópolis-Sc, v. 14, n. 1, p. 105-112, mar. 2010. Anual. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/BJW3LfQGmSSS6nhCtdSLFwz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2022.

SANTOS, B.C. M. **O renascimento do parto: proposta de centro de parto normal intra-hospitalar na cidade de Acari/RN.** 2020. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/36772>. Acesso em: 26 out. 2022.

SALIM, N. R.; ARAÚJO, N. M.; GUALDA, D. M. R. **Corpo e sexualidade:** a experiência de um grupo de puérperas. Revista Latino-Americana de Enfermagem, São Paulo-Sp, v. 18, n. 4, p. 1-8, ago. 2010. Anual. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692010000400011> Acesso em: 08 nov. 2022.

ZANARDO, G. L. P ; URIBE, M. C ; NADAL, A.H. R; HABIGZANG, L. F. **VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL:** uma revisão narrativa. Psicologia & Sociedade, Porto Alegre-Rs, v. 29, p. 1-11, 09 out. 2017. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29155043>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Capítulo 9
INFLUÊNCIA DOS BICOS ARTIFICIAIS NO ALEITAMENTO
MATERNO EXCLUSIVO

Ana Paula Alves da Silva

Erik David Alves Tomaz

Fabiana Rodrigues de Oliveira Melo

Clarissa Bezerra de Santana

Paula Tanonaka Taira

Janaina Dias Casseb

Lindomi Oliveira de Souza Junior

Rebeca Barreira Veleda

Maria Elisa Soares dos Anjos

Luciana Costa Serra Braga

INFLUÊNCIA DOS BICOS ARTIFICIAIS NO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO

Ana Paula Alves da Silva

Graduanda Medicina

Erik David Alves Tomaz

Graduando Medicina

Fabiana Rodrigues de Oliveira Melo

Graduanda Medicina

Clarissa Bezerra de Santana

Médica

Paula Tanonaka Taira

Graduanda Medicina

Janaina Dias Casseb

Graduanda Medicina

Lindomi Oliveira de Souza Junior

Graduando Medicina

Rebeca Barreira Velda

Graduanda Medicina

Maria Elisa Soares dos Anjos

Graduanda Medicina

Luciana Costa Serra Braga

Graduanda Medicina

RESUMO

O aleitamento materno é um ato universal, contudo, pode ocorrer de forma diversificada e sofre influência de diversos fatores do contexto sociocultural da mulher e da criança. Um fator externo fortemente influenciável e muito prevalente que pode corroborar para a interrupção do AME é o uso de bicos artificiais, como chupetas e mamadeiras, que são de fácil acesso econômico e geográfico e muito ofertado aos lactentes. A confusão de bicos configura-se como um risco que o neonato está exposto ao utilizar chupetas, mamadeiras ou protetores mamilares, pois estes pode influenciar negativamente o aleitamento materno exclusivo, ocasionando um desmame precoce. O objetivo desse estudo é investigar como os bicos artificiais interferem no Aleitamento Materno Exclusivo. Trata-se de um estudo descritivo de cunho reflexivo, fundamentado nas evidências científicas publicadas nas bases de dados MEDLINE e LILACS, indexadas na Biblioteca Virtual em Saúde, cuja busca ocorreu no período de agosto de 2023 por meio da estratégia de busca. As palavras-chave utilizadas foram qualidade de vida, estudantes de enfermagem e avaliação em saúde. Em relação ao uso de bicos artificiais na infância, deve-se orientar aos pais sobre os riscos de usar, bem como tentar reduzir seu uso, pois geram alterações bucais, repercutindo no crescimento e no desenvolvimento da criança. E ressaltar que não há necessidades para seu uso, e que existe métodos para acalmar a criança em questão do choro, e alimentação, antes de optar por um bico artificial.

Palavras-chave: Aleitamento Materno; Alimentação Artificial; Enfermagem.

ABSTRACT

Breastfeeding is a universal act, however, it can occur in different ways and is influenced by different factors in the sociocultural context of the woman and the child. A strongly influenceable and very prevalent external factor that can contribute to the interruption of EBF is the use of artificial teats, such as pacifiers and bottles, which are easily accessible economically and geographically and are widely offered to infants. Nipple confusion is a risk that newborns are exposed to when using pacifiers, bottles or nipple shields, as these can negatively influence exclusive breastfeeding, leading to early weaning. The objective of this study is to investigate how artificial nipples interfere with Exclusive Breastfeeding. This is a descriptive study of a reflective nature, based on scientific evidence published in the MEDLINE and LILACS databases, indexed in the Virtual Health Library, whose search took place in the period of August 2023 through the search strategy. The keywords used were quality of life, nursing students and health assessment. Regarding the use of artificial nipples in childhood, parents should be advised about the risks of using them, as well as trying to reduce their use, as they generate oral changes, impacting the child's growth and development. It should be noted that there is no need for its use, and that there are methods to calm the child when it comes to crying and feeding, before opting for an artificial nipple.

Keywords: Breastfeeding; Artificial Feeding; Nursing.

INTRODUÇÃO

O aleitamento materno de modo geral é a maneira na qual a mãe fornece ao filho os nutrientes necessários para o crescimento e desenvolvimento saudáveis,

promove um melhor estado de saúde geral da criança, reduz o risco de infecções e de mortalidade, principalmente, no primeiro ano de vida, além de fortalecer o vínculo entre mãe-filho. O aleitamento materno pode ser classificado em 4 tipos, que são: o aleitamento materno exclusivo (AME), que é definido quando a criança recebe apenas o leite materno, ordenhado ou direto da mama; o predominante, quando a criança recebe além do leite materno, água ou bebidas à base de água; o complementado que se dá quando a criança recebe o leite materno e alimentos sólidos ou semissólidos com a finalidade de complementá-lo; e o aleitamento misto ou parcial que envolve o consumo de leite materno junto com outros tipos de leite (BRASIL, 2015).

A amamentação exclusiva é considerada o padrão-ouro na alimentação infantil, e quando mantida até os seis meses de vida, confere benefícios incontestáveis para o binômio mãe-filho, a família e a sociedade (ZIMMERMAN, 2018). Estes benefícios são comprovados por diversos estudos científicos, pois o AME tem um grande valor nutricional, proteção imunológica que promove um menor risco de contaminação, ou seja, contribui para a redução da morbimortalidade infantil, principalmente em relação à diarreia que já foi uma das principais causadoras de morte infantil, além de proteger contra as infecções respiratórias e de muitas outras doenças futuras, tais como o excesso de peso e o diabetes mellitus (VICTORA *et al.*, 2016).

O aleitamento materno é um ato universal, contudo a forma que acontece sua prática é diversificada e sofre influência de diversos contextos socioculturais (MARTINS *et al.*, 2020). É observado entre muitas mães a interferência de alguns fatores na prática da amamentação, como aspectos socioeconômicos, maternos, neonatais e as crenças e os costumes culturais transmitidos entre as gerações, os quais podem influenciar o aleitamento materno de forma inadequada ou mesmo o desmame precoce (MARTINS *et al.*, 2020).

Um fator externo fortemente influenciável e muito prevalente que pode corroborar para a interrupção do AME é o uso de bicos artificiais, como chupetas e mamadeiras, que são de fácil acesso econômico e geográfico e muito ofertado aos lactentes (ROCHA *et al.*, 2020). Um dos efeitos relevantes do uso de bicos artificiais em componentes neonatais é a alteração da pega e da sucção, onde podemos citar a confusão de bicos, situação em que o padrão de sucção do neonato é modificado em razão das propriedades dos bicos (rigidez e formato do bico e da base), com isso a

criança pode perder o interesse em sugar o peito, uma vez que demanda maior esforço quando comparado à sucção dos demais bicos (ZIMMERMAN, 2018).

Sendo assim, a confusão de bicos configura-se como um risco que o neonato está exposto ao utilizar chupetas, mamadeiras ou protetores mamilares, pois estes acabam influenciando negativamente o aleitamento materno exclusivo e favorecendo a ocorrência do desmame precoce. Destarte, é necessário a realização desse estudo, visto que o Brasil é um dos países que AME está sendo reduzido, sabe-se que a oferta de bicos artificiais tem influência para o desmame precoce e/ou diminuição do tempo de duração do AM, contudo, se apresenta a necessidade de elucidar e discutir os aspectos e mecanismos por meio do qual essa interferência ocorre. O presente trabalho tem como objetivo de investigar como os bicos artificiais interferem no Aleitamento Materno Exclusivo.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo de cunho reflexivo, fundamentado nas evidências científicas publicadas nas bases de dados MEDLINE e LILACS, indexadas na Biblioteca Virtual em Saúde, cuja busca ocorreu no período de agosto de 2023 por meio da estratégia de busca. As palavras-chave utilizadas foram qualidade de vida, estudantes de enfermagem e avaliação em saúde.

Identificaram-se 120 estudos. Em seguida para seleção e análise dos estudos que compuseram a amostra final contou-se como critério de inclusão estudos completo, tempo de estudo de 5 anos e que envolvem somente acadêmicos de enfermagem. Foram selecionados 20 artigos, para uma melhor análise foi construído um quadro sinóptico com os trabalhos encontrados.

Após a análise dos artigos e documentos selecionados, estabeleceu-se uma reflexão centrada em dois temas centrais: Como conciliar a pressão de uma universidade de enfermagem e manter uma qualidade de vida e a valorização do bem-estar dos estudantes ainda na academia como responsabilidade da instituição de ensino superior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Aleitamento Materno

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) a amamentação deve iniciar ainda na sala de parto na primeira hora de vida, ser mantida na forma de aleitamento materno exclusivo (AME) sem adicionar qualquer tipo de alimento nos primeiros 6 meses de vida, e, a partir de então, introduzir a alimentação complementar adequada, mantendo-se também o aleitamento materno (AM) por 2 anos ou mais (WHO, 2017).

O leite materno é o alimento mais adequado para promover o desenvolvimento e crescimento eficaz da criança. A Organização Mundial da Saúde (OMS) juntamente com o Ministério da Saúde recomenda que ele deve ser ofertado de forma exclusiva nos seis primeiros meses de vida da criança e sob livre demanda. Sendo que após esse período o aleitamento materno poderá ser complementado com outros tipos de alimentos até os dois anos de idade ou mais (BRASIL, 2015).

A lactação é um processo diferenciado e extraordinário. A síntese e a secreção do leite são processos bioquímicos e neuroendócrinos complexos sob controle hormonal e envolvem os terminais sensíveis da aréola e do mamilo. A lactação é o resultado direto e natural da gravidez e do nascimento e parte integrante do processo reprodutivo que beneficia mãe e filho simultaneamente, favorecendo boas condições de saúde física e emocional para a mãe lactante, que se estenderão para a sua vida futura (CIAMPO; CIAMPO, 2018).

O aleitamento materno é dividido em diversos tipos: Aleitamento Materno Exclusivo, é quando a criança recebe somente o leite materno (direto da mama ou ordenhado), ou leite humano de outra fonte, sem outros líquidos ou sólidos (com exceção de gotas ou xaropes contendo vitaminas, sais de reidratação oral, suplementos minerais ou medicamentos). Esse tipo de aleitamento é indicado até os 6 meses de vida do bebê. No Aleitamento Materno, a criança recebe leite materno diretamente da mama ou ordenhado, ou leite humano de outra fonte, independentemente de receber ou não outros alimentos. O aleitamento materno misto ou parcial, é configurado quando a criança recebe leite humano e outros tipos de leite (BRASIL, 2015).

Existe também Aleitamento Materno Complementado, que se configura quando além de leite humano, é ofertado qualquer alimento sólido ou semissólido, com a finalidade de complementá-lo, e não substituí-lo. Nessa categoria, a criança pode

receber além do leite humano, outro tipo de leite, mas este não é considerado alimento complementar. Alimento Complementar é qualquer alimento sólido ou semissólido, fabricado ou preparado, próprio para uso como complemento do leite materno, quando esse torna-se insuficiente para satisfazer as necessidades nutricionais dos lactentes (BRASIL, 2015).

A OMS defende que promover e apoiar o aleitamento materno é uma das prioridades da saúde pública. No Brasil, existem meios que buscam fortalecer a prática da amamentação e que utilizam a Estratégia Saúde da Família, através do pré-natal e da puericultura, para efetivar suas ações, bem como usam a atenção secundária, através das condutas realizadas na maternidade, para concretizarem tal objetivo (BRASIL, 2015).

A atuação do profissional de saúde desde o pré-natal é importante para fornecer as orientações sobre a amamentação, principalmente se as mães forem primíparas, para explicar que durante este processo podem ocorrer algumas dificuldades (BRASIL, 2015). O profissional de saúde que visa fortalecer a prática do AME, necessita ultrapassar os muros da Unidade Básica de Saúde e conhecer a realidade das mães e assim promover de modo a imergir nas suas práticas de cuidado e apoiá-las nas dificuldades do ato de amamentar (MARTINS *et al.*, 2020).

No entanto, verifica-se baixa adesão ao AME em países de baixa e média renda, com somente 37% das crianças com menos de seis meses em amamentação exclusiva (VICTORA *et al.*, 2016). No Brasil, há início do aleitamento materno (AM), porém, após o primeiro mês de vida da criança ocorre abandono em mais da metade dessa população (PEREIRA *et al.*, 2017). Desde 2006 há estabilização dos indicadores de AM no Brasil, sendo, AME em menores de seis meses de vida, 36,6%, e AM em menores de dois anos, 52,1% (BOCCOLINI *et al.*, 2017).

A atuação do profissional de saúde desde o pré-natal é importante para fornecer as orientações sobre a amamentação, principalmente se as mães forem primíparas, para explicar que durante este processo podem ocorrer algumas dificuldades (BRASIL, 2015). O profissional de saúde que visa fortalecer a prática do AME, necessita ultrapassar os muros da Unidade Básica de Saúde e conhecer a realidade das mães quilombolas, de modo a imergir nas suas práticas de cuidado e apoiá-las nas dificuldades do ato de amamentar (MARTINS *et al.*, 2020).

Políticas e Programas para a Promoção do Aleitamento Materno

Em 1981 nasceu sob a forma do “Programa de Incentivo ao Aleitamento Materno”, a comunidade científica que reconheceu a superioridade do leite humano, iniciando as campanhas em prol do aleitamento com artistas famosos, onde o público começa a aderir à sua prática, pois suas ações são principalmente baseadas na promoção do aleitamento materno. Mas apenas em 2010 foi que ocorreu a pactuação da Política Nacional de Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno no Brasil, com o objetivo de articular e integrar ações, potencializando seu impacto como estratégia na linha de cuidado, além do alinhamento aos princípios e diretrizes do SUS, a fim de garantir o direito das crianças, suas mães e famílias à amamentação exclusiva nos primeiros 6 meses de vida e continuado até os 2 anos de vida ou mais, seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e Ministério da Saúde (MS). (BRASIL, 2017).

Diante da necessidade e relevância do AM diversas intervenções visando à promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno vêm sendo implementadas, muitas delas normatizadas e implementadas nas ações do SUS. Sendo a Política Nacional de Aleitamento Materno uma das principais, onde atualmente está organizada em seis estratégias centrais: Rede Amamenta Brasil; Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (Rede BLH-BR); Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC); Proteção Legal ao Aleitamento Materno; Monitoramento dos Indicadores de Aleitamento Materno e Mobilização Social (ALENCAR, 2008).

A Rede Amamenta Brasil, foi criada em 2008, no qual se propõe por meio de revisão e supervisão do processo de trabalho interdisciplinar nas unidades básicas de saúde (UBS), trabalhando com pilares de sustentação de tutores, profissionais com experiência em aleitamento materno preparados para utilizarem referenciais da educação crítico-reflexiva no ensino e aprendizagem do aleitamento materno em oficinas com duração de 40 horas, realizando além do acompanhamento o auxílio as equipes na implementação das ações pactuadas em prol da amamentação e no monitoramento dos índices de aleitamento materno da população atendida (ALENCAR, 2008).

Já no ambiente hospitalar, duas iniciativas foram desenvolvidas contribuindo para aumentar os índices de AM: a Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC) e o Método Canguru. A IHAC tem como objetivo resgatar o direito da mulher de aprender

e praticar a amamentação com sucesso por meio de mudanças nas rotinas nas maternidades para o cumprimento dos Dez Passos para o Sucesso do Aleitamento Materno. Já em relação ao Método Canguru é um modelo de assistência perinatal voltado para o cuidado humanizado do recém-nascido de baixo peso, que além de promover maior vínculo entre mãe e filho, influencia positivamente as taxas de aleitamento materno nessa população (BRASIL, 2009).

Com relação à proteção legal ao aleitamento materno, o Brasil foi um dos primeiros países a adotar o Código Internacional de Substitutos do Leite Materno na sua totalidade. A partir do Código, criou-se a Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes, em 1988. E em 2006, a partir da norma foi criada a Lei 11.625, que regulamenta a promoção comercial e dá orientações do uso apropriado de alimentos para crianças de até três anos (ARAUJO, *et al.*, 2006).

Uma conquista muito relevante para o apoio e promoção do aleitamento materno exclusivo foi a ampliação da licença maternidade de quatro meses para seis meses e a estimulação da criação de Salas de Apoio à Amamentação nas empresas, que possibilitam que a mulher trabalhadora possa coletar seu leite e armazená-lo com segurança durante a jornada de trabalho, para que seja oferecido ao bebê durante sua ausência (ARAUJO, *et al.*, 2006).

Entre as ações de mobilização social realizadas, desde 1992 é comemorada a Semana Mundial de Amamentação, com a participação da mídia e de diversos segmentos da sociedade. Em 2003 instituiu-se o Dia Nacional de Doação de Leite Humano. A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, em parceria com o Ministério da Saúde, criou o Projeto Carteiro Amigo, que incentiva o aleitamento materno em cerca de 500 municípios (SOUZA; SANTO; GIUGLIANI, 2017).

Entre os profissionais da ESF o enfermeiro é o profissional mais preparado para lidar e direcionar uma demanda diversificada, principalmente quando se tratar de questões de ordem da mulher nutriz, pois esse profissional deve ser capaz de identificar e oportunizar momentos educativos, de apoio, facilitando assim o processo de amamentação. É preciso disponibilidade para ouvir essas mulheres, afim de que ela conte suas experiências anteriores, suas crenças e mitos que sem dúvida são fatores relevantes para o futuro da próxima amamentação. Este tem sido um dos papéis fundamentais que o enfermeiro tem poder de exercer e conseguir sucesso no seu território (AMORIM; ANDRADE, 2009).

A promoção, a proteção e o apoio à prática desse aleitamento é uma das linhas de cuidado definidas pela Agenda de Compromissos para a Saúde Integral da Criança e Redução da Mortalidade Infantil. Assim, a consulta de enfermagem voltada à criança tem como objetivo a promoção, proteção e reabilitação da saúde, utilizando como eixo norteador da atenção o crescimento e o desenvolvimento, a proteção e o incentivo ao aleitamento materno exclusivo. (MONTESCHIO; GAÍVA; MOREIRA, 2015).

Benefícios e fatores que promovem o Aleitamento Materno Exclusivo

O aleitamento materno é a estratégia isolada que mais previne mortes infantis, além de promover a saúde física, mental e psíquica da criança e da mulher que amamenta. O leite humano contém água em quantidade suficiente; proteína e gordura mais adequados para a criança, além de vitaminas em quantidades suficientes, dispensando o uso de suplementos vitamínicos, de água, ou qualquer tipo de alimento até os 6 meses, protegendo contra alergias e infecções, especialmente as diarreias, favorecendo o crescimento e desenvolvimento da criança (AZEVEDO *et al.*, 2015).

Há inúmeras evidências disponíveis sobre os benefícios do AM, especialmente diminuindo a morbimortalidade infantil, ao se associar com menos episódios de diarreias, infecções respiratórias agudas e outras enfermidades infectocontagiosas. Dessa forma, estima-se que o AM poderia prevenir 13% de todas as mortes por doenças evitáveis em crianças com idade inferior a 5 anos em todo o mundo (SANKAR *et al.*, 2015; CASTELLOTTE *et al.*, 2011; BOCCOLINI, 2012).

Quando a criança está em processo de amamentação, ela realiza exercícios para retirar o leite da mama, sendo muito importante para o desenvolvimento adequado de sua cavidade oral, pois este movimento propicia uma melhor conformação do palato duro, o que é fundamental para o alinhamento correto dos dentes e uma boa oclusão dentária (BRASIL, 2015).

Para a mulher, favorece a liberação de ocitocina e tem efeito protetor nos transtornos do estado de ânimo materno, ou seja, favorece a mulher um bem-estar, evitando transtornos mentais muito propício nesse período. Além disso a amamentação é um fator protetor contra a hemorragia pós-parto, que é uma das principais causas de mortalidade materna no mundo, apresenta também a amenorreia lactacional, diminuição de risco de desenvolver diabetes tipo 2, cânceres de ovário e de mama e favorece para perda peso mais rápido (MORAES, 2020).

O leite materno é um alimento natural e muito benéfico, além de possuir sustentabilidade ambiental, produzido e entregue diretamente ao lactente sem causar poluição, sem embalagens desnecessárias nem desperdícios. Dessa forma, a amamentação promove benefícios de ordem econômica, tanto diretos, quando são considerados os custos com os substitutos do leite materno e com mamadeira, quanto indiretos, no caso dos gastos decorrentes do tratamento de doenças como a diarreia, doenças respiratórias e alergias, que acometem com maior frequência as crianças que não são amamentadas de forma exclusiva (BRASIL, 2015; ROLLINS *et al.*, 2016).

É perceptível os inúmeros benefícios do aleitamento materno tanto para mãe como para o filho, sendo esse momento envolvido por muitos fatores que podem favorecer e promover a amamentação, dentre eles podemos destacar o desejo da mulher de amamentar, apoio do cônjuge e familiares, o grau de escolaridade da mulher, situação socioeconômica, experiências com gestações anteriores, tipo de parto, RN mamar na primeira hora de vida, conhecimento sobre os benefícios que o AM traz para o binômio mãe-filho, conhecimento sobre a ordenha e o armazenamento do leite humano na geladeira de casa, direitos trabalhistas como licença maternidade e uma hora a menos na carga horária diária de trabalho para amamentar (JUNGES *et al.*, 2010; TAVARES, 2016; SANTIAGO; RICARDINO; VIEIRA, 2012).

Fatores como primiparidade, conhecimento sobre aleitamento materno, atitudes positivas em relação ao aleitamento materno, apoio do pai do bebê, experiências prévias de aleitamento, suporte social, participação em grupos e consultas de pré-natal, planejamento da gravidez atual, melhor nível educacional e sentimentos de autoconfiança para com o aleitamento foram citados como importantes fatores positivamente associados com a intenção de amamentar em estudos realizados em diversas partes do mundo (DONATH; AMIR; ALSPAC, 2007; NOMMSEN-RIVERS *et al.*, 2010; DIAZ; GARCIA, 2010).

O apoio familiar é essencial para que a mulher consiga amamentar, pois a família e sua rotina servem de amparo para a mãe se tranquilizar e passar ao bebê tranquilidade e assim poder realizar a amamentação e os cuidados necessários no seu dia a dia. O apoio da família e dos profissionais da saúde facilita para que a mulher consiga ter conhecimento, para se sentir determinada e segura como mãe, mostrando que ela, assim como a criança, está num processo de mudanças e inovação (JUNGES *et al.*, 2010)

Em um estudo realizado por Junges *et al.*, (2010) sobre as Percepções de puérperas quanto aos fatores que influenciam o aleitamento materno, 100% das mulheres apontaram que a realização do pré-natal apresenta um aspecto positivo sobre a promoção do AM. No entanto, apenas 60% delas receberam orientações acerca do aleitamento materno durante o período gestacional. Esse dado é relevante, tendo em vista que as atribuições do profissional da saúde durante o pré-natal, contribui para o preparo da mulher em relação a prática do aleitamento.

O aleitamento materno na primeira hora de vida do neonato também é um fator muito importante para permanência do AM é mediante os dados obtidos por Oddy (2013) essa prática envolve importantes fatores correlacionados com a prevenção da mortalidade neonatal, pois amostras populacionais de 67 países, descrevem que a prática do aleitamento materno na primeira hora de vida foi significativa e inversamente proporcional à mortalidade neonatal.

Embora existam recomendações internacionais e políticas públicas instituídas no sentido de tornar os cuidados mais favoráveis ao AM nas primeiras horas de vida, ainda muitas barreiras culturais e institucionais precisam ser enfrentadas para que essa prática se torne rotineira. O parto por cesariana está relacionado e apontado com início tardio da amamentação, ou seja, o parto normal é considerando um fator positivo para início da amamentação e sua permanência (ESTEVEVES, 2014).

Outro fator altamente relevante para manutenção do aleitamento materno e a permeância do AME é o direito das mães que trabalham e que amamentam nos primeiros seis meses de ter duas pausas, de ½ hora cada uma, para amamentar, ou a sair 1 hora mais cedo do trabalho, além da licença maternidade de 180 dias. definida pela lei CLT art. 396. O conhecimento a respeito desse direito é muito importante, sendo uma informação que os pais podem receber durante o pré-natal ou puericultura (SANTIAGO; RICARDINO; VIEIRA; 2012).

Fatores que influenciam o binômio mãe-filho e desencadeiam o desmame precoce

O desmame precoce está associado a diversos fatores neonatais e maternos, entre eles encontra-se os fatores culturais, sociais e patológicos, tais como a ideia de que o leite não é suficiente, fraco, além mães que precisam trabalhar e acabam

oferecendo completo e as fissuras mamárias, ingurgitamento, mastite e outros (PEDROSA; SILVA; MUNIZ, 2016; PRATES *et al.*, 2016; MARTINS *et al.*, 2020).

De fato, a fissura mamária é um importante problema que pode surgir durante o processo da amamentação e provocar desestímulo para sua continuação. A fissura mamária seria uma lesão no mamilo devido pega incorreta do lactente, em que a mãe sente desconforto ao fornecer a mama a criança, modificando aquele momento que deveria ser de alegria, para algo com aflição e medo (PEDROSA; SILVA; MUNIZ, 2016).

O ingurgitamento consiste na retenção de leite, em que pode ocorrer devido ao esvaziamento incorreto da mama, que provoca da estase láctea. Esse ingurgitamento pode proporcionar edema das mamas, aumentando seu tamanho, no qual pode prejudicar o manejo correto na pega e posicionamento no momento da amamentação, além de provocar dor e alterações na temperatura. Assim, se não tratado de forma correta, esta dificuldade pode provocar outro problema, conhecido como mastite (PEDROSA; SILVA; MUNIZ, 2016).

A mastite lactacional é um processo inflamatório das mamas, que pode ou não ser acompanhada por infecção. Como já citado, um dos fatores para sua ocorrência é a estase do leite materno em conjunto com a fissura, que se torna porta de entrada para microrganismo, provocando assim uma inflamação nesta região. A mastite provoca vermelhidão na mama, desconforto físico, como dores, edema, interferindo na ação da amamentação, provocando o desmame precoce (VIDUEDO *et al.*, 2015).

Em um estudo realizado no sul do Brasil com mães que não tinham realizado o AME até os 6 meses, quando questionadas sobre amamentação, referiram motivos variados para o desmame precoce, entre eles as crenças da ausência de leite, leite fraco ou pouco leite, de que o leite materno não era suficiente para alimentar uma criança, ou relato que o leite secou/acabou. São fatores culturalmente, utilizada como razão para o insucesso com a amamentação (PRATES *et al.*, 2016).

Em uma comunidade quilombola na Bahia, as mães não realizam AME, nos primeiros dias dos recém-nascidos e já introduzem algum complemento, como os engrossantes e papinhas, pois culturalmente acreditam que o leite materno não é suficiente para matar a fome do seu bebê. Ressaltando em suas falas que quando elas davam papinhas ou mingau, a criança ficava satisfeita, parava de chorar e dormia (MARTINS, 2014).

Também se identificou o costume popular de ofertar chás para as crianças nos seus primeiros dias quando chega ao domicílio para a limpeza do seu organismo, além de manter essa prática com preparos caseiros usando ervas medicinais, nas quais são atribuídas o poder de cura, diminuição de desconforto e choro das crianças (MORAIS, 2013).

O apoio paternal está associado diretamente a uma amamentação exclusiva com sucesso, ou seja caso esse apoio não seja favorável, ele acaba influenciando para a interrupção do aleitamento materno, o estudo de Gonçalves (2019), evidencia que os fatores etiológicos paternos, podem influenciar e determinar o diagnóstico Amamentação interrompida, entre os quais destaca-se crenças dos homens-pai, os quais relataram acreditar que o seu filho precisava de água, chá ou leite artificial para complementar o aleitamento materno, ou sejam acabam incentivando esse complemento, além de acharem que a forma mais adequada de alimentar o seu filho seria através da mamadeira, fator que aumenta o risco de ocorrer o diagnóstico de enfermagem Amamentação interrompida.

O trabalho materno também está associado a permanência do aleitamento materno, comparando-se o aleitamento materno exclusivo, nas diferentes categorias de trabalho materno, observou-se que as mães que trabalham fora de casa interrompem o aleitamento materno exclusivo mais precocemente do que as demais. As mães que possuem um trabalho remunerado dentro de casa ou as que não trabalham amamentam de forma exclusiva seus filhos até o sexto mês com uma prevalência de 21,9%, superior em comparação as mães que não trabalham fora de casa (BRECAILO, 2010).

De acordo com Martins *et al.*, (2020), um dos principais fatores que interferem na efetivação do AME e do desmame precoce, são as crenças e costumes intergeracionais, mesmo, muitas mulheres tendo outros meios de informações acerca da relevância do aleitamento materno, elas prezam pelos ensinamentos das matriarcas ao amamentar seus filhos, mantendo suas tradições e costumes, que são passados entre gerações. De acordo com Takemoto (2011) as culturas familiares interferem negativamente no processo de aleitamento exclusivo, mitos, crenças e tabus enraizados são trazidos por mães e avós por suas experiências anteriores, havendo um enorme peso na continuidade desta prática, principalmente a cultura que o leite do peito não é suficiente, contribuindo para não realização do AME.

A falta de conhecimento acerca da relevância e de como realizar a amamentação, é um dos principais indicadores responsáveis pelo desmame precoce, sendo essencial a orientação dada pela equipe de enfermagem, uma vez que tem grande influência na tomada de decisão de amamentar ou não, assim o enfermeiro deve portar de sabedoria teórica, prática e humanizada, pois acima de tudo deve se entender as possibilidades, as necessidades e o emocional, das mulheres (QUIRINO, 2011).

No tocante às repercussões relacionadas ao uso de bicos artificiais na amamentação inerentes ao neonato, essa revisão apontou aspectos relacionados desde a pega incorreta até alterações anatômicas a longo prazo.

O uso de bicos artificiais pode modificar ou influenciar de alguma forma a amamentação exclusiva, podendo alterar a pega e a sucção. Além disso eles costumam citar a confusão de bicos, uma situação em que o padrão de sucção do neonato é modificado em razão das propriedades dos bicos, ou seja, criança pode perder o interesse em sugar o peito, o que demanda maior esforço que a madeira ou a chupeta, esse aspecto de confusão não está bem elucidado e comprovado (ZIMMERMAN, 2018). Sendo assim, a confusão de bicos configura-se como um risco a que o neonato está exposto ao utilizar chupetas, mamadeiras ou protetores mamilares.

Apesar disso, a chupeta é útil no condicionamento e transição de recém-nascidos prematuros, da nutrição enteral ou por gavagem para a alimentação oral durante hospitalização em Unidades de Terapia Intensiva, mas essa é uma exceção que favorece o neonato (GRASSI *et al.*, 2016).

Alguns estudos mostram que o resultado do uso de bicos artificiais possui influência negativa na Interrupção do AME e no desmame precoce. Mesmo sabendo dessa influência, é necessário que o desejo da mulher em amamentar precisa ser pontuado, pois essa vontade ou não determina o sucesso da amamentação exclusiva. Também é preciso considerar que o sucesso da amamentação depende de vários fatores, incluindo fatores sociodemográficos, biofísicos e psicossociais (HERMANSON, ASTRAND, 2020).

A literatura também mostra fatores relacionados às mães em consequência ao uso de bicos artificiais, como a incidência de dor, fissura mamilar, frustração e redução da interação com seu filho. A dor mamilar está relacionada aos traumas e infecções sofridos na mama, como a candidíase, e a fissura mamilar. Em face disso, atesta-se

que o uso de chupeta e mamadeira está associado a um maior índice de lesões mamilares, pelo potencial em alterar o padrão de sucção e interferir na pega da criança à mama materna (SOUSA *et al.*, 2015).

Diante do exposto, pode-se afirmar que amamentar não resulta somente de conhecimentos sobre benefícios e técnicas corretas, ou de decisão prévia, mas também das relações da mulher com sua rede social. Diante desses aspectos, torna-se fundamental que a mulher disponha de apoio da rede primária e de pessoas que lhes auxiliem nas tarefas domésticas e no cuidado com a criança (TAYLOR, SCOTT, CONNOR, 2016).

CONCLUSÃO

De acordo com a literatura analisada, fica evidente a importância da equipe de Enfermagem em todo esse processo de acompanhamento da gestante, desde o pré-natal até o momento do pós-parto, utilizando artifícios considerados fundamentais no momento da amamentação, a comunicação efetiva assim como a educação em saúde são companheiros essenciais de toda equipe, e faz com que todo esse processo ocorra de forma natural.

Promover a amamentação é essencial para uma melhor qualidade de vida e vínculo de mãe e filho, deve fazer parte desde o pré-natal odontológico, nascimento, e em consultas de rotina. Para isso, são necessários profissionais capacitados que possam reforçar os benefícios da amamentação, durante esses momentos, principalmente, em questão da redução de inúmeras infecções, doenças e da mortalidade infantil. Favorecendo o crescimento e desenvolvimento craniofacial de forma harmônica, contribuindo na respiração nasal e na prevenção de hábitos deletérios. Já que aconselhar não significa dizer que a mãe tem que amamentar, é saber ouvi-la, entendê-la, ajudá-la a tomar a decisão correta. Em relação ao uso de bicos artificiais na infância, deve-se orientar aos pais sobre os riscos de usar, bem como tentar reduzir seu uso, pois geram alterações bucais, repercutindo no crescimento e no desenvolvimento da criança. E ressaltar que não há necessidades para seu uso, e que existe métodos para acalmar a criança em questão do choro, e alimentação, antes de optar por um bico artificial.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M, M.; ANDRADE, E. R. Atuação do enfermeiro no PSF sobre aleitamento materno. **Revista Perspectivas online**, [S.L.], v. 3, n. 9, p. 93-110, 2009.
- ALENCAR S.M.S. A Política Nacional de Aleitamento Materno. In: O aleitamento materno no contexto atual. **Políticas, práticas e bases científicas**. São Paulo: Sarvier, p. 70-101, 2008.
- ARAUJO, M. F. M de.; REA M. F.; PINHEIRO, K. A; SCHMITZ, B. A. S. Avanços na norma brasileira de comercialização de alimentos para idade infantil. **Revista de Saúde Pública**, [S.L.],v. 40, n. 3, p. 513-520, 2006.
- AZEVEDO, A. R. R.; ALVES V. H.; SOUZA R. M. P.; RODRIGUES, D. P. R *et al.* O manejo clínico da amamentação: saberes dos enfermeiros. **Escola Anna Nery**, Niterói, v.19, n,3, p. 439-445, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **A Iniciativa Hospital amigo da Criança no Brasil: histórico, situação atual, ações e perspectivas**. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=1460. Acesso em: 16 set 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: **aleitamento materno e alimentação complementar**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
- BOCCOLINI C. S.; BOCCOLINI P. M. M.; MONTEIRO F. R.; VENÂNCIO S. I.; GIUGLIANI E. R. J. Breastfeeding indicators trends in Brazil for three decades. **Revista de Saúde Pública**, [S.L.], v. 51, p. 108, 27 dez. 2017.
- BRECAILO M. K.; CORSO A. C. T.; ALMEIDA C. C. B.; SCHMITZ B. A. S. Fatores associados ao aleitamento materno exclusivo em Guarapuava, Paraná. **Revista de Nutrição**, [S.L.], v. 23, n. 4, p. 553-563, 2010.
- CIAMPO L. D.; CIAMPO I. D. Breastfeeding and the Benefits of Lactation for Women's Health. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia / Rbgo Gynecology And Obstetrics**, [S.L.], v. 40, n. 06, p. 354-359, 2018.
- DONATH S. M.; AMIR L. H.; ALSPAC S. T. Relationship between prenatal infant feeding intention and initiation and duration of breastfeeding: a cohort study. **Acta Paediatr.** [S.L.], V.92, n.3, p. 352- 356, 2007.
- ESTEVES T. M. B. **Fatores Associados ao Início Tardio da Amamentação**. 2014. 102 f. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2014.
- GRASSI A.; CECCHI F; SGHERRI G; GUZZETTA A. *et al.* Sensorized pacifier to evaluate non-nutritive sucking in newborns. **Medical Engineering & Physics**, [S.L.], v. 38, n. 4, p. 398-402, abr. 2016.

GONÇALVES, G. A. A. Fatores paternos influenciadores do diagnóstico de enfermagem Amamentação interrompida. 2019. 134 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Fortaleza, 2019.

HERMANSON Å.; ÅSTRAND L. L. The effects of early pacifier use on breastfeeding: a randomised controlled trial. **Women And Birth**, [S.L.], v. 33, n. 5, p. 473-482, set. 2020.

JUNGES C. F.; RESSEL L. B; BUDÓ M. L. D.; PADOIN S. M. M.; Percepções de puérperas quanto aos fatores que influenciam o aleitamento materno. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [S.L.], v. 31, n. 2, p. 343-350, jun. 2010.

MARTINS L. A.; OLIVEIRA R. M.; CAMARGO C. L; AGUIAR A.C. S. A *et al.* Practice of breastfeeding in quilombola communities in the light of transcultural theory. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.L.], v. 73, n. 4, p. 1-9, 2020.

MARTINS, L. A. **Cuidado ao recém-nascido em comunidade quilombola e a influência intergeracional**. 2014. 122 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Enfermagem, Salvador 2014.

MORAIS, A. C. **O cuidado à criança quilombola no domicílio à luz da teoria transcultural de Leininger**. 2013. 199f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Enfermagem, Salvador ,2013.

MONTESCHIO C. A. C.; GAÍVA, M. A. M.; MOREIRA, M. D. S. O enfermeiro frente ao desmame precoce na consulta de enfermagem à criança. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.L.], v. 68, n. 5, p. 869-875, out. 2015.

PEDROSA B. S.; SILVA R. M.; MUNIZ S. C. C. S. Orientações para a amamentação adequada e complicações do aleitamento materno inadequado- Revisão de literatura. **Rev. Cient. Sena Aires**,[S. l.], v. 5, n. 1, p. 79-86, 2016.

PRATES, L. A, POSSATI, A.B, TIMMET M. S. BORTOL, C. F. C *et al.* Características socioeconômicas e de saúde de um grupo de mulheres de uma comunidade quilombola. **Rev enferm UFPE on line**, Recife, v.10, n.1, p.103-11, 2016.

QUIRINO, L. S.; OLIVEIRA, J. D.; FIGUEIREDO M. F. E. R.; QUIRINO G. S. Significado da Experiência de não amamentar relacionado às intercorrências mamarias. **Cogitare Enferm**. v.16, n.4, p.628-33.

ROCHA, C. R.; VERGA, K. E.; SIPSMA, H. L.; LARSON, I. A. *et al.* Pacifier Use and Breastfeeding: a qualitative study of postpartum mothers. **Breastfeeding Medicine**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 24-28, jan. 2020.

ROLLINS, N. C.; BHANDARI, N.; HAJEEBHOY, N.; HORTON, S. *et al* Why invest, and what it will take to improve breastfeeding practices? **The Lancet**, [S.L.], v. 387, n. 10017, p. 491-504, jan. 2016.

SANTIAGO, L. B, RICARDINO, E.; VIEIRA, G.O. Direitos da Mulher Trabalhadora: na Gravidez, no Pós- Parto e Durante o Aleitamento Materno. **Sociedade Brasileira de Pediatria**. 2012.

SANKAR, M. J.; SINHA, B.; CHOWDHURY, R.; BHANDARI, N. *et al.* Optimal breastfeeding practices and infant and child mortality: a systematic review and meta-analysis. **Acta Paediatrica**, [S.L.], v. 104, p. 3-13, nov. 2015

SOUSA, T. M.; SANTOS, L. C.; PEIXOTO, É. F; LOPES, L. M. C. *et al* Factors Associated with Nipple Lesions in Puerperae. **Journal Of Tropical Pediatrics**, [S.L.], v. 62, n. 1, p. 63-68, 1 set. 2015

SOUSA V. D.; DRIESSNACK M.; MENDES I. A. C. Revisão dos desenhos de pesquisa relevantes para enfermagem. parte 1: desenhos de pesquisa quantitativa. **Rev Latino-am Enfermagem** [S.L.], v.15, n.3, 2007.

SOUZA, C. B. de; SANTO, L. C. do E.; GIUGLIANI, E. R. J. POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCENTIVO AO ALEITAMENTO MATERNO: A EXPERIÊNCIA DO BRASIL. 2017.

TAKEMOTO, A. Y.; SANTOS, A. L.; OKUBO, P.; BERCINI, L. O. *et al.* Preparo e apoio à mãe adolescente para a prática de amamentação. **Ciência, Cuidado e Saúde**, [S.L.], v. 10, n. 3, p. 444-451, jan. 2011.

TAVARES, C. I. M. **Fatores que contribuem para o abandono precoce do aleitamento materno. 2016.** 130f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia. Escola superior de Enfermagem do Porto, Porto, 2016.

TAYLOR, Y. J.; SCOTT, V. C.; CONNOR, C. D. Perceptions, Experiences, and Outcomes of Lactation Support in the Workplace: a systematic literature review. **Journal Of Human Lactation**, [S.L.], v. 36, n. 4, p. 657-672, 12 jun. 2020.

VENANCIO, S. I.; SALDIVA, S. R. D. M.; MONTEIRO, C. A. Tendência secular da amamentação no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 47, n. 6, p. 1205-1208, 2013.

VIDUEDO, A. F. S.; LEITE, J. R.C.; MONTEIRO, J. C. S.; REIS, M. C. G. *et al.* Mastite lactacional grave: particularidades da internação à alta. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.L.], v. 68, n. 6, p. 1116-1121, dez. 2015.

VICTORA, C. G.; HORTA, B. L.; MOLA, C. L.; QUEVEDO, L. *et al.* Association between breastfeeding and intelligence, educational attainment, and income at 30 years of age: a prospective birth cohort study from brazil. **The Lancet Global Health**, [S.L.], v. 3, n. 4, p. 199-205, abr. 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Guideline: protecting, promoting and supporting breastfeeding in facilities providing maternity and newborn services.** Geneva: WHO; 2017.

ZIMMERMAN, E. Pacifier and bottle nipples: the targets for poor breastfeeding outcomes. **Jornal de Pediatria**, [S.L.], v. 94, n. 6, p. 571-573, 2018.

Capítulo 10
O LÚDICO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL
Telma Lustosa Silva Santana

O LÚDICO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Telma Lustosa Silva Santana

Professora efetiva da rede municipal da Cidade de Parnaguá Pi, graduada em Licenciatura Plena em Normal Superior, graduada em Licenciatura Plena em Ciências Sociais, pós graduação em Orientação e supervisão escolar e em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Atualmente cursando Mestrado em Ciências da Educação, realizando um dos meus sonhos.

RESUMO

O presente trabalho trata do Lúdico como ferramenta pedagógica na educação infantil. Por essa razão, pretende como objetivo geral compreender o lúdico como ferramenta didático-pedagógica na educação infantil, e como objetivos específicos analisar a história do lúdico no desenvolvimento humano, além de constar o brincar como recurso pedagógico. A abordagem metodológica consiste em uma revisão de literatura, realizada a partir de livros, artigos e outras fontes acadêmicas, com a finalidade de traçar um embasamento teórico, utilizando pesquisadores tais como Antunes (2015), Campos (2019) e Piaget (2010). Foi possível concluir que há grande importância do brincar e do jogar para professores bem como para a sociedade, sendo fundamental conscientizar o valor de sua utilização em sala de aula, devendo ser indicado como um recurso utilizado para o desenvolvimento, aprendizado e recreação do aluno no seu processo ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Brincar. Educação infantil. Lúdico. Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Ao se percorrer a história da educação infantil, é possível perceber que a solicitude com a educação das crianças é produto da Revolução Industrial, pois antes deste período o status de criança era nulo; esta era vista como mini adulto e o termo infância sequer existia.

Segundo ARIÉS (2021), durante a Idade Média, antes da escolarização, as crianças frequentavam os mesmos locais que os adultos e não existia infância, pois os infantes teriam que trabalhar logo que chegassem à fase dos seis a sete anos de

idade. O autor ainda afirma que a duração da infância era reduzida a seu período mais frágil.

Foi durante a Revolução Industrial que emergiu a educação infantil e esta tinha um caráter assistencial, com o objetivo de ocupar a criança em substituição à família, uma vez que esta se encontrava afastada devido ao trabalho que era executado fora de casa.

O lúdico acompanha o homem ao longo da sua história, através dos jogos, da dança, da música, das artes, na construção de brinquedos para brincar, uma prática presente desde a pré-história nas pinturas rupestres. Não é nova a ideia de relacionar a educação das crianças aos jogos e às brincadeiras. Desde a Antiguidade Clássica enfatiza-se a importância dos jogos e brincadeiras na aprendizagem.

Na Grécia, Platão em “As leis” (1948), refere-se à importância de “aprender brincando”. Aristóteles, na “Ética a Nicômaco” e na Política, analisa a recreação como descanso do espírito”. Nos escritos de Horácio e Quintiliano, registra-se o interesse pelo jogo ao se referirem à produção de guloseimas em formas de letra, pelas doces de Roma, para auxiliar a aprendizagem das crianças (KISHIMOTO, 2017, p. 111).

Somente no século XVII surgem as primeiras preocupações com a educação infantil, pois é neste século que houve o reconhecimento da infância como uma fase do desenvolvimento humano. Tal concepção gerou mudanças profundas no cuidado e na relação entre família, sociedade e criança.

Por essa razão, o presente trabalho pretende como objetivo geral compreender o lúdico como ferramenta pedagógica na educação infantil, e como objetivos específicos analisar a história do lúdico no desenvolvimento humano, além de constar o brincar como recurso pedagógico.

A abordagem metodológica consiste em uma revisão de literatura, realizada a partir de livros, artigos e outras fontes acadêmicas, com a finalidade de traçar um embasamento teórico, utilizando pesquisadores tais como ANTUNES (2015), CAMPOS (2019) e PIAGET (2010). Quanto à abordagem, utiliza-se a metodologia qualitativa, por ser descritiva, na qual os dados obtidos foram analisados de forma dedutiva através de processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

2 O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Considerações teóricas

2.1 A história do lúdico no desenvolvimento humano

Segundo ARIÉS (2021), durante todo o século XVII, os pedagogos humanistas passam a perceber que os jogos têm valor educativo, porém os colégios jesuítas foram influenciados e passaram a ter uma opinião menos radical sobre os jogos, que até então eram associados aos jogos de azar e visto como atividade fútil.

A utilização dos jogos, brinquedos e brincadeiras infantis sofreu muitas transformações. Atualmente o lúdico para o desenvolvimento das crianças é valorizado em nossa cultura e por diferentes concepções e estudos realizados até os dias atuais.

O ato de brincar se caracteriza no amor, respeito, união entre os colegas, em socializar os brinquedos, os jogos e na troca de carinho nos momentos das atividades direcionadas com o intuito de despertar a aprendizagem de forma dirigida e participativa, as quais dependem em grande parte da motivação do docente que entusiasma a criança, e a faz corresponder aos conteúdos, ao conhecimento gerado nas crianças, respeitando-se seus interesses e suas necessidades e desafiando sua inteligência (OLIVEIRA, 1997).

No atual processo educacional, os docentes têm-se preocupado em inovar e dinamizar as aulas, apresentar brincadeiras e jogos que desenvolvam o aspecto cognitivo da criança, como: amarelinha, coelho na toca, faz-de-conta, pulacorda, brincar de casinha, adivinhações, fazer compras no mercado, profissões, dentre outros.

Para KISHIMOTO (2017), os brinquedos estruturados são aqueles que são adquiridos prontos como piões, bonecas. Os brinquedos não estruturados são aqueles que tomam forma na mão das crianças, como por exemplo, uma caixinha de fósforo pode virar um avião, uma garrafa pet pode virar um boneco, dentre outros.

É possível destacar estratégias que devem ser utilizadas em sala de aula, para desenvolver os conteúdos de forma lúdica, realizando atividades contextualizadas, com o objetivo de adquirir habilidades específicas no processo de aprendizagem, auferir melhorias.

Assim sendo, o livro, as brincadeiras de roda, de faz-de-conta, a arte, a natureza, a afetividade, o corpo e o movimento, o folclore, os objetos, a escrita, a oralidade, os brinquedos, enfim, “a vida que pulsa lá fora” deve ser o conteúdo da

educação infantil, porque as crianças estão inseridas neste contexto social, como afirma KUHLMANN (2010, p. 65):

“Quando se indica a necessidade de tomar a criança como ponto de partida, quer se enfatizar a importância da formação profissional de quem irá educar esta criança nas instituições de educação infantil. Não é a criança que precisa dominar conteúdos disciplinares, mas as pessoas que a educam. (...) tomar a criança como ponto de partida exigiria compreender que para ela, conhecer o mundo envolve o afeto, o prazer e o desprazer, a fantasia, o brincar e o movimento, a poesia, as ciências, as artes plásticas e dramáticas, a linguagem, a música e a matemática. Que para ela, a brincadeira é uma forma de linguagem, assim como a linguagem é uma forma de brincadeira (2010, p. 65)”.

Ao perceber o universo infantil desta forma, o planejamento assume um caráter de instrumento com o qual o educador organiza o seu trabalho educativo junto às crianças. É um momento de reflexão, de criação, de programação, de projeção, e, fundamentalmente, de avaliação e reencaminhamento de suas ações.

2.2 O brincar como dimensão da educação infantil

O ser humano, em todas as fases de sua vida, aprende e explora o mundo a sua volta, dessa forma, acontece o processo de apropriação, de trocas e aprendizagens que proporcionam ao homem a aquisição de conhecimentos desde muito cedo. Nos primeiros meses o bebê passa a explorar o mundo a sua volta, o brincar surge naturalmente como forma de explorar o desconhecido.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) N° 9.394/96 constitui a educação infantil o acolhimento às crianças em creches com até 3 anos de idade e na pré-escola com 4 a 6 anos de idade, em seus aspectos psicológicos, mentais e sociais, considerando a ação da família e de toda sociedade (BRASIL, 1996).

Segundo ANGOTTI (2006), a educação infantil é considerada como a fase mais importante para as crianças, pois possibilita as primeiras descobertas e os primeiros desenvolvimentos intelectuais, além de desenvolver vários aspectos importantes para vida de cada educando.

É na educação infantil que o aluno começa a se desenvolver, bem como é a fase que o professor deve trabalhar as práticas lúdicas com os seus alunos, pois esse brincar motiva a criança para que desperte a curiosidade, a motricidade, o

desenvolvimento e a percepção, faz com que as crianças desenvolvam uma visão mais crítica e inovadora do mundo.

De acordo com BERTOLDO (2011), o lúdico quando executado em sala de aula desenvolve nas crianças a facilidade de aprender, desperta a imaginação e a criatividade. Desta forma, entende-se que o lúdico é qualquer atividade que executada, possa gerar algum tipo de prazer, diversão, sendo desenvolvida na espontaneidade de cada um que a executa.

A ludicidade nos últimos anos conquistou um lugar de admirável valor na educação infantil, visto que o brincar é a essência da infância, e seu uso faz com que se tenha um trabalho pedagógico que permite a produção do conhecimento e afetividade na criança. De acordo com OLIVEIRA (2018), com uso das brincadeiras a criança estabelece uma relação natural, conseguindo extravasar suas angústias; suas alegrias e tristezas, sua afetividade e passividade.

Com bem afirma LIMA (2015), o lúdico é uma atividade essencial para as crianças. Sendo considerado como uma ferramenta de aprendizagem, na qual as crianças, desde pequenas, encontram-se com um mundo social, dotado de relações e sentimentos, do qual obtêm contato no momento em que constroem a sua identidade.

O lúdico nos últimos anos ganha um grande destaque no meio acadêmico pela sua contribuição e eficiência no desenvolvimento da aprendizagem, bem como é utilizado na educação infantil como uma ferramenta pedagógica utilizada para despertar na criança a essência de infância. Nesse sentido, o brinquedo permite um trabalho pedagógico que consente na produção do conhecimento e da aprendizagem.

Segundo CAMPOS (2019), o brincar, em sala de aula, é essencial; devendo ser considerado como prioridades nas atividades pedagógicas, bem como, deve ser contido no planejamento escolar, realizado por professores e coordenadores.

Conforme LIMA (2015), o educador não precisa ensinar a criança a brincar, pois é um ato que acontece naturalmente; o que deve ser feito é planejar as brincadeiras que devem ser usadas na sala de aula, devendo ser criativas, procurando sempre inovar com novos métodos e técnicas, sempre envolver todos os alunos para o ato de brincar. As brincadeiras quando bem desenvolvidas e executadas despertam o desejo e a motivação para o ato de brincar.

É perceptível o verdadeiro universo mágico do lúdico em sala de aula, visto que quando praticado pelo professor constrói um universo imaginário, estabelecendo uma

visão do mundo real e do mundo a ser construído com bases nas suas expectativas e anseios.

Sabendo da importância do lúdico na educação infantil, cabe agora analisar o próximo subitem, que fará referência ao papel do brinquedo na educação infantil, visto que o brinquedo não é apenas um passatempo utilizado pelo professor para desperdiçar tempo ou conteúdo, mais sim como uma forma pedagógica utilizada para o desenvolvimento da aprendizagem.

Segundo OLIVEIRA (2014), as brincadeiras não são apenas diversão, elas criam representações do mundo concreto com finalidade de entendê-lo e assim tornam-se um recurso para a aprendizagem. Esse teórico defende que o ensino infantil deve ser baseado na evolução natural das atividades das crianças, através de atividades espontâneas para que estas proporcionem um desenvolvimento verdadeiro.

WINNICOTT (2019), aborda a importância do brincar para o desenvolvimento infantil e a referência à ideia de que brincar deveria estar presente de forma predominante em todos os contextos frequentados pela criança ao longo do seu desenvolvimento. O desenvolvimento pode ser influenciado pela alimentação, cuidados básicos de higiene, condições socioeconômicas, estados emocionais, momento histórico e tudo o que compõe a vida do ser humano. As crianças têm o direito de ser e viver como criança, incluindo, além de todas as suas necessidades como a alimentação, carinho, educação, segurança, o brincar, pois de acordo com WINNICOTT (2019, p. 82), o brincar é entendido como a base por meio da qual a criança pode aprender a transformar e a utilizar objetos do mundo para neles inscrever os próprios gestos sem perder contato com a própria subjetividade.

Ao brincar a criança apropria-se do mundo adulto melindre da impossibilidade de desempenhar de fato a mesma tarefa realizada por um adulto. Como exemplo, ao brincar de bombeiro ela precisa usar a imaginação para substituir as operações realizadas por um bombeiro, pelas operações que estejam ao seu alcance. Mas ao contrário do que se pensa, nesse processo a criança não se distancia do mundo real, ao contrário, dessa forma a criança apreende o mundo a sua volta. É assim, por facilitar a apropriação do mundo a sua volta que o brincar torna-se uma atividade que auxilia no desenvolvimento de habilidades psicomotoras, físicas, e ajuda na socialização. O brincar favorece às crianças um modo de expressar seus sentimentos

e revela possíveis potencialidades, tornando-se então um meio facilitador dentro da educação infantil (VIGOTSKI, 2007).

Aparentemente essas brincadeiras não têm outra finalidade que não seja a recreação da criança, porém ao se observar mais cuidadosamente nota-se que durante o brincar a criança satisfaz seus interesses e necessidades e faz do brincar um meio privilegiado de inserir-se na realidade, pois este ato possibilita a ordenação, apreensão, compreensão e reconstrução do mundo que a cerca. O brincar é a atividade pela qual ela trabalha, descobre e reflete o mundo a sua volta.

Às crianças, ao contrário do adulto, são permitidas exercitar a imaginação, a fantasia, o movimento, a observação, a cooperação. Nas atividades desenvolvidas em sala, as crianças realizam ações conjuntas, brincam em parceria, comunicam-se através de gestos, transformam os espaços, vivem uma temporalidade distinta da dos adultos (SANTOS, 2013).

Tendo em vista o que foi mencionado sobre o brincar nas mais diferentes dimensões, percebe-se que o mesmo tem sua importância estudada e comprovada por diversas áreas do conhecimento, o que torna possível afirmar que a criança aprende brincando.

2.3 O brincar como recurso pedagógico

As brincadeiras e os jogos sempre estiveram presentes em diversos tempos da história, seja nas crenças ou na cultura presente em cada sociedade. O brincar e o jogar começam a constituir muito mais que um simples ato de brincar, mas sim como momentos de aprendizagem, auxiliando na saúde física (através dos exercícios físicos proporcionados por cada jogo); na saúde mental; intelectual e emocional.

Segundo PIAGET (2010), com 2 anos de idade as crianças já brincam sendo que as principais brincadeiras desenvolvidas por eles são: os gestos; sons; sinais e as brincadeiras de repetição. A partir dos 4 aos 6 anos de idade, a criança começa a utilizar os jogos de construção. As práticas dessas brincadeiras fazem com que a criança tenha uma maior aproximação com o mundo dos adultos.

Com o brinquedo, a criança inventa um universo imaginário, um mundo de faz de conta no qual o transforma em um mundo só seu, um mundo real. Segundo PIAGET (2010, p. 62):

O jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral. Por meio do mesmo, tem o processamento da construção do conhecimento, especialmente nos períodos sensório-motor e pré-operatório.

O brinquedo não é apenas utilizado para desperdiçar energia ou até mesmo um passatempo que o professor utiliza em sala de aula para desprezar tempo ou conteúdo, mas sim como uma ferramenta utilizada para desenvolver a aprendizagem, despertar a curiosidade e a criatividade.

Como relata TEZANI (2004), o brinquedo não é unicamente um passatempo para entreter os alunos, pelo contrário, eles correspondem a uma intensa cobrança do organismo e ocupa lugar de admirável valor na educação infantil. Através dessas práticas pedagógicas as crianças brincam espontaneamente, testam teorias e exploram a sua criatividade, fazendo com que desperte a curiosidade de cada criança que pratica o ato de brincar.

Segundo OLIVEIRA (2018), o brinquedo é um dos fatores responsáveis por desenvolver o sentimento realmente de criança, pois nessa fase a criança sente a necessidade de brincar, jogar, inventar, planejar e usar a sua imaginação para criar um mundo só seu. Nesse sentido, as crianças, desde pequenas, constroem seu espaço e seu tempo, ampliando a noção de eventualidade, chegando à reprodução e, por fim, à lógica. O jogador, a fim de jogar bem, se esforça para ultrapassar as barreiras tanto nos aspectos cognitivos como emocionais, usando a sua inteligência para alcançar o objetivo pretendido.

Com a brincadeira a criança instiga a inteligência, provocando a sua imaginação, desenvolvendo a sua criatividade, possibilitando o exercício de concentração, atenção e engajamento. O brincar ainda envolve várias crianças no ambiente escolar, promovendo trocas, partilhas, confrontos e negociações, viabilizando a construção da coletividade entre os alunos.

A necessidade da inclusão e utilização dos brinquedos, jogos e brincadeiras na prática pedagógica é uma realidade que se atribui ao professor um papel muito importante, pois ele será o mediador das práticas pedagógicas lúdicas em sala de aula. Segundo OLIVEIRA (2014), os brinquedos em sala de aula não devem ser explorados apenas para o lazer, mas também como meio bastante enriquecedores para suscitar a aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

A aprendizagem baseada no brinquedo dará à criança a probabilidade de relacionar-se melhor com a sociedade na qual convive, já que o brinquedo busca o desenvolvimento cognitivo, oportunidades de crescimento e o próprio amadurecimento das crianças.

Como retrata CAMPOS (2019), os professores precisam ter a consciência da estimação do brincar no processo ensino-aprendizagem, sendo este indispensável para a ampliação do conhecimento das crianças que praticam essa ação. Assim, cabe ao educador a tarefa de organizar a atividade da criança de modo cada vez mais complexo, definindo-a a partir dos objetivos pretendidos, tendo a consciência de que o brincar na escola não poderá ser considerado uma atividade complementar, e sim, como atividade principal e fundamental.

Segundo BENJAMIM (2009), o brincar e o jogar utilizados em sala de aula pelo professor devem ser planejados, devem conter situações que busquem a construção de significados, de indagações, que envolvam a emoção, a interação, afetividade, compreensão e ligações entre as pessoas. Desta maneira, essa ferramenta pedagógica irá despertar nas crianças a afetividade e principalmente momentos harmônicos.

Como bem afirma BRITO (2001), por meio do lúdico, os professores poderão auxiliar as crianças a recriarem uma visão do mundo, poderão ainda utilizar disciplinas como a matemática, leitura, para auxiliar no desenvolvimento do raciocínio lógico, ajudando a criança aprender de forma prazerosa e divertida.

Após analisar a importância do papel do brinquedo na educação infantil, cabe agora analisar o próximo subitem, os jogos no desenvolvimento psicológico da criança, visto que os mesmos passaram a constituir novas técnicas e métodos no ensino aprendido, principalmente na educação infantil.

2.4 Os jogos no desenvolvimento psicológico da criança

Os jogos sempre estiveram presentes na vida do ser humano, segundo KISHIMOTO (2017), o pensador Platão já assegurava que as crianças pequenas nos seus primeiros anos de vida já deveriam utilizar os jogos educativos. Ainda nas palavras de KISHIMOTO (2017), com o Cristianismo os jogos foram perdendo seu valor, sendo considerado como amorais e sem nenhum valor para quem jogava.

Somente os humanistas no século XVI, conseguiram compreender a importância dos jogos educativos. Os humanistas entenderam que não precisavam se envergonhar e nem ter permissão para utilizar os jogos. Depois deste fato, os teóricos que estavam à frente dos novos métodos da educação começaram a perceber a importância e a significação dos jogos para a educação infantil. Segundo KISHIMOTO (2017), os jogos foram se tornando essenciais na vida das crianças, como o trabalho foi sendo essencial na vida do homem.

Desta forma, o jogo foi ganhando grande visibilidade, pois através dele as crianças foram construindo o seu mundo e sua própria realidade, favorecendo o desenvolvimento da linguagem, da moral e do próprio psicológico. O jogo foi sendo visto, como o responsável por ajudar a exercitar a mente, a ampliação da linguagem e os costumes sociais. Segundo KISHIMOTO (2017), com o jogar a criança se sente feliz, pois brincando as crianças desenvolvem vários movimentos com o corpo, movimentos esses que ajudam a compreender e a relacionar conceitos de: próximo; bem longe; detrás; mais perto; em cima e na frente.

De acordo com OLIVEIRA (2014), o jogo auxilia ainda no desenvolvimento de relacionamentos, pois o ato de brincar e jogar faz com que tenha essa interação, tornando o aprendizado mais eficaz para as crianças que brincam, tornando a troca de conhecimentos vasta.

Levando em consideração o pensamento deste autor, o jogo teve diversas origens e culturas que foram se transformando em uma ferramenta importante para o desenvolvimento da criatividade; das regras; noção de espaço e lugar; bem como na execução da própria socialização com a sociedade.

Deste modo, foi através do jogo que a criança teve a construção e a visão do mundo que a cerca, fazendo com que absorvessem valores da própria sociedade. O jogo foi se tornando uma das formas mais naturais de fazer a criança entrar em contato com a realidade. Os jogos na educação infantil têm um grande valor educacional, tanto para a educação como para a vida de quem pratica (ANTUNES, 2015).

Os jogos proporcionam na vida das crianças momentos de diversão como também momentos de aprendizado. Segundo ANTUNES (2014), o jogo trabalha a ansiedade; diminui a dependência (desenvolvimento da autonomia); aprimora a coordenação motora; desenvolve a organização; o controle segmentar; aumenta a atenção e a concentração; desenvolve a antecipação e estratégia; amplia o raciocínio

lógico; desenvolve a criatividade; percebe figura, fundo e por fim trabalha o jogo (ensinar a ganhar e perde).

Segundo ANTUNES (2015), os jogos surgem na educação infantil quando as crianças estão construindo um mundo só seu, um mundo de imaginação e de faz de conta, onde seus desejos podem ser realizados através de um simples brinquedo, por exemplo, através dos brinquedos as crianças brincam de cozinheiro, médico, dentre outras profissões, podendo ocasionar futuramente um despertar para uma profissão. Através desse brincar a criança consegue chegar ao mundo dos adultos.

Os jogos não são somente entretenimentos, é mais do que isso, são formas de comunicação e interação da criança, com elas mesmas, com as outras crianças e com o mundo que a cerca. Segundo ANTUNES (2014), as mães devem estimular desde pequeninas as crianças a brincarem e a jogarem, pois essa ação de brincar ajuda na descoberta e criticidade da criança.

Brincando as crianças transformam simples objetos como, por exemplo, um cabo de vassoura eles transformam em um cavalo, criando um mundo imaginário e de faz de conta (BOMTEMPO, 2009).

Nota-se que o brinquedo desenvolve um importante mecanismo no desenvolvimento psicológico da criança, pois auxilia na construção do universo do faz de conta, fazendo com que a criança se comunique com o mundo real. Sendo que esse mundo faz com que essa criança se torne um ser mais alegre, mais cheio de autoconfiança, bem como mantenha uma comunicação com as pessoas que a cercam. De acordo com BRITO (2001), no brincar a criança edifica o seu conhecimento, sua imaginação, construindo uma personalidade crítica do mundo que a cerca.

CONCLUSÃO

Infelizmente, existem ainda professores que resistem em utilizar os jogos em seus planejamentos de aula, colocando-os exclusivamente como recreação informal. Muitos educadores ainda têm em mente que os jogos não surtem nenhum aprendizado para a criança que os praticam. Para a utilização desses jogos em sala de aula os mesmos devem ser projetados e realizados cuidadosamente. É necessário pesquisar os jogos de qualidade, que tenham finalidade e que alcancem um alto grau

de aprendizado, senão os mesmos se tornam ineficazes e sem nenhum objetivo educacional.

Torna-se proeminente revelar a importância do brincar e do jogar para os professores bem como para a sociedade, conscientizando-os do valor de sua utilização em sala de aula, devendo ser indicado como um recurso utilizado para um desenvolvimento, aprendizado e recreação do aluno no seu processo ensino aprendizagem.

É importante que seja observada a relevância dos jogos no desenvolvimento psicológico da criança e a importância que os mesmos desempenham na vida de cada um que pratica. O jogo se constitui em uma ferramenta de muito valor na educação Infantil, pois desperta e intensifica o lúdico, bem como ajuda na transferência de conhecimento didático-pedagógico sem que seja preciso um esforço tão grande e que muitas vezes acaba por cansar a criança.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências: os jogos e os parâmetros curriculares nacionais**. Campinas: Papyrus, 2015.

_____, C. **Jogos para Estimulação das Múltiplas inteligências**. Petrópolis: Vozes, 2014.

ANGOTTI, Maristela, (Org.). **Para que, e para quem e por quê**. In: _____./ **Educação Infantil**./ Campinas: Alínea, 2006.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2021.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação** (M. V. Mazzari, trad.). São Paulo, SP: Duas Cidades. 2009.

BERTOLDO, J. V. **Jogo, brinquedo e brincadeira: uma revisão conceitual**. 2011. Disponível em: www.ufsm.br/gepeis/jogo.htm. Acesso em 21 ago. 2023.

BOMTEMPO, E. **A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário**. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 06 ago. 2023.

BRITO, M. R. **Psicologia da educação matemática: Teoria e pesquisa**.

Florianópolis: Insular, 2001.

CAMPOS, M. C. R. M. **A importância do jogo no processo de aprendizagem.** 2019. São Paulo.

KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.): **Jogo, brinquedo, brincadeira, e a educação.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Infância e Educação infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

LIMA, Zélia Vitória Cavalcanti. **Jogo e desenvolvimento: brincadeira é coisa séria.** São Paulo: Martins fontes, 6º ed. 2015.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2018.

OLIVEIRA, Z de M. R de. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis. Vozes 2014.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: Editora Gen, 2010.

SANTOS, E. C. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche.** Petrópolis: Vozes, 2013.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. **O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos.** 2004. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=621>. Acesso em 09 ago. 2023.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente.** 6ª ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 2007.

WINNICOTT, D.W. **O brincar & a realidade.** Rio de Janeiro, Ubu, 2019.

Capítulo 11
IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO CONTINUADA SOBRE
ACIDENTES DE TRABALHO NO CONTEXTO HOSPITALAR:
REVISÃO DE LITERATURA
Ana Paula Alves da Silva

IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO CONTINUADA SOBRE ACIDENTES DE TRABALHO NO CONTEXTO HOSPITALAR: REVISÃO DE LITERATURA

Ana Paula Alves da Silva

Graduanda em Medicina

RESUMO

O ambiente de trabalho é um espaço que implica diferentes tipos de risco à saúde do colaborador. As atividades realizadas no contexto hospitalar predis põem a diversas alterações físicas, biológicas e emocionais aos empregados. Neste sentido, é importante a educação continuada visando a qualificação dos profissionais tendo em vista a exposição ocupacional e segurança técnica do local. Objetivou-se, portanto, identificar na literatura a eficácia da educação continuada sobre acidentes de trabalho no contexto hospitalar. Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura. A busca de artigos ocorreu por meio do Portal de Periódicos CAPES/MEC e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) com o uso dos seguintes Descritores de Ciências da Saúde (DeCS): saúde do trabalhador, enfermagem, educação continuada, totalizando uma quantidade de 7 artigos revisados, entre os meses de abril a maio de 2021. Os artigos em estudo mostraram que a educação continuada é uma estratégia de aprendizagem mútua entre a equipe que incorpora métodos de práticas seguras nos ambientes de trabalho. É notório o incentivo ao uso de EPI's e o treinamento do uso adequado. Quanto às matérias biológicas, observou-se que haviam maiores riscos de incidentes, mas que o programa de educação continuada ofertava conhecimento para que se atingissem metas hospitalares. Além disso, apesar de ser algo necessário, o processo de educação continuada implementado nas instituições ainda necessita de modificações, uma vez que muitos profissionais não têm acesso às informações, sujeitos esses que desempenham atividades onde o risco ocupacional é elevado. Em síntese, A educação continuada é uma ferramenta importante para a capacitação e qualificação profissional ao proporcionar a realização de práticas assim, que haja uma maior qualidade nesse processo. Para que possa haver a realização de práticas seguras

Palavras-chaves: Saúde do trabalhador; enfermagem; educação continuada

INTRODUÇÃO

O ambiente de atividade laboral deve conter meios arquitetônicos que ofereçam segurança ao profissional que faz uso deste ambiente. Para cada contexto de serviço

de saúde existe o risco ocupacional diferenciado e também, em diferentes graus de exposição.

O governo brasileiro na consolidação das leis trabalhistas sancionou a lei 8213/91 que define acidente de trabalho como o acidente ocorrido em exercício do trabalho pela empresa prestadora do serviço e a lei 6367/76 e seu artigo 2º esclareceu que o acidente ocorrido em ambiente de trabalho pode ocasionar lesão corporal, perturbação funcional, dano temporário ou permanente ou inclusive a morte.

Em virtude disso, as organizações trabalhistas devem manter protocolos de segurança a fim de orientar o trabalhador aos possíveis danos ocupacionais. Silva et al. (2020) esclarece o conceito de segurança no ambiente hospitalar, ratificando o risco de infecção oriundas do exercício da profissão e enfatiza a importância do treinamento profissional para que estes se tornem qualificados e aptos a mitigar os riscos que sua atividade laboral ofereça.

Neste sentido, a educação continuada visa de forma técnica e científica, mas também de maneiras objetivas e acolhedoras, tornar o profissional mais capacitado. Barreto et al (2021) apontaram aspectos de atenção criteriosa no contexto hospitalar, como duplas jornadas, estresse psicológico, demanda excessiva e quantidade insuficiente de profissionais. Alertaram ainda sobre a importância de manter um padrão de qualidade profissional para se evitar danos à saúde ocupacional. Assim, a educação continuada, entre os profissionais de saúde, impede a estagnação profissional e pessoal desses elementos, gerando um processo influente no desenvolvimento crítico e na percepção de que a busca de ensino é instrumento para aprendizagem. (COSWOSK et al.,2018)

A agência de vigilância sanitária (ANVISA) instituiu protocolos de biossegurança com ênfase nos pacientes, mas que culminam para o benefício da saúde do trabalhador, como por exemplo a lavagem das mãos. Outra estratégia usada para diminuir o risco de acidente com materiais hospitalares e os de sempre os descartar de maneira adequada e realizando a segregação dos mesmos assim que terminar de usa-los.

Em vista disso, foi criada a Comissão Interna de Acidentes de Trabalho (CIPA) que visa manter a organização da instituição para promover o meio de trabalho mais salubre possível. No contexto hospitalar, a CIPA desenvolve ações de proteção continuada para que os profissionais estejam preparados para incidentes que possam vir a ocorrer no exercício da profissão. Uma delas é instrução de manter as portas

corta fogo sempre fechadas como medidas de proteção corta chamas, assim também como instrução de uso de dispositivos como instidores de incêndio, escadas e rampas para evacuações de emergência. Batista et al., (2017) consideram que os hospitais devem destinar maiores investimentos aos programas de responsabilidades de saúde ocupacional, contribuindo para a mitigação dos riscos de incidentes e acidentes ao fomentar a aceção de responsabilidade em relação a sua segurança e saúde.

Portanto, faz-se imprescindível que os profissionais que trabalham e se expõem aos riscos distintos sejam orientados, rotineiramente, tendo em vista a proteção e a diminuição dos eventos, visando maior qualidade por meios de normas, rotinas, protocolos e insumos que garantam a segurança do trabalhador.

OBJETIVO

Identificar na literatura as estratégias utilizadas para a educação continuada sobre acidentes de trabalho no contexto hospitalar.

MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura. A revisão narrativa é uma modalidade de estudo de artigos que permite a discussão e ampliação de uma determinada temática por meio de pesquisa na literatura publicada em bases de dados diversas e confiáveis, permitindo assim, uma expansão do conhecimento do leitor de modo mais prático e não menos eficaz. A pergunta de pesquisa foi: Qual a importância da educação continuada sobre acidentes de trabalho no contexto hospitalar?

A busca de artigos se deu através do Portal de Periódicos CAPES/MEC e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) totalizando uma quantidade de 7 artigos revisados, entre os meses de Abril a Maio de 2021. Para a busca de artigos foram utilizados os seguintes descritores (DeCS): Saúde do trabalhador; educação em saúde, enfermagem. Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos em português, inglês e espanhol, publicados nos últimos cinco anos, texto completo na íntegra. E o de exclusão foi artigos que não abordavam a temática. Após a leitura dos artigos na íntegra foram elencados os principais resultados encontrados na literatura sobre a temática que contemplasse o objetivo do estudo em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação continuada para todos os trabalhadores de saúde envolvidos na assistência hospitalar é uma das principais estratégias que visam estimular a incorporação de práticas seguras durante a assistência em saúde. Assim, é uma ferramenta eficaz para a sensibilização dos profissionais frente a importância de uma prática segura e a aderência de medidas de biossegurança, a fim de prevenir acidentes no ambiente de trabalho (KRUMMENAUE et al.,2014).

Nesse sentido, foi observado que estratégias utilizadas foram palestras, o incentivo quanto ao uso de EPIs(Equipamentos de Proteção Individuais) e fatores de biossegurança podem evitar acidentes no trabalho. Sendo assim, o enfermeiro, junto as equipes, deve incentivar e construir mecanismos que auxiliem na conscientização dos EPI's. As palestras, sobre o uso de forma correta dos equipamentos, além de esclarecer principais dúvidas, incentiva os profissionais que não estejam fazendo uso correto a aderirem às normas com a finalidade de gerar um atendimento mais seguro tanto para os profissionais quanto aos pacientes (FERREIRA; NASCIMENTO,2017)

Além disso, os achados desse estudo, destacam que os riscos mais prevalentes no ambiente de trabalho hospitalar foram os relacionados aos riscos biológicos, pois se caracteriza como um ambiente onde os indivíduos estão constantemente susceptíveis a terem contatos direto com microrganismos e material orgânico que podem vir a interferir de forma direta na sua saúde. (NASCIMENTO et al.,2020)

A educação continuada na enfermagem acarreta benefício para a equipe, como também para a instituição, uma vez que o intuito é qualificar os profissionais. Por meio da educação continuada pode-se trabalhar competências pessoais e profissionais, possibilitando assim, alcançar metas institucionais ofertando também um cuidado mais seguro ao usuário do serviço. (CARVALHO, 2020)

Dessa forma, torna-se imprescindível que a educação continuada seja implementada e estimulada nos serviços de saúde. Para que a implementação da mesma seja efetiva, torna-se necessário o planejamento dinâmico e participativo no intuito de atender, diretamente, as necessidades daquele serviço e dos profissionais. Entretanto, apesar de ser algo imprescindível, a implementação da educação continuada, ainda enfrenta algumas limitações como problemas relacionados a

infraestrutura, não cumprimento da programação, falta de planejamento, dentre outros fatores. (SILVA; SEIFFERT, 2009)

Apesar de ser algo necessário, o processo de educação continuada implementado nas instituições ainda necessita de modificações, uma vez que muitos profissionais não têm acesso às informações, sujeitos esses que desempenham atividades onde o risco ocupacional é elevado. Isso deve-se ao fato de as capacitações não abrangerem todos os plantões, bem como necessidades de mais profissionais para ministra-las e escassez de informações. (CUNHA; MAURO, 2010)

CONCLUSÃO

A educação continuada é uma ferramenta importante para a capacitação e qualificação profissional. As instituições, em sua maioria, ofertam capacitação para os profissionais. Como treinamento, simulados, palestras, entre outras metodologias. Entretanto, observa-se que ainda há fragilidades, necessitando assim, que haja uma maior qualidade nesse processo. Para que possa haver a realização de práticas seguras. Dessa forma, torna-se necessário que esta seja estimulada nos serviços de saúde. No intuito de proporcionar segurança para o profissional, usuário e instituição.

REFERÊNCIAS

BARRETO, G.A. A; OLIVEIRA JML; CARNEIRO, B. A. ; BASTOS, M. A. C ; CARDOSO, G.M.P ; FIGUEREDO, W.N . Condições de trabalho da enfermagem: uma revisão integrativa. REVISA.v.10.n1.p13-21. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/676/576>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

BATISTA, E. S.; FERREIRA, D. N. S; SANTOS, J. O; GÓES, A. O. S. Acidentes de trabalho no brasil: revisão bibliográfica no âmbito hospitalar. Cadernos de aula do LEA, [S. I.], p. 81-92, 6 dez. 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Windows10/Downloads/131-184-PB .pdf](file:///C:/Users/Windows10/Downloads/131-184-PB.pdf). Acesso em: 21 maio 2021.

BRASIL, LEI No 6.367, DE 19 DE OUTUBRO DE 1976. Presidência da

República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Diário da União. Brasília-DF 19 de outubro de 1976. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6367.htm#:~:text=ao%20empregado

%20dom%C3%A9stico.-,Art.,da%20capacidade%20para%20o%20trabalho. Acesso em: 06 de junho de 2021.

BRASIL, Presidência da república casa civil subchefia para assuntos jurídicos. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. Nº lei nº 8.213, de 24 de junho de 1991. (vide decreto nº 611, de 1992) (vide decreto nº 2.172, de 1997) (vide decreto nº 2.346, de 1997) (vide decreto nº 3.048, de 1999) (vide medida provisória nº 291, de 2006) (vide lei nº 13.135, de 2015) dispõe sobre os planos de benefícios da previdência social e dá outras providências. Diário da união. Brasília-df, 21 maio 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm . Acesso em: 21 maio 2021.

CARALHO, D. J., A importância da educação continuada em enfermagem. Rev. Saberes, Rolim de Moura, vol. 12, n. 1, jun, 2020. Disponível em : <https://facsaopaulo.edu.br/wp-content/uploads/sites/16/2020/06/A-IMPORTANCIA-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-CONTINUADA-NA-ENFERMAGEM..pdf> . Acesso em: 21 de maio de 2021.

COSWOSK, É. D. ; ROSA, C. G. S. ; CALDEIRA, A. B. ; SILVA, N. C. R ; ROCHA, J. M . Educação continuada para o profissional de saúde no gerenciamento de resíduos de Saúde. Revista RBAC, Teixeira de Freitas-BA, p. 1-6, 6 nov. 2018. Disponível em: <http://www.rbac.org.br/artigos/educacao-continuada-para-o-profissional-de-saude-no-gerenciamento-de-residuos-de-saude/> . Acesso em: 21 maio 2021.

CUNHA, A.C.; MAURO, M.Y.C. Educação continuada e a norma regulamentadora 32: utopia ou realidade na enfermagem? Revista brasileira de saúde ocupacional.v 35.n122, 2010

FERREIRA, R.G.S, NASCIMENTO, J.L; Interface educação continuada/enfermagem do trabalho: otimizando a usabilidade dos EPI's em clínica médica. Revista Recien. v.20 ; n. 7 ; p. 105-114 , 2017. Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/230> . Acesso em : 21 de maio de 2021.

KRUMMENAUER, E. C ; MACHADO, A. A. J. ; KAUTZMANN, E. A. ; RITTA, M. C. ; HASS, F. CARNEIRO, M. ; educação continuada: uma ferramenta para a segurança do cuidado. Rev Epidemiol Control Infect. v. 3 ; n.4 ; p.221- 222,2014. Disponível em : https://www.researchgate.net/publication/284785183_EDUCACAO_CONTINUA_DA_UMA_FERRAMENTA_PARA_A_SEGURANCA_DO_CUIDADO . Acesso em: 21 de maio de 2021.

NASCIMENTO, M. N. R ; SANTOS, A. G. ; BARROS, L. A. F ; OLIVEIRA, C. J, FÉLIX, N. D. C. Cuidados de enfermagem na proteção e prevenção de riscos para o enfermeiro: revisão da literatura. J. nurs. health. v.10 ,2020. Disponível em : <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/14717/11> 158. Acesso em : 21 de maio de 2021.

SILVA, G. M.; SEIFFERT, O.M.L.B. Educação continuada em enfermagem: uma proposta metodológica. Revista brasileira de enfermagem. v.62. n.3,2009. Disponível em: scielo.br/j/reben/a/JzZfqNYkdhL5RLt6bvr3sBm/?lang=pt . Acesso: 22 de maio de 2021.

SILVA, T. A ; ARAGÃO, S. A ; ANDRADE, M. B. ; RIBEIRO, B. S . Importância do ensino de biossegurança na formação de técnicos em enfermagem: relato de experiência. Revista Uruguaya de Enfermería, Uruguai, v. 15, p. 1-10, 2020. Disponível em: <http://rue.fenf.edu.uy/index.php/rue/article/view/294/322> . Acesso em: 21 maio 2021.

Capítulo 12

**APRENDIZAGEM COLABORATIVA INTERNACIONAL NA
CARREIRA ODONTOLÓGICA DA UNIVERSIDADE
NACIONAL DE CÓRDOBA-ARGENTINA E UNIVERSIDADE
COMPLUTENSE DE MADRID-ESPANHA**

Fabiana Pía Marina Carletto-Körber

Inmaculada Casado Gómez

Pablo Alejandro Fontanetti

María Rosa Mourelle Martínez

Carla Rotter Maurin

Nuria E. Gallardo López

Fernando Rafael Vázquez

María Sol Armando

José Francisco Martín Morales

**APRENDIZAGEM COLABORATIVA INTERNACIONAL NA CARREIRA
ODONTOLÓGICA DA UNIVERSIDADE NACIONAL DE CÓRDOBA-
ARGENTINA E UNIVERSIDADE COMPLUTENSE DE MADRID-
ESPANHA**

Fabiana Pía Marina Carletto-Körber

*Professor Universitário de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da
Universidade Nacional de Córdoba (UNC) – Argentina - fabiana.carletto@unc.edu.ar*

Inmaculada Casado Gómez

*Professor Universitário de Odontologia Preventiva da Faculdade de Odontologia da
Universidade Complutense de Madrid (UCM) – Espanha – incasago@ucm.es*

Pablo Alejandro Fontanetti

*Professor Universitário de Metodologia da pesquisa em ciências da saúde da
Faculdade de Odontologia da Universidade Nacional de Córdoba (UNC) – Argentina
– pablo.fontanetti@unc.edu.ar*

María Rosa Mourelle Martínez

*Professor Universitário de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da
Universidade Complutense de Madrid (UCM) – Espanha – mrmourel@ucm.es*

Carla Rotter Maurin

*Professor Universitário de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da
Universidade Nacional de Córdoba (UNC) – Argentina – carla.rotter@unc.edu.ar*

Nuria E. Gallardo López

*Professor Universitário de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da
Universidade Complutense de Madrid (UCM) – Espanha – negallar@ucm.es*

Fernando Rafael Vázquez

*Professor Universitário de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da
Universidade Nacional de Córdoba (UNC) – Argentina –*

Fernando.vazquez@unc.edu.ar

María Sol Armando

*Professor Universitário de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da
Universidade Nacional de Córdoba (UNC) - Argentina*

José Francisco Martín Morales

*Professor Universitário de Odontologia Preventiva da Faculdade de Odontologia da
Universidade Complutense de Madrid (UCM) – Espanha – josefrma@ucm.es*

RESUMO

Promover atividades de internacionalização dirigidas ao desenvolvimento de competências interculturais nos estudantes da carreira de Odontologia, com a metodologia COIL entre a Universidade Nacional de Córdoba-Argentina (FO-UNC) e a Universidade Complutense de Madrid-Espanha (FO-UCM). Participaram 24 alunos, das disciplinas de Odontopediatria e Preventiva e Saúde Pública da FO-UNC e FO-UCM respectivamente, 12 de cada unidade acadêmica. Os encontros síncronos foram realizados através da plataforma Google Meet e o trabalho assíncrono foi realizado através de Google Drive e WhatsApp. Os participantes foram divididos em 4 grupos compostos por 6 alunos, 3 de cada universidade. A etapa inicial do curso incluiu atividades dirigidas à socialização e construção de confiança e permitiu que os alunos conhecessem e se esclarecessem sobre diferentes culturas. Além disso, a equipa de professores apresentou os principais componentes do COIL relacionados com a aprendizagem intercultural e com os conteúdos específicos para o trabalho colaborativo do projeto: "Hábitos alimentares saudáveis em crianças e adolescentes de diferentes culturas". Cada grupo (G) trabalhou de forma assíncrona, acompanhado pelos seus tutores das duas universidades, para a elaboração de um vídeo informativo-educativo sobre os seguintes temas: G1 Rotulagem de alimentos, G2 Consumo de bebidas energéticas em adolescentes, G3 Café da manhã e lanche em escolas e G4 Aleitamento materno; e foram apresentados em plena síncrona. No final do curso, foi enviado um questionário (Google Form) aos alunos e professores, respondido por 87,5% (n = 21) e 100% (n = 9) respectivamente. Foi uma experiência pedagógica enriquecedora para os alunos e para os professores de ambas as instituições, favorecendo a consolidação da equipa de professores e a formação de futuros profissionais com habilidades para atuar num mundo globalizado.

Palavras-chave: COIL, Internacionalização da educação, Interculturalidade.

ABSTRACT

Promote internationalization activities aimed at the development of intercultural competences in students of the Dentistry career, with the COIL methodology between the National University of Córdoba-Argentina (FO-UNC) and the Complutense University of Madrid-Spain (FO-UCM). The professors at both Universities designed the course-workshop COIL for project-based learning, to be developed for 4 weeks. 24 students participated, from the subjects of Pediatric Dentistry and Preventive and Public Health of the FO-UNC and the FO-UCM respectively, 12 from each academic unit. The synchronous meetings were carried out through the Google Meet platform and for asynchronous work Google Drive and WhatsApp were used. The participants were divided into 4 groups composed of 6 students, 3 from each university. The initial stage of the course included activities aimed at socializing and building confidence and allowed students to get to know and enlighten themselves about different cultures. In addition, the team of teachers presented the main components of COIL related to intercultural learning and the specific content for the collaborative work of the project: "Healthy eating habits in children and adolescents from different cultures". Each group (G) worked asynchronously accompanied by the tutors of both universities, for the development and elaboration of an informative-educational video on the following topics: G1 Front labeling of food, G2 Consumption of energy drinks in adolescents, G3 Breakfast and snack in schoolchildren and G4 Breastfeeding; and were presented in synchronous plenary. At the end of the course, a survey (Google Form) was sent to students and teachers, it was answered by 87.5% (n = 21) and 100% (n = 9) respectively. It was an enriching pedagogical experience for both students and teachers of both institutions, favoring the consolidation of the team of teachers and the training of future professionals with skills to function in a globalized world.

Keywords: COIL, Internationalization of education, Interculturality.

Introdução

O Aprendizagem Colaborativa Internacional Online (Collaborative Online International Learning: COIL), é uma estratégia que combina a aprendizagem virtual e a colaboração internacional, para proporcionar aos alunos uma experiência de aprendizagem intercultural. Estudantes de diferentes países trabalharam juntos em projetos colaborativos on-line, desenvolvendo habilidades de comunicação, pensamento crítico, trabalho em equipa, aprendendo uns com os outros e promovendo suas competências interculturais no processo. Foram feitas reflexões sobre em que medida as diferenças culturais e as semelhanças de valores, expectativas, crenças e práticas seriam asuperadas, alcançando um ambiente inclusivo e abordando as diferenças específicas existentes nas instituições desde uma perspectiva de "adaptação mútua" (1).

Objetivo

Promover atividades de internacionalização que visem o desenvolvimento de competências interculturais nos estudantes da carreira de Odontologia, a partir da implementação de um Curso-Oficina com a metodologia COIL, entre as Faculdades de Odontologia da Universidade Nacional de Córdoba-Argentina (FO-UNC) e a Universidade Complutense de Madrid-Espanha (FO-UCM).

Metodologia de pesquisa

Os professores de ambas as Universidades, elaboraram de forma coordenada e dialogada uma atividade para a aprendizagem baseada em projetos, com o tema: "Hábitos alimentares saudáveis em crianças e adolescentes de diferentes culturas". (Res HCD 2022-275-E-UNC-DEC#FO. Apoio institucional Vice-Pró-Reitor de Qualidade e Relações Internacionais. 27-09-2022 FO-UCM), durante 4 semanas. As reuniões síncronas foram realizadas por meio da plataforma Google Meet, por outra parte, foram utilizados para trabalhos assíncronos as plataformas Google Drive e WhatsApp. Foram convidados a participar alunos (n=24) das disciplinas de Odontopediatria e Preventiva e Saúde Pública da FO-UNC e da FO-UCM, respectivamente, 12 alunos de cada unidade académica. Os critérios de seleção foram os estabelecidos para as bolsas de mobilidade estudantil. Os participantes foram divididos em 4 grupos compostos por 6 alunos, 3 de cada universidade. A etapa inicial do curso incluiu atividades dirigidas à socialização e construção de confiança e permitiu que os alunos conhecessem e se esclarecessem sobre diferentes culturas em aspectos tais como a música, lugares para visitar, festas locais, nacionais e comidas típicas. De acordo com o roteiro estabelecido, a equipa de professores apresentou de forma síncrona os principais componentes do COIL relacionados com a aprendizagem intercultural. Posteriormente, foi ensinado o conteúdo específico do trabalho colaborativo do projeto. Durante as semanas seguintes, os professores acompanharam e orientaram cada um dos grupos de alunos para a preparação do trabalho final. No final do curso, os alunos e os professores receberam um questionário com 10 questões (Formulário Google), que abordava os aspetos relacionados com emoções, sentimentos e aprendizagem.

Resultados

Cada grupo (G) trabalhou ativamente durante as quatro semanas acompanhado pelos tutores das duas universidades nos seguintes temas: G1 Frente rotulagem dos alimentos, G2 Consumo de bebidas energéticas nos adolescentes, G3 Café da manhã e lanche nos escolares e G4 Os primeiros 1000 dias: alimentação. Ao acabar o trabalho, elaboraram um resumo e um vídeo educativo-informativo que foi apresentado por cada equipa de alunos em plena sincronia. Os professores incentivaram o debate e a discussão dos temas apresentados, fazendo um retorno a cada apresentação. A pesquisa enviada aos alunos e professores foi respondida por 87,5% (N=21) e 100% (N=9), respectivamente. Quanto aos alunos e relativamente aos temas de emoções e sentimentos vividos pelos mesmos, antes do curso-oficina, apenas metade se sentiu entusiasmado e motivado; relativamente à outra metade, experimentaram sentimentos de medo, estresse e indiferença. No final do curso, a maioria apresentou sentimentos positivos, como felicidade, motivação e entusiasmo, e apenas uma minoria ficou indiferente. Em relação ao nível de satisfação referente à aprendizagem alcançada durante os encontros síncronos e o trabalho assíncrono foi de 96,2% e 90,5%, respectivamente. Quanto às habilidades bem-sucedidas dessa experiência, destacou-se o desenvolvimento para aprender a trabalhar e estudar de forma colaborativa e organizar horários. Por último, 90,5% dos estudantes gostaria de participar num projeto do COIL. Referente aos resultados da investigação em professores, 77,8% conheciam esta metodologia antes do acordo interinstitucional e 88,9% consideraram que complementaria o ensino. A maioria dos professores mostrou-se plenamente satisfeito com o desenvolvimento do curso-oficina e afirma que o trabalho de grupo lhes permitiu aprender mais sobre a cultura de outro país. 100% dos professores gostariam de participar em outro projeto do COIL.

Análise de dados

A internacionalização e a aprendizagem on-line têm tido um aumento no ensino superior nos últimos anos, em todo o mundo ⁽²⁾. A investigação levantou as possibilidades de mobilidade virtual para internacionalização e digitalização do ensino superior, concepções de aprendizagem inovadora, impacto no interesse dos

estudantes e o desenvolvimento de uma série de competências, tais como a aprendizagem de línguas e as competências interculturais, digitais ou profissionais ⁽³⁾.

Na nossa experiência, a avaliação e a percepção dos estudantes participantes na mobilidade virtual foram positivas, concordando com outros estudos, Otto (2018), Andone (2018) ⁽⁴⁾. Nesta linha, os alunos participaram na abordagem de uma área temática comum aos programas de formação dos sujeitos, referentes aos hábitos alimentares saudáveis de crianças e adolescentes de diferentes culturas. A reflexão no contexto do ensino superior é particularmente reforçada em termos de competências interculturais.

Considerações finais

A implementação do curso-workshop com a estratégia COIL entre as Faculdades de Odontologia da Universidade Nacional de Córdoba-Argentina (FO-UNC) e a Universidade Complutense de Madrid-Espanha (FO-UCM), promoveu a internacionalização curricular e a integração de perspectivas globais no ensino de uma importante área da Odontologia. A maioria dos estudantes experimentou sentimentos positivos e aumentou a sua motivação para o trabalho colaborativo e aprendizagem intercultural. Em suma, foi uma experiência pedagógica enriquecedora tanto para alunos como para os professores de ambas as instituições, favorecendo a consolidação da equipa de professores e a formação de futuros profissionais com habilidades para atuar num mundo globalizado.

Referências

1. Jones, E., Leask, B., Brandenburg, U., & de Wit, H. (2021). Global Social Responsibility and the Internationalisation of Higher Education for Society. *Journal of Studies in International Education*, 25(4), 330–347.
2. Kahn, P. E. y Misiaszek, L. I. (2019). Educational mobilities and internationalised higher education: critical perspectives. *Teaching in Higher Education*, 24(5), 587-598.
3. Otto, D. (2018). The challenge of virtual mobility: pedagogical models and good practices. En A. López Martínez, I. Candel Torres, y L. Gómez Chova (Eds.), *INTED2018 Conference Proceedings* (pp. 3368-3376). Valencia: IATED Academy.

4. Andone, D., Vert, S., Frydenberg, M., y Vasiu, R. (2018). Open Virtual Reality Project to Improve Students' Skills. IEEE 18th International Conference on Advanced Learning Technologies (ICALT), Mumbai, India, 2018, pp. 6-10.

AUTORES

Ana Lídia Bentes Amazonas

Graduanda Medicina

Ana Paula Alves da Silva

Graduanda Medicina

Andréia Cristina Schutz

Graduada em Psicologia; Universidade de Contestado (UNC); Mafra-SC

andreia_schutz@hotmail.com

Antonia Dyeylly Ramos Tôrres Rios

Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal do Piauí-UFPI/EBSERH. Mestranda em Saúde da Mulher PPGSM/UFPI

Carla Rotter Maurin

Professor Universitário de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da Universidade Nacional de Córdoba (UNC) – Argentina – carla.rotter@unc.edu.ar

Carolina Pereira Moreno

Graduanda Medicina

Clarissa Bezerra de Santana

Médica

Cláudia Mara Witt Ratochinski

Docente na Universidade do Contestado – Campus Mafra, Mestre do Programa de Desenvolvimento Regional (PMDR)

claudiawitt.psicologia@yahoo.com.br

Erica Fernanda Bastos Avelino

Mestranda em Ciências da Educação; Universidade Autônoma de Assunção (UAA).

erica12psico@gmail.com

Erico Tadeu Xavier

Doutor em Teologia e professor no curso de pós-graduação da Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba, PR. Email: etxacademico@gmail.com

Erik David Alves Tomaz

Graduando Medicina

Fabiana Pía Marina Carletto-Körber

Professor Universitário de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da Universidade Nacional de Córdoba (UNC) – Argentina - fabiana.carletto@unc.edu.ar

Fabiana Rodrigues de Oliveira Melo

Graduanda Medicina

Fernando Rafael Vázquez

Professor Universitário de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da Universidade Nacional de Córdoba (UNC) – Argentina – Fernando.vazquez@unc.edu.ar

Giselle Caroline Fuchs

Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade do Contestado (UnC). Docente do curso de Psicologia na Universidade do Contestado (UnC). Av. Presidente Nereu Ramos, 1071, Jardim Moinho - CEP 89306-076 giselecaroline@unc.br

Hercules Guimarães Honorato

Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), na linha de pesquisa de Políticas Públicas e Gestão, ano de conclusão 2012. Doutor e Mestre em Política e Estratégia Marítimas pela Escola de Guerra Naval (EGN), pelo Sistema de Ensino Naval, anos de conclusão, respectivamente, 2007 e 1999. Especialista em Logística e Gestão Internacional pelo Instituto COPPEAD de Administração, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), anos de conclusão, respectivamente, 2009 e 2007. Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto a Vez do Mestre (IAVM), da Universidade Cândido Mendes (UCAM), ano de conclusão 2008. Bacharel em Ciências Navais, com habilitação em Administração de Sistemas, pela Escola Naval,

ano de conclusão 1982. Ex-integrante do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra (ESG) de 2009 a 2012, retornando à instituição em nov. de 2017 e encerrando contrato em outubro de 2019, Chefe da Divisão Psicossocial desde junho de 2018 e professor dos Cursos de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE) e de Logística e Mobilização Nacional (CLMN). Professor da Escola Naval de setembro de 2012 a outubro de 2017 das Disciplinas de Metodologia da Pesquisa e Introdução à Logística Naval; e Chefe do Centro de Estudos. Em 2021 passou a exercer função de Superintendente de Pesquisa e Gestão do Conhecimento do Núcleo de Implantação do Instituto Naval de Pós-Graduação (NI-INPG) no Rio de Janeiro. Autor do livro: Relato de uma experiência acadêmica: o “eu” professor-pesquisador, volumes I (2019), II (2020), III (2021) e IV (2022).

Inmaculada Casado Gómez

Professor Universitário de Odontologia Preventiva da Faculdade de Odontologia da Universidade Complutense de Madrid (UCM) – Espanha – incasago@ucm.es

Janaina Dias Casseb

Graduanda Medicina

Jardilene Veloso Sousa

Pós-Graduanda em Psicopedagogia/AEE; Centro de Avaliação, Planejamento e Educação do Maranhão(CAPEM), Santa Inês-MA. jardilenesousa38@gmail.com

Joice Simionato Vettorello

Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal do Rio Grande-FURG/EBSERH. Mestre em Ciências da Saúde do PPGEnf/UFPel. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEnf/EEenf/FURG)

José Francisco Martín Morales

Professor Universitário de Odontologia Preventiva da Faculdade de Odontologia da Universidade Complutense de Madrid (UCM) – Espanha – josefrma@ucm.es

Kátia Silene de Ávila Leivas

Licenciada em Pedagogia (FURG), Especialista em Alfabetização e Letramento (UFPEL), Mestre em Educação Ambiental – FURG. Atua como professora na Educação infantil e na Coordenação dos Anos Iniciais na EMEF Olavo Bilac local do presente relato de experiência.ktleivas@gmail.com

Katia Veronica Rocha da Silva

Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal do Piauí- UFPI/EBSERH

Laís Fuerst Pacheco

Graduada em Psicologia; Universidade de Contestado (UNC); Mafra-SC
lais.fuerst.pacheco.23@gmail.com

Lindomi Oliveira de Souza Junior

Graduando Medicina

Luciana Costa Serra Braga

Graduanda Medicina

Maria Elidiane Lopes Ferreira Lima

Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal do Piauí- UFPI/EBSERH

Maria Elisa Soares dos Anjos

Graduanda Medicina

María Rosa Mourelle Martínez

Professor Universitário de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da Universidade Complutense de Madrid (UCM) – Espanha – mrmourel@ucm.es

María Sol Armando

Professor Universitário de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da Universidade Nacional de Córdoba (UNC) - Argentina

Nuria E. Gallardo López

Professor Universitário de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da Universidade Complutense de Madrid (UCM) – Espanha – negallar@ucm.es

Ozineide Nascimento Santos

Pós-Graduanda em Psicopedagogia/AEE; Centro de Avaliação, Planejamento e Educação do Maranhão(CAPEM), Santa Inês-MA. osineidysantos0512@gmail.com

Pablo Alejandro Fontanetti

Professor Universitário de Metodologia da pesquisa em ciências da saúde da Faculdade de Odontologia da Universidade Nacional de Córdoba (UNC) – Argentina – pablo.fontanetti@unc.edu.ar

Paula Tanonaka Taira

Graduanda Medicina

Ranilson Edilson da Silva

Doutorando em Ciências da Educação; Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS). prof.ranilsonuema@gmail.com

Rebeca Barreira Veleda

Graduanda Medicina

Rute Soares Sousa

Pós-Graduada em Psicopedagogia. rotina.soares88@hotmail.com

Sulema de Brito Moura

Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal do Piauí- UFPI/EBSERH

Taiane Soares Vieira

Enfermeira do Hospital Universitário da Universidade Federal do Piauí- UFPI/EBSERH. Mestre em Enfermagem PPGE/UFPI

Telma Lustosa Silva Santana

Professora efetiva da rede municipal da Cidade de Parnaguá Pi, graduada em Licenciatura Plena em Normal Superior, graduada em Licenciatura Plena em Ciências Sociais, pós graduação em Orientação e supervisão escolar e em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Atualmente cursando Mestrado em Ciências da Educação, realizando um dos meus sonhos.

Thelma Pinto Alves

Pós-Graduanda em Psicopedagogia/AEE; Centro de Avaliação, Planejamento e Educação do Maranhão (CAPEM), Santa Inês-MA. thelma.marawell@gmail.com

uniatual
EDITORIA

ISBN 978-658601359-7



9 786586 013597